

DARLAN LUIZ SILVA SANTOS

OS *PAPROCKI BOYS*?: E AS NOVAS TERAPÊUTICAS
PSIQUIÁTRICAS NO HOSPITAL GALBA VELLOSO (1963-1971)

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2015

DARLAN LUIZ SILVA SANTOS

OS *PAPROCKI BOYS*?: E AS NOVAS TERAPÊUTICAS
PSIQUIÁTRICAS NO HOSPITAL GALBA VELLOSO (1963-1971)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS
GERAIS COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO
TÍTULO DE MESTRE EM HISTÓRIA

LINHA DE PESQUISA: CIÊNCIA E CULTURA NA HISTÓRIA

ORIENTADORA: ANA CAROLINA VIMEIRO GOMES

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2015

Resumo:

Pretendemos na presente dissertação investigar a formação do grupo de psiquiatras conhecido como Paprocki Boys, que trabalhou no Hospital Galba Velloso, em Belo Horizonte, nos anos 1963 a 1971. Analisaremos as ações médico-científicas e estratégias desse grupo para legitimação e divulgação das práticas terapêuticas empreendidas nesse hospital. Nesse esforço de legitimação, eles estiveram envolvidos em iniciativas médico-científicas e institucionais como: a criação de uma revista especializada (*Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*), o lançamento do manual de psicofármacos (o livro *Psicofármacos*), a organização de congressos de psiquiatria (o principal nesse período foi o 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria em 1970), a criação da Residência Psiquiátrica em 1968 e a criação da FEAP (Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica) em 1968. Os Paprocki Boys conseguiram levar a diante o estilo de pensamento do qual o grupo partilhava. Todavia, mesmo dentro do grupo havia coletivos de pensamentos diferentes e em oposição, o que, supomos, levou a desagregação do grupo após 1971 com a saída de Jorge Paprocki do Galba Velloso. Para analisarmos a formação dos Paprocki Boys e as terapêuticas adotadas por esse grupo, mobilizamos como referencial teórico a linha de pensamento da história e sociologia da ciência desenvolvida por Ludwik Fleck.

Palavras-chave: História das Ciências, Psiquiatria, Hospital Galba Velloso.

Abstract:

We intend in this thesis investigate the formation of the group of psychiatrists known as Boys Paprocki, who worked at the Hospital Galba Velloso, in Belo Horizonte, in the years 1963 to 1971. We will review the medical and scientific actions and strategies of this group for legitimization and dissemination of therapeutic practices undertaken in this hospital. In this effort of legitimization, they were involved in medical-scientific and institutional initiatives such as the creation of a journal (Journal of Galba Study Center Velloso), the launch of psychotropics manual (the book Pharmacotherapy), the conference organization psychiatry (the main in this period was the 1st psychiatry Mining Congress in 1970), the creation of Psychiatric Residency in 1968 and the creation of FEAP (State Foundation for Psychiatric Care) in 1968. Paprocki Boys' managed to take on the style of thought which the group shared. However, even within the group had different collective thoughts and opposition, which, we suppose, it led to disintegration of the group after 1971 with the departure of Jorge Paprocki of Galba Velloso. To analyze the formation of Paprocki Boys and therapeutic adopted by this group, mobilized as a theoretical reference the line of thought of the history and sociology of science developed by Ludwik Fleck.

Keywords: History of Science, Psychiatry, Hospital Galba Velloso.

Agradecimentos:

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais e ao Grupo Scientia pela oportunidade de cursar o mestrado.

À minha orientadora, Ana Carolina Vimieiro Gomes, por sua disposição e paciência em orientar esse trabalho, gastando horas em conversas que me fizeram repensar por diversas vezes meu objeto de pesquisa.

À banca de minha qualificação, professoras Betânia Gonçalves Figueiredo e Rita de Cássia Marques, pelas dicas, questionamentos e críticas que possibilitaram melhor desenvolvimento dessa dissertação.

À professora Maria Stella Brandão Goulart, pela generosidade com que me recebeu e compartilhou o seu arquivo acerca do Hospital Galba Velloso.

Aos psiquiatras Jorge Paprocki e Antônio Carlos Corrêa pela disponibilidade em atenderem-me e compartilharem suas experiências nos anos trabalhados no Galba Velloso.

Aos professores da Universidade Federal de Viçosa pelo curso de graduação e incentivo à pesquisa.

Agradeço a minha mãe, pelo carinho e apoio, mesmo em horas mais complicadas. Às minhas irmãs, pela amizade. Aos meus sobrinhos, pela alegria. À minha avó Maria, meus tios e tias, primos e primas.

Aos companheiros da E.E. João Paulo I. À Estelita pela leitura atenciosa do texto e sugestões.

Agradeço especialmente à minha esposa Taiane, pelo companheirismo, amor, incentivo e paciência durante toda essa jornada. Essa é mais uma etapa que vencemos juntos!

Sumário:

Introdução	7
Capítulo 1: Os Paprocki Boys e a assistência psiquiátrica no Hospital Galba Velloso..	21
A assistência psiquiátrica em Minas Gerais	23
A fundação do Hospital Galba Velloso.....	28
A direção de Jorge Paprocki no HGV	34
Formação e desagregação dos Paprocki Boys.....	39
Capítulo 2: Os Paprocki Boys e as terapêuticas psicofarmacológicas	54
Da eletroconvulsoterapia ao <i>open door</i> : permanências e transformações nas terapêuticas psiquiátricas.....	55
O HGV se torna um centro de estudos de psicofármacos	69
Considerações finais.....	87
Fontes.....	90
Entrevistas.....	91
Bibliografia.....	91

Introdução

Ainda cursando a graduação em História, conheci o livro *História da Loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault¹. Esse livro, que foi a tese de doutorado desse autor, descreve a história da loucura na Europa, mostrando a exclusão social e o sofrimento que passaram os doentes mentais na Idade Moderna. A abordagem de Foucault nesse trabalho traz o Estado como o agente que ordenava e instituía a loucura. Discute o poder do psiquiatra que foi se constituindo na sociedade com o desenvolvimento da psiquiatria (FOUCAULT, 1978: 55). Trata, portanto, da segregação dos loucos, feita por uma psiquiatria institucionalizada (FOUCAULT, 1978: 278).

Foucault afirma que o modelo criado dos hospitais asilares eram excludentes e construídos para a retirada do indivíduo indesejável do convívio social. Nesses locais, o psiquiatra era o agente dominante. Suas vontades e sua percepção do mundo é que prevaleciam diante daqueles pacientes internados. Segundo essa teoria foucaultiana, era um ambiente de dominação e sujeição (FOUCAULT, 1978: 432).

Porém, mais ainda que um lugar de desmascaramento, o hospital, cujo modelo foi dado por Esquirol, é um lugar de afrontamento; a loucura, vontade perturbada, paixão pervertida, deve encontrar aí uma vontade reta e paixões ortodoxas. O seu face a face, o seu choque inevitável, que é de fato desejável, produzirão dois efeitos; por um lado, a vontade doente, que podia muito bem permanecer incompreensível, já que não se exprimia em nenhum delírio, produzirá à luz do dia seu mal pela resistência que oporá à vontade reta do médico; e por outro lado, a luta que se estabelece, a partir daí, se for bem conduzida, deverá levar à vitória da vontade reta, à submissão, à renúncia da vontade perturbada. Um processo, portanto, de oposição, de luta e de dominação (FOUCAULT, 1978:48-49).

O hospital psiquiátrico é questionado por Foucault por ser, segundo ele, um grande local de classificação, de medição. Lugar esse que é também de confronto e submissão do paciente ao saber médico. Lugar de impotência do louco e autoridade do psiquiatra (FOUCAULT, 1978: 559).

Esses questionamentos tecidos por Foucault em *História da Loucura* fazia-me pensar sobre as condições de vida dessas pessoas consideradas loucas, o sequestro desses indivíduos da sociedade e o acondicionamento em asilos psiquiátricos, muitas vezes apontados como “depósitos de loucos”². Juntamente às más condições dos

¹ Título do original em francês: *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*. Direitos em língua portuguesa reservados à EDITORA PERSPECTIVA S. A. Tradução em 1978.

² Esse termo “depósito de loucos” encontramos algumas vezes mencionado nos trabalhos sobre o tema. Há em *História da psiquiatria mineira*, de Joaquim MORETZSOHN, o uso desse termo referindo-se ao Hospital Colônia de Barbacena. Yonissa Wadi faz a mesma referência em relação aos hospitais

hospitais psiquiátricos, intrigava-me também a forma como eram feitos os tratamentos dos pacientes. Muitas vezes os doentes mais agressivos eram mantidos acorrentados, recebiam medicamentos com pouca ou nenhuma eficácia comprovada (DUARTE, 2009:42; JUCÁ, 2010:319). Quase nunca recebiam alta do hospício, quando entravam no asilo, normalmente permaneciam naquele local até sua morte (SILVA, 2008:71). Portanto, foi a partir da leitura do livro de Michel Foucault, *História da Loucura na Idade Clássica*, que surgiram o interesse no estudo da história da psiquiatria e a curiosidade sobre os tratamentos recebidos por esses doentes.

A partir disso, ao buscar sobre a história da psiquiatria em Minas Gerais, encontrava diversas citações sobre o Hospital Galba Velloso (HGV) e a atuação dos psiquiatras desse hospital durante a década de 1960³. Chamou-me atenção o destaque que alguns autores davam a esse grupo, afirmando que as terapêuticas adotadas e a organização hospitalar eram inovadoras para a psiquiatria daquela época (DUARTE, 2009:85). Ao mesmo tempo era frequente encontrar críticas ao sistema hospitalar existente em Minas Gerais durante o século XX e, nesse sentido, aparecem críticas duríssimas ao Hospital Galba Velloso (FIRMINO, 1982:15). Essas evidências me instigou a investigar à luz da História das Ciências a atuação médico-científica desse grupo de psiquiatras do HGV, para tentar responder à algumas questões: existiu mesmo um grupo de psiquiatras no Galba Velloso que compartilhava das mesmas teorias médico-científicas? Qual importância esse grupo teve (ou tem) para a psiquiatria mineira?

As referências que discutiam o trabalho realizado pelo grupo do Hospital Galba Velloso destacavam algumas de suas atividades médico-científicas: a criação da primeira residência psiquiátrica de Minas Gerais naquele hospital (DUARTE, 2009:69), o lançamento do primeiro manual de psicofármacos produzido no Brasil (CORRÊA, 08/09/2014) e a organização do primeiro Congresso Mineiro de Psiquiatria (DUARTE, 2009:67). Alguns autores afirmam ainda que a organização e as terapêuticas utilizadas no hospital eram feitas na tentativa de “humanizar” os tratamentos dos pacientes do Galba Velloso (GOULART, 2009:2). Os dois principais tratamentos ressaltados são o *sistema open door* e o uso de psicofármacos.

psiquiátricos do fim do século XIX, em seu livro *Palácio para guardar doidos* (página 21). Maria Clementina Cunha utiliza referência do mesmo termo em seu livro *O espelho do mundo* (página 207).

³ Encontramos alguns autores que escrevem sobre a história da psiquiatria mineira e que tratam, de alguma forma, do Hospital Galba Velloso, por exemplo: Maristela Duarte (2009, 2010, 2012), Mary Silva (2008), Maria Stella Goulart (2004, 2009, 2012), Joaquim Moretzsohn (1989), Hiram Firmino (1982).

Encontramos diversas vezes esse termo “humanizar” os tratamentos ou “tratamento humanizador”, citado por autores que trabalham com a história da psiquiatria (DUARTE, 2009; GOULART, 2009; SILVA, 2008; JUCÁ, 2010; COSTA, 2006; WADI, 2002). Normalmente esse termo está referindo-se a um tratamento que, comparativamente com outros, é considerado menos agressivo aos pacientes. No caso do Hospital Galba Velloso, as terapêuticas que eram utilizadas na década de 1960, *sistema open door* e psicofármacos, são consideradas por alguns autores mais “humanas” do que outras terapias como a eletroterapia, eletroconvulsoterapia e a lobotomia (GOULART, 2009; DUARTE, 2009). Mas o termo “tratamento humanizado” é utilizado, principalmente, pelos próprios psiquiatras, inclusive os que faziam parte do Galba Velloso. Por exemplo, o psiquiatra Jorge Paprocki (em entrevista cedida à TV Assembleia em 16/09/2010) referia-se ao termo “tratamento humanizado”, bem como o psiquiatra Francisco Paes Barreto (em entrevista cedida a Stella Goulart em 2008) e Antônio Carlos Corrêa (em publicação no sítio centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br).

Esses psiquiatras do HGV usam o termo “humanizar os tratamentos psiquiátricos” sempre comparando essas terapêuticas ditas “humanas” com aquelas utilizadas em outras épocas. Percebemos nessa comparação feita pelos próprios personagens, a tentativa de demonstrar que as teorias médico-científicas do seu grupo são mais corretas do que as teorias médico-científicas de outros grupos de psiquiatras (PAPROCKI, 16/09/2010; BARRETO, 20/06/2006; BLAYA, 29/06/2012).

Em entrevista cedida ao canal midiático TV Assembleia, no programa chamado *Memória e Poder*, o psiquiatra Jorge Paprocki afirma que o sistema *open door* implantado no Hospital Galba Velloso era uma tentativa de transformar o hospital em “um ambiente mais humano”⁴.

Diante dessas evidências sobre as particularidades nas propostas de tratamentos da loucura relatados por alguns pesquisadores, a curiosidade sobre o Hospital Galba Velloso ficou mais aguçada e, por isso, virou o tema dessa dissertação de mestrado.

Neste trabalho, o objetivo é investigar a formação dos Paprocki Boys, suas ações médico-científicas e as estratégias desse grupo para legitimação e divulgação de suas práticas terapêuticas empreendidas no Hospital Galba Velloso dos anos 1963 a 1971.

⁴ PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa Memória e Poder da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

O termo “Paprocki Boys” foi encontrado algumas vezes citado pelos próprios personagens do Galba Velloso ao se referirem ao grupo de psiquiatras que fizeram parte do HGV durante os anos de 1963 a 1971, atuando sob orientação de Jorge Paprocki (NEVES, 1999; BAGGIO, 2007; PICCININI, 2006). Vale destacar que outro termo encontrado nas fontes que para esse grupo é “A Turma do Galba⁵”, que entendemos ser um nome mais abrangente, que não exclui as mulheres que participaram do grupo. Escolhemos o termo Paprocki Boys por deixar em evidência a influência de Jorge Paprocki na formação desse grupo. Mas, em que pese isso, colocamos o ponto de interrogação no título do trabalho para destacarmos a incoerência do termo, já que o grupo não se constituiu apenas de psiquiatras homens, mas também de psiquiatras mulheres⁶.

Acerca das ações médico-científicas dos Paprocki Boys, estamos referindo-nos às duas principais terapêuticas que serão estudadas: *sistema open door* (tratamento que modificava a estrutura hospitalar retirando os quartos-fortes) e a psicofarmacologia (uso de medicamentos que propunham diminuir o sofrimento mental em algumas patologias, como psicose, histeria, neurose de angústia, autismo, esquizofrenia, entre outras).

Nosso argumento é que os Paprocki Boys formavam um coletivo de psiquiatras que, no decorrer dos anos 1960, desenvolveram algumas ações para legitimar, científica e socialmente, as suas novas propostas terapêuticas, especialmente o uso de medicamentos psicofarmacológicos para tratar algumas doenças mentais. O tratamento com psicofármacos constituiu-se, então, na principal concepção e prática médico-científica que, por alguns anos, agregou os psiquiatras do HGV e diferenciou a atuação profissional de vários deles. Nesse esforço de legitimação, eles estiveram envolvidos em iniciativas médico-científicas e institucionais, como a criação de uma revista especializada (*Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*), o lançamento do manual de psicofármacos (o livro *Psicofármacos*), a organização de congressos de psiquiatria (o principal nesse período foi o 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria, em 1970), a criação da Residência Psiquiátrica, em 1968, e a criação da FEAP (Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica), em 1968.

⁵ De acordo com alguns psiquiatras que fizeram parte do quadro de funcionários daquele hospital, como Flávio Neves (1999), Marco Aurélio Baggio (2011) e Walmor Piccinini (2006).

⁶ Os nomes mais vezes encontrados nas fontes são: Eunice Rangel (que foi diretora do hospital em 1969), Odília Miguel Pereira, Maria Muniz Passos e Maria Auxiliadora Athayde (BAGGIO, 2011: 62; NEVES, 1999: 3; PICCININI, 2006: 4; CORRÊA, 2014).

O hospital psiquiátrico Galba Velloso (HGV) foi fundado no ano de 1962, em Belo Horizonte, no bairro da Gameleira. Esse hospital surgiu com o objetivo de suprir a superlotação do Instituto Neuropsiquiátrico Raul Soares, localizado na mesma cidade. O HGV recebia apenas pacientes do sexo feminino em fases agudas de sua enfermidade (BARRETO, 1969: 11). Os pacientes foram divididos por sexo nos dois hospitais, os homens eram atendidos no Instituto Raul Soares e as mulheres no Galba Velloso. As pacientes, em sua maioria, eram indigentes ou pessoas de grupos sociais menos abastados (MORETZSOHN, 1989: 105).

Com a nomeação de Jorge Paprocki para a direção do hospital em 1963, o Galba Velloso passa por algumas transformações na sua estrutura e organização, orientadas pela concepção psiquiátrica priorizada por esse personagem. Foi, portanto, nessa ambiência institucional que se conformou e atuou o grupo de psiquiatras que ficou conhecido como “A Turma do Galba” ou “Paprocki Boys”.

O recorte temporal escolhido para este estudo é então definido em torno das ações desse grupo de psiquiatras. O marco inicial é 1963, o ano em que Jorge Paprocki assume o hospital e começa a implantar uma nova forma de organização hospitalar e suas teorias psiquiátricas e práticas terapêuticas. E 1971 foi escolhido como marco final por ser o ano em que, esse mesmo personagem, deixa definitivamente o hospital. Como consequência houve, a partir do ano de 1971, a desagregação do grupo de psiquiatras formado no Hospital Galba Velloso. A partir desse marco, acreditamos que os psiquiatras do HGV que faziam parte do grupo de Jorge Paprocki transferiram-se para outros hospitais públicos ou se afastaram do serviço público e passaram a atender em clínicas privadas.

Para contextualizarmos a psiquiatria brasileira desse período, particularmente o da psiquiatria mineira, são importantes os trabalhos de Mary Cristina Barros e Silva, Maristela Nascimento Duarte e Maria Stella Brandão Goulart. Essas autoras, com seus diferentes pontos de vista, trabalham com a história da psiquiatria em Minas Gerais e discutiram a formação e as práticas psiquiátricas no Hospital Galba Velloso.

A historiadora Mary Cristina Barros e Silva, em seu livro *Repensando os Porões da Loucura: Um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena*, faz um questionamento acerca da história oficial do Hospital Colônia de Barbacena retratada no Museu da Loucura. Esse museu foi criado em 1996 utilizando parte das instalações do antigo hospital. De acordo com a autora, a história do Hospital Colônia contada pelo museu se divide em três períodos: de 1903 até 1934, considerado como uma época de

bom funcionamento. O segundo de crise institucional, de 1934 até 1979. E o terceiro de remodelamento do hospital que seria de 1979 em diante (SILVA, 2008: 12).

Mary Silva utiliza-se do livro do jornalista Hiran Firmino, intitulado *Nos Porões da Loucura*, para analisar a mudança estrutural ocorrida no Hospital Colônia após 1979. Hiran Firmino publicou várias matérias no jornal *Estado de Minas*, em 1979, descrevendo suas visitas às principais instituições psiquiátricas mineiras: Instituto Raul Soares, Hospital Galba Velloso e Hospital Colônia de Barbacena. Com essas reportagens Firmino expôs os problemas existentes nos hospitais psiquiátricos mineiros. Essas matérias mostravam o cenário de miséria e descaso com que eram tratados os pacientes desses hospitais. Posteriormente, os textos de Firmino foram publicados em um livro com o nome *Nos Porões da Loucura*.

Repensando os Porões da Loucura traz os números de internamentos, de mortes e de vendas de corpos para estudos anatômicos. Mary Silva questiona as datas estipuladas pelo Museu da Loucura sobre a história do hospital e levanta algumas hipóteses para a crise do Hospital Colônia. Segundo a autora, a crise pode ter sido provocada pelo destaque que esse hospital alcançou no estado, atraindo cada vez mais pacientes para aquela instituição, provocando assim sua superlotação. Outro aspecto ressaltado por Mary Silva é a mudança no funcionamento do Instituto Raul Soares (em Belo Horizonte), que em 1934 passa a não admitir mais pacientes do sexo masculino, enviando-os para tratamento no Hospital Colônia.

No final de seu texto, Mary Cristina Barros e Silva concorda com o marco temporal do Museu da Loucura de considerar o ano 1979 como o início do remodelamento do Hospital Colônia. De acordo com a autora, as denúncias de Hiran Firmino no jornal *Estado de Minas*, a vinda do psiquiatra italiano Franco Basaglia⁷ para Minas Gerais e suas visitas aos hospitais mineiros, culminando com o III Congresso Mineiro de Psiquiatria em 1979⁸, marcaram o início da reforma psiquiátrica em Minas Gerais.

⁷ Franco Basaglia era médico e psiquiatra, e foi o precursor do movimento de reforma psiquiátrica italiana conhecida como Psiquiatria Democrática. Como consequência das ações e dos debates iniciados por Franco Basaglia, no ano de 1978, foi aprovada na Itália a chamada "Lei 180" ou "Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana", também conhecida popularmente como "Lei Basaglia" (AMARANTE, 2003: 50).

⁸ O III Congresso Mineiro de Psiquiatria contou com a presença de algumas personalidades que ajudaram na promoção da Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais como Hiran Firmino, Franco Basaglia e Helvécio Rattón. Nesse Congresso, Rattón apresentou seu filme *Em Nome da Razão*, no qual o cineasta mostra o funcionamento do Hospital Colônia de Barbacena. As condições precárias em que viviam os doentes, a falta de higiene e o descaso com os pacientes são ressaltados no filme, que apresenta uma narrativa de questionamento do hospital psiquiátrico muito próximo às teorias da Reforma Psiquiátrica (DUARTE, 2009: 244).

Maristela Nascimento Duarte, em sua tese de doutorado *De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”: Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979*, analisa as concepções e práticas psiquiátricas, políticas de saúde e de saúde mental que influenciaram o Hospital Colônia de Barbacena no período de 1946 a 1979. Essa autora utiliza como referencial teórico Pierre Bourdieu. Sobretudo, mobilizando as ideias de campo e *habitus*. Duarte ressalta que em seu trabalho esses conceitos de Bourdieu são importantes “para entender como são estruturadas e processadas as concepções e práticas no campo científico, especificamente no campo psiquiátrico” (DUARTE, 2009: 29). A autora procura demonstrar também a importância do conceito de violência simbólica que, de acordo com Duarte, são práticas inerentes a esse campo científico.

Ao discorrer sobre a trama das relações entre medicina e os interesses sóciopolíticos do período, Maristela Duarte afirmou que “os tecnoburocratas, visando ao desenvolvimento econômico e à industrialização, adotaram uma lógica tecnicista, distanciada dos problemas da saúde e da melhoria dos padrões de qualidade de vida da população brasileira” (DUARTE, 2009: 242). A autora afirma que as disputas no interior do campo político foram caracterizadas pelas disputas em torno do poder simbólico e sobre o direcionamento das políticas de saúde e de assistência médica, que refletiram nas perspectivas da psiquiatria (DUARTE, 2009: 243).

A atuação dos psiquiatras brasileiros, segundo Duarte, foi amparada pelas teorias científicas de sua época. O controle social da primeira metade do século XX estava embasado na teoria da degenerescência próxima aos conceitos de Emil Kraepelin⁹. Essas teorias permitiram à psiquiatria intervir na sociedade através da higiene mental e do “preventivismo”, por meio de concepções baseadas na higiene. De acordo com a autora, “a higiene mental possibilitou a divulgação das teorias higienistas e eugênicas que permitiram a educação psicopedagógica dos indivíduos nas famílias, escolas, casernas, fábricas e demais instituições” (DUARTE, 2009: 243). Maristela Duarte afirma que Renato Kehl e Juliano Moreira, dois dos idealizadores da Liga Brasileira de Higiene Mental, propuseram “um trabalho de higiene mental desde a alfabetização nas oficinas, nas escolas secundárias e superiores, nas casernas, ou seja, em todas as instituições sociais capazes de fazer e efetivar uma profilaxia mental” (DUARTE, 2009: 45).

⁹ Emil Kraepelin fazia parte da corrente organicista alemã. Conhecido por isolar algumas formas de enfermidades psíquicas como: psicose maníaco-depressiva e demência precoce (DAKER, 1999: 59-67).

Maristela Duarte encerra seu trabalho afirmando que a psiquiatria mineira não se constitui uma ciência autônoma, porque esteve sempre influenciada pelas mudanças políticas e demandas sociais ocorridas nesse estado. De acordo com essa autora, quando uma ciência é autônoma, o que não foi o caso da psiquiatria, “ela está livre de injunções e de demandas sociais que, diante das pressões externas advindas das esferas política e econômica, não são capazes de determinar a heteronomia do campo científico” (DUARTE, 2009: 244). A autora encerra seu trabalho discutindo sobre as denúncias feitas no ano de 1979 por Hiran Firmino no jornal *Estado de Minas*, de Franco Basaglia, no vídeo *Em nome da razão*, de Helvécio Ratton e no III Congresso Mineiro de Psiquiatria, que acabaram por desencadear uma mudança significativa na psiquiatria mineira (DUARTE, 2009: 244). As mudanças das quais a autora refere-se é o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, que acabou originando a Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais.

Entendemos que a ciência psiquiátrica se desenvolve de acordo com a sociedade que a cerca. Dependendo das demandas sociais, políticas e econômicas. Pensando no argumento defendido por Maristela Duarte, acreditamos que as mudanças ocorridas na assistência psiquiátrica em Minas Gerais, não ocorreram, exclusivamente, porque a psiquiatria não se constituiu em uma ciência autônoma. Mas entendemos que as propostas para modificar o funcionamento dos hospitais psiquiátricos vieram, em grande parte, dos próprios médicos-psiquiatras e dos demais trabalhadores da área da saúde mental. O que sugere um novo modo de pensar a ciência psiquiátrica em conformação naquele período (década de 1970/1980).

Os trabalhos de Maria Stella Brandão Goulart analisam a história das instituições mineiras e os principais personagens responsáveis pela Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais no final da década de 1970. Através do seu projeto, *As Instituições Universitárias e a Construção da Reforma Psiquiátrica Mineira nas Décadas de 60, 70 e 80*, a autora realizou diversas entrevistas com importantes personagens da saúde mental mineira que vivenciaram a Reforma Psiquiátrica no estado. Essa autora disserta acerca do Hospital Galba Velloso e os principais acontecimentos ocorridos nessa instituição, visando discutir as influências que levaram ao movimento dos trabalhadores de saúde mental de Minas Gerais que eclodiu em 1979, no III Congresso Mineiro de Psiquiatria.

Maria Stella Goulart discute parte da história do Hospital Galba Velloso fazendo conexões entre os psiquiatras daquele hospital na década de 1960/1970, os tratamentos

da comunidade terapêutica e a reforma psiquiátrica que aconteceu em Minas Gerais. De acordo com a autora, a partir da diretoria de Jorge Paprocki, aconteceram modificações estruturais no Galba Velloso que favoreceram a abertura do hospital psiquiátrico, ou seja, o hospital que deixaria de ter um modelo de internação de pacientes para um modelo hospitalar ambulatorial, sem grandes internações. Stella Goulart afirma ainda que a criação da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP) deve ser encarada como vanguardista para a reforma psiquiátrica brasileira, por acontecer através dessa instituição as principais iniciativas de reforma da política de saúde mental em Minas Gerais (GOULART, 2009: 8).

As pesquisas de Maria Stella Goulart são de grande importância para o desenvolvimento dessa dissertação, porque foi a partir da leitura desses estudos a respeito do Hospital Galba Velloso que surgiu a curiosidade em tentar compreender a história dos Paprocki Boys. Apesar disso, não iremos construir nosso trabalho sob a mesma perspectiva interpretativa da autora. Pretendemos analisar historicamente a formação dos Paprocki Boys e as estratégias utilizadas por esse grupo, mobilizando aspectos científicos, políticos e socioeconômicos, para tentar constituir-se um grupo de destaque dentro da psiquiatria mineira. Ademais, pretendemos debater a tentativa de divulgação e consolidação das perspectivas médico-científicas defendidas pelos Paprocki Boys através da realização de eventos científicos, lançamento e publicação em periódicos científicos e elaboração de um manual no tema da psicofarmacologia.

Para analisarmos a formação dos Paprocki Boys e as terapêuticas adotadas por esse grupo, mobilizamos como referencial teórico a linha de pensamento da história e sociologia da ciência desenvolvida por Ludwik Fleck. Esse autor lançou seu principal livro, *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, em 1935. Essa obra trazia teorias diferentes do neopositivismo do Círculo de Viena, pensamento dominante naquele período para a compreensão do conhecimento científico (CONDÉ, 2010: viii). Fleck admite a construção do conhecimento científico a partir da interação social. Para ele, a ciência é um constructo sociocultural e, portanto, histórica. De acordo com o pensamento de Fleck, o conhecimento é um empreendimento coletivo, assim sendo, a ciência não se faz por cientistas isolados, mas por indivíduos que se agregam e interagem entre si e, além disso, sofrem influência da sociedade que os cercam. Cada época possui um estilo de pensamento, ou seja, ideias, modos de ver, teorias e práticas compartilhadas pelos cientistas e que regem os modos de produção do conhecimento. Diferentes grupos em épocas distintas da história constroem diferentes estilos de

pensamentos a partir de suas relações sociais e interações com a natureza (CONDÉ, 2012: 7).

O conceito de estilo de pensamento tenta abranger tanto os pressupostos a partir dos quais o grupo constrói seu estoque específico de conhecimento, quanto sua unidade conceitual e prática. Um estilo de pensamento formula não só o conhecimento que é considerado como garantido por um pensamento coletivo dado, mas também seu corpo de práticas: métodos e ferramentas usados no exame da evidência e critérios para julgar seus resultados. Ele define o que deve ser considerado como um problema científico e como lidar com este problema (LÖWY, 1994: 237).

Segundo a autora Ilana Löwy, para Fleck não há uma ‘descoberta’ apenas por um cientista, ou por um pequeno grupo deles, mas existe o produto de um esforço coletivo da comunidade de cientistas. Além disso, essa ‘descoberta’ é moldada pelas múltiplas interações desta comunidade com outros grupos sociais (pacientes, clínicos gerais, políticos) (LÖWY, 1994: 236).

Entendemos que os Paprocki Boys foram um grupo, um coletivo, que partilhava um estilo de pensamento, ou seja, um conjunto de teorias psiquiátricas e consequentes práticas terapêuticas que ordenavam as ações desses médicos no HGV. De acordo com Fleck, a construção do conhecimento sobre uma doença vem das possibilidades de observação empírica e definição desta. As explicações para cada doença dependem do seu contexto, das crenças que a sociedade compartilha naquele período e do repertório cultural que conformam as suas possibilidades de explicação. Pensando assim, admitimos que os Paprocki Boys participam de um estilo de pensamento que está se transformando no século XX, e que ganha forma mais consistente com o advento dos psicofármacos durante a década de 1950.

É a partir dessa concepção de desenvolvimento de uma atividade científica que buscaremos construir nossa análise sobre o grupo de psiquiatras do Galba Velloso e suas interações científicas, políticas e sociais. Para tanto, procuraremos demonstrar, por exemplo, as relações existentes entre os membros do HGV com a política – que parece ter propiciado a formação dos Paprocki Boys no hospital, bem como os vínculos dos psiquiatras com indústrias farmacêuticas, o que, tudo indica, garantiu certa respeitabilidade dos Paprocki Boys diante de seus pares no Brasil.

Utilizaremos como fontes documentais algumas entrevistas com personagens que participaram desse grupo do Galba Velloso e/ou fizeram parte do contexto da psiquiatria brasileira daquela época. Essas entrevistas foram realizadas por pessoas de

diferentes instituições, em outros projetos de pesquisa ou institucionais. Aquelas relativas ao grupo do HGV foram realizadas pelo Laboratório de Direitos Humanos (LADHU) e do Grupo de Pesquisa Psicologia Democrática, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Essas entrevistas foram pensadas para o projeto: *As Instituições Universitárias e a Construção da Reforma Psiquiátrica Mineira nas Décadas de 60, 70 e 80*, que teve como coordenadora a Prof^a. Maria Stella Brandão Goulart. Elas foram gentilmente cedidas pela mesma professora, através do acervo do Laboratório de Direitos Humanos e Transdisciplinaridade da UFMG, para a utilização no presente estudo.

Outras entrevistas que serão utilizadas neste trabalho foram realizadas pelo programa *Memória e Poder* daTV Assembleia, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. O trabalho de colheita dos depoimentos foi realizado com várias personalidades de diversas áreas, como políticos, médicos, artistas, arquitetos, etc. Essas entrevistas com os psiquiatras do HGV e outras realizadas pelo programa encontram-se disponíveis no sítio: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia.

Serão utilizadas também entrevistas feitas pelo grupo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, através do projeto de história oral: *Médicos do Rio Grande do Sul: faço parte desta História*. O projeto Consiste em entrevistas com médicos que atuaram ou ainda atuam no Rio Grande do Sul e que contribuíram para a formação do campo médico daquele estado. O projeto tem por objetivo a constituição de um acervo de entrevistas audiovisuais que registre a trajetória dos médicos gaúchos. A metodologia utilizada é a história oral temática, onde o entrevistado centra sua entrevista no tema pertinente ao projeto, ou seja, sua formação médica e sua atuação profissional¹⁰. Aqui encontramos entrevistas de psiquiatras que influenciaram a carreira de Jorge Paprocki.

Essas fontes orais acima mencionadas serão utilizadas para reforçar o arcabouço documental que será analisado. Entendemos que, apesar das críticas à subjetividade dos depoimentos dos personagens para a construção histórica, as entrevistas orais espelham determinadas facetas da memória e várias versões das representações individuais e coletivas. Acreditamos que a subjetividade existente nas narrativas não desqualifica os depoimentos, mas enriquece a pesquisa abrindo pistas e evidências a serem melhor exploradas na análise e cruzamento de fontes (FERREIRA, 1998: 8).

¹⁰ Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul, www.muhm.org.br, acessado: 20/03/15.

Para construção de nossa análise, utilizaremos também como fonte documental as produções médico-científicas do grupo do Galba Velloso, como *Psicofármacos*, livro lançado pelo Centro de Estudos do Hospital Galba Velloso, em 1969. Trata-se de uma obra onde são sintetizados os conhecimentos sobre as drogas mais utilizadas na época. O livro também traz os procedimentos de tratamento que foram desenvolvidos por meio de tais medicamentos na década de 1960, alguns no próprio HGV. Nesse trabalho, vários psiquiatras do hospital explicam e prescrevem como devem ser utilizadas as drogas e qual é a ação do medicamento no organismo do paciente. Com essa fonte, podemos perceber a tentativa de especialização dos Paprocki Boys dentro da ciência psiquiátrica, a partir do ramo da psicofarmacologia. Mobilizando as ideias de Ludwik Fleck sobre as ciências de manual, podemos supor que o *Psicofármacos*, o primeiro manual de psicofarmacologia editado no Brasil (GOULART, 2009: 9), poderia dar aos Paprocki Boys a possibilidade de difundir e, assim, orientar os parâmetros e os modos de uso das drogas no Brasil e, talvez com isso, influenciar os modelos de assistência psiquiátrica vigentes até então.

As revistas do Centro de Estudos do Galba Velloso serão analisadas para entendermos a divulgação das teorias defendidas pelo grupo dos Paprocki Boys perante a comunidade médica. Essa revista criada pelo grupo do Galba Velloso iniciou-se com o lançamento semestral e teve apenas quatro números publicados, o primeiro no segundo semestre de 1969, o segundo e terceiro número em 1970 e o quarto e último número no primeiro semestre de 1971. Estas revistas trazem publicações dos membros do HGV – e de médicos de outras instituições – acerca de amostragem de tratamentos psiquiátricos experimentados no hospital, tais como: o *sistema open door* e as pesquisas com diferentes psicofármacos.

E por fim, analisaremos os Anais do 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria. Este congresso surgiu a partir de diversos encontros internos realizados nos hospitais da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica. O evento aconteceu no Grande Hotel de Araxá-MG nos dias 26 a 29 de julho de 1970. Foi organizado em torno de discussões em pequenos grupos com temas pré-estabelecidos pela programação do evento, por exemplo: O papel do hospital de agudos no plano de assistência psiquiátrica pública, O papel do ambulatório no plano de assistência psiquiátrica, O papel da comunidade em relação ao hospital psiquiátrico, entre outros. As contribuições por escrito deveriam ser discutidas nesses grupos e não lidas em forma de conferência. Havia em todo grupo um coordenador da discussão e um relator, encarregado de escrever o que houve de mais

relevante naquele grupo de debate. Esse congresso foi organizado pelos membros do HGV, os Paprocki Boys. A partir destes anais podemos perceber qual era a orientação em relação ao tratamento dos pacientes e, em certa medida, como eram os procedimentos adotados por este grupo de psiquiatras para o tratamento de pessoas portadoras em sofrimento mental.

Esta dissertação divide-se em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Os Paprocki Boys e a assistência psiquiátrica no Hospital Galba Velloso*, analisaremos o contexto de fundação do Hospital Galba Velloso, a entrada de Jorge Paprocki como diretor do hospital e a formação do grupo de psiquiatras que trabalhou naquela instituição durante os anos de 1963 a 1971.

Nesse capítulo analisaremos a atuação desses psiquiatras, seja na adoção das novas terapias propostas ou em suas produções médico-científicas. Tomamos para a análise as ações e produções dos psiquiatras do HGV: as *Revistas do Centro de Pesquisa do Galba Velloso*; o 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria, idealizado e realizado pelos Paprocki Boys; a Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP), idealizada pelas principais lideranças do Galba Velloso (Fernando Megre Velloso e Jorge Paprocki). Essa fundação centralizava a assistência psiquiátrica pública de Minas Gerais e procurava coordenar o funcionamento dos hospitais psiquiátricos públicos do estado (MORETZSOHN, 1989:110).

Buscaremos entender também como os relacionamentos políticos desse grupo viabilizaram suas atuações e de que maneira essas conexões políticas possibilitaram maior alcance dos objetivos pretendidos pelo grupo do HGV. Procuraremos apreender, portanto, as estratégias utilizadas por esses psiquiatras para conseguirem êxito, *status* e reconhecimento. Ao final do capítulo, abordaremos o desmanche dos Paprocki Boys no Galba Velloso, desenvolvendo algumas hipóteses para essa desarticulação do grupo. No momento em que o grupo parecia mais coeso e promissor, aconteceu a sua desagregação naquela instituição. Mesmo assim, percebemos que os psiquiatras do HGV continuaram a construir carreiras de sucesso, porém o grupo, com a sua conformação original, não se articulou mais naquele hospital após 1971.

No segundo capítulo, *Os Paprocki Boys e as terapêuticas psicofarmacológicas*, analisaremos o *estilo de pensamento* que se desenvolve na psiquiatria mineira, por meio do advento dos psicofármacos, a partir do envolvimento dos Paprocki Boys com essa terapêutica psiquiátrica no HGV. Para tanto, procuraremos inicialmente discutir o

contexto pré-psicofármacos para, em seguida, discorrer sobre as transformações ocorridas após a proposta de uso de fármacos na psiquiatria.

Os medicamentos psicofármacos aparecem com grande força na Europa na década de 1950, principalmente a partir da utilização da clorpromazina por Henri Laborit, do laboratório Rhône-Poulenc (JUCÁ, 2010:317). Nas décadas seguintes houve uma concorrência muito grande entre as indústrias farmacêuticas do mundo para lançamento de remédios para tratar os doentes mentais. Portanto, entendemos que é relevante debruçarmo-nos sobre as terapêuticas desenvolvidas nessa época (1963-1971) e, de forma complementar, sobre a relação da indústria farmacêutica e o desenvolvimento dos psicofármacos. Considera-se que esse tipo de tratamento transformou o cuidado com os pacientes, o funcionamento dos hospitais e a profissão dos psiquiatras (URUCHURTU, 2010:10). Podemos dizer que esse contexto foi a antessala da Reforma Psiquiátrica, porque nesse período já surgiam várias teorias de reformulação da ciência psiquiátrica e esforços de reorganização do hospital psiquiátrico, tais como a anti-psiquiatria, a psicologia social, comunidades terapêuticas, a abertura dos hospitais psiquiátricos e o uso de psicofármacos.

Capítulo 1: Os Paprocki Boys e a assistência psiquiátrica no Hospital Galba Velloso

“Cada época, no seu estilo, utiliza conceitos totalmente claros, uma vez que a clareza reside na sua associabilidade a outros conceitos conformes ao estilo. Apesar dessa clareza, o entendimento imediato entre os adeptos de estilos de pensamento diferentes é impossível”¹¹.

Ludwik Fleck

Neste capítulo, pretende-se analisar a formação de um grupo de psiquiatras que atuou no Hospital Galba Velloso (HGV), entre 1963 e 1971, e que ficou posteriormente conhecido como os Paprocki Boys. A proposta é demonstrar quais eram os psiquiatras que faziam parte desse grupo, as suas principais influências médico-científicas para o exercício da psiquiatria e, sobretudo, as ações e os esforços desses atores para afirmar novas práticas terapêuticas propostas para o hospital, em especial o uso de drogas psicofarmacológicas no tratamento de algumas doenças psiquiátricas. Arelado a esse movimento, procuraremos demonstrar também como os “líderes” do Hospital Galba Velloso, principalmente Jorge Paprocki e Fernando Megre Velloso (diretor do HGV e diretor da Divisão de Neuro-Psiquiatria do estado de Minas Gerais, respectivamente) se articularam, científica e até mesmo politicamente, na pretensão de conseguirem destaque científico e legitimação para suas propostas médico-psiquiátricas no Hospital Galba Velloso.

No capítulo, inicialmente buscaremos compreender a assistência psiquiátrica em Minas Gerais em jogo naquele momento e sua relação com o contexto da fundação do Hospital Galba Velloso em Belo Horizonte. Propõe-se evidenciar os motivos para a criação desse hospital, as perspectivas políticas e de saúde pública relacionadas à criação da nova instituição, bem como a nova estrutura e organização hospitalar para o tratamento de doenças psiquiátricas proposta pelos Paprocki Boys. Demonstraremos que, apesar de uma prolífica atuação no HGV, o grupo dos Paprocki Boys se desarticulou no início da década de 1970. Alguns psiquiatras, como Antônio Carlos

¹¹ FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. Página 79.

Corrêa, Francisco Paes Barreto, Vicente Santos Dias, José Raimundo Silva Lippi e Flávio Neves, saíram do Galba Velloso e foram trabalhar no Instituto Raul Soares. Outros membros dos Paprocki Boys, como Marco Aurélio Baggio, Eunice Rangel e Luís Bustamante, passaram a atender em clínicas privadas. Discorreremos por fim algumas hipóteses para explicar o desmanche do grupo naquela instituição.

Este capítulo será pautado pela ideia de que a ciência é um empreendimento coletivo, em torno de um estilo de pensamento partilhado. A partir de Ludwick Fleck, refletimos que a transformação e a afirmação de um conhecimento se dão pelo trânsito de ideias dentro e fora de um coletivo de pensamento, ou seja, na relação entre diferentes coletivos e entre ciência e sociedade. O coletivo de pensamento se forma logo que duas ou três pessoas começam a trocar e compartilhar ideias. Acreditamos também, assim como Ludwick Fleck, que um indivíduo pode fazer parte de vários coletivos de pensamento, esses coletivos feitos por homens com interesses (não só científicos) diferenciados que, em tensão, fazem surgir novas ideias e desenvolver novos conhecimentos, mas também gerar conflitos entre aqueles que não compartilham do mesmo pensamento. O que, como suspeitamos no presente caso, pode ter influenciado a configuração e a unidade do grupo, levando à desagregação dos Paprocki Boys.

O período histórico do presente estudo, década de 1960, é de mudança no estilo de pensamento da psiquiatria. O projeto psiquiátrico proposto pelas teorias alienistas no final do século XIX estava cada vez mais em desuso e contestado por outros modos de pensar a psiquiatria. No século XX o pensamento psiquiátrico é influenciado por algumas teorias - dentre elas a psicanálise, a psicologia e a terapêutica psicofarmacológica - que vão paulatinamente transformando a maneira desta ciência enxergar a loucura. Os Paprocki Boys formaram-se em meio a essas mudanças culturais em curso.

Ao longo do século XX, surgem turbilhões de novas informações e saberes que contestaram as perspectivas biodeterministas antigas, mas, ao mesmo tempo, levaram à permanência de algumas concepções e práticas terapêuticas anteriores, tais como o eletrochoque, a psicanálise e a psiquiatria social. A segunda metade do século XX é marcada justamente como um período de oposição e crítica aos modos de se perspectivar, definir e tratar as doenças psiquiátricas. Alguns movimentos se destacaram na tentativa de modificar a psiquiatria, tais como: Comunidade Terapêutica e Psiquiatria Institucional (Inglaterra), Psiquiatria de Setor (França) e a luta antimanicomial, que

faziam críticas aos modelos hospitalares e formas de tratamentos que ainda prevaleciam (JUCÁ, 2010: 322).

Remetendo à epígrafe do capítulo, a afirmação de Fleck nos permite refletir acerca do estilo de pensamento em que estão inseridos os Paprocki Boys. Na década de 1960 havia dissidências entre os grupos psiquiátricos dentro do Brasil ou mesmo em Minas Gerais, e havia divergências de concepções psiquiátricas dentro do próprio Galba Velloso, sobretudo em relação à estrutura de funcionamento do hospital. Isso fica cada vez mais pungente com a adesão de alguns atores do HGV ao movimento de mudança da psiquiatria que se articula em Minas Gerais nesse período. Tais tensões acabaram por formar duas facções que começam a não falar a mesma língua. Não se entendem mais como um coletivo que partilha o mesmo estilo de pensamento, porque no fundo estavam pensando a psiquiatria de maneira diferente. Ora, apesar de podermos perceber os variados e amplos esforços de agregação de alguns psiquiatras do HGV enquanto grupo, em torno da difusão de uma terapêutica psiquiátrica fundamentada na comunidade terapêutica e no concomitante uso dos psicofármacos para algumas enfermidades mentais, percebemos também que tal trama não se deu de forma autoevidente e sem problemas. As tensões dentro do próprio campo da psiquiatria brasileira bem como os aspectos políticos, sociais e culturais locais e dentro da própria instituição acabaram por atravessar a conformação dos Paprocki Boys.

A assistência psiquiátrica em Minas Gerais

Em Minas Gerais, a assistência psiquiátrica foi institucionalizada em 1903 com a inauguração do Hospital Colônia de Barbacena, propiciado pela Lei n. 290, de 16 de agosto de 1900. Esse hospital se caracterizava por acolher apenas doentes mentais para fornecer-lhes tratamento médico-psiquiátrico sistematizado e especializado em suas enfermarias. Nesse período, as teorias que prevaleciam no Brasil eram as alienistas, normalmente ligadas a Jean-Étienne Esquirol (1775-1840) (MORETZSOHN, 1989: 13).

De acordo com o autor Paul Bercherie, Esquirol é considerado o fundador da Clínica Psiquiátrica. Considera-se que esse cientista classificou vários tipos de doenças mentais e definiu a doença mental como deformação cerebral normalmente crônica, caracterizada por distúrbios de sensibilidade da inteligência e da vontade

(BERCHERIE, 1986: 25). Esquirol descreveu diferentes graus de idiotismo, diferenciou a idiotia da loucura, dividiu a demência em sua forma aguda curável e as formas incuráveis: a demência senil e a demência crônica, além de ter criado a classe das monomanias, doenças que não alteram as faculdades mentais, não provocando lesões cerebrais, mas que seriam ligadas aos comportamentos desviantes (DUARTE, 2009: 37; SILVA, 2008: 23). O asilo psiquiátrico era defendido por Esquirol, que acreditava que a sociedade deformava as pessoas, e os doentes mentais eram mais susceptíveis às deformações sociais. Por isso, para Esquirol, esses indivíduos estariam melhores se fossem retirados do convívio social (BERCHERIE, 1986: 26).

De acordo com a autora Mary Cristina Silva, outra teoria que influenciou fortemente a psiquiatria brasileira na virada do século XIX para o XX, foi a degenerescência, segundo a definição do médico francês Benedict-Augustin Morel. De acordo com essa teoria, a doença psiquiátrica seria hereditária e, portanto, transmitida através das gerações. E essa herança não se dava apenas no plano biológico, mas incluía ainda as dimensões intelectuais, morais e comportamentais. Os efeitos da transmissão hereditária da morbidade tenderiam a acentuar nas gerações subsequentes. Segundo Mary Silva, considerava-se que “categorias como a da monomania e a da degenerescência, seriam grandes propulsoras para o aumento do número de internamentos na Europa e, posteriormente, no Brasil” (SILVA, 2008: 23).

No caso do Brasil, podemos supor também que os alienistas brasileiros queriam o fortalecimento da sua atuação profissional e o seu espaço médico-científico, ainda incipientes no país. Por isso, eles defendiam a necessidade de um local de acolhimento dos doentes mentais, especializado no tratamento psiquiátrico. Importantes hospitais psiquiátricos foram fundados durante o século XIX, como o Hospício Dom Pedro II (1852) no Rio de Janeiro, o Asilo São João de Deus (1874) na Bahia e o Hospital Juquery (1852) em São Paulo.

Criado no início do século XX para atender às necessidades de todo o Estado de Minas Gerais em relação à “assistência a alienados”, já que era o único hospital capacitado existente na época, em pouco menos de 20 anos de funcionamento, o Hospital Colônia de Barbacena já se encontrava superlotado e estigmatizado como “depósito de loucos”. Tal constatação foi até mesmo admitida pelo próprio presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes, em 1920. Em mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, Arthur Bernardes afirmou que Minas Gerais deveria melhorar as condições em que se encontravam as instituições para alienados e ressaltou

os problemas enfrentados no Hospital Colônia de Barbacena. Ele enfatizava assim, que deveria ser modificada “(...) a assistência de Barbacena, de simples depósito de loucos ou asilo-prisão, baldo dos mais elementares recursos terapêuticos, em um hospital de tratamento, onde os doentes, como nos demais hospitais, pudessem recuperar a saúde e a liberdade” (BERNARDES, 16/09/1920).¹²

Nesse mesmo ofício, escrito por Arthur Bernardes, é ressaltada a necessidade de construir um pavilhão para observação e tratamento inicial dos doentes mentais em estado agudo. Porque, segundo Bernardes, essa providência descongestionaria o Hospital Colônia de Barbacena (MORETZSOHN, 1989: 27). Ainda em 1920, Arthur Bernardes sancionou a Lei n. 778 de 16 de setembro, que autorizava o Poder Executivo a reformar os serviços da assistência a alienados. Autorizava também, o Poder Executivo a criar na capital do estado um pavilhão para observação de indivíduos suspeitos de alienação mental¹³.

O pavilhão para a observação dos doentes mentais ao qual Arthur Bernardes se referiu foi criado a partir do Decreto N. 6169 de 31 de agosto de 1922, conhecido como “Regulamento Affonso Pena” (MORETZSOHN, 1989: 31). Nesse Decreto, fica regulamentada a assistência a alienados em Minas Gerais. E a partir desse documento estabelece-se a criação do Instituto Neuro-Psiquiátrico (que posteriormente passou a se chamar Instituto Raul Soares) com sede em Belo Horizonte, o qual passaria a ser o hospital central do estado para doenças psiquiátricas.

Vale lembrar que existia nos hospitais psiquiátricos, costumeiramente, um pavilhão de observação dos ingressos. Esse era um local de triagem dos pacientes. Boa parte dos indivíduos dos hospitais públicos era conduzida pela polícia para serem naquele local internados. Isso era previsto em Lei. Tanto no Regulamento da Assistência a Alienados de 1922, quanto no Regulamento da Assistência Hospitalar de 1934, ficava estabelecido que o Chefe de Polícia poderia conduzir indigentes e/ou suspeitos de “serem loucos” para observação e acompanhamento nos hospitais psiquiátricos. Além disso, hospitais como o Instituto Raul Soares e, posteriormente, o Hospital Galba Velloso, eram locais em que se faziam a seleção daqueles pacientes que poderiam ser tratados ali e aqueles que eram considerados incuráveis e deveriam ser enviados para o Hospital Colônia de Barbacena.

¹² MENSAGEM dirigida pelo Presidente do Estado, Dr. Arthur da Silva Bernardes, ao Congresso Mineiro em sua 21ª sessão ordinária da 8ª Legislatura no ano de 1920.

¹³ LEI N. 778 de 16 de setembro de 1920.

Acerca do Instituto Neuro-Psiquiátrico, o autor Renato Diniz Silveira, afirmou que o idealizador do projeto desse hospital fundamentou-se no modelo institucional de assistência psiquiátrica da cidade alemã de Frankfurt (SILVEIRA, 2008: 128). Era um prédio de arquitetura eclética, localizado no bairro do Quartel, dentro de uma área superior a três alqueires, na antiga Praça Bello Horizonte, (atualmente Praça Floriano Peixoto). Havia instalações para abrigar 600 pacientes. “As secções onde os pacientes ficariam foram batizadas com nomes de psiquiatras famosos: a primeira e a terceira eram masculinas, ficavam à direita, e se chamavam Pinel¹⁴ e Kraepelin¹⁵, respectivamente. As femininas, segunda e quarta, localizadas à esquerda, foram denominadas de Griesinger¹⁶ e Morel¹⁷” (SILVEIRA, 2008: 129).

Em torno desse projeto existia a expectativa de que, com a criação do Instituto de Neuro-Psiquiatria, Minas Gerais suprisse a carência de um hospital psiquiátrico mais bem equipado e mais adequado para receber os doentes mentais. Tal expectativa foi atendida em 24 de agosto de 1924, quando o Instituto foi inaugurado já com o nome de Raul Soares. O nome foi uma homenagem ao recém-empossado governador de Minas Gerais, Raul Soares, que havia falecido pouco tempo antes da inauguração do hospital.

Apenas dois anos após sua inauguração, já se identificava que o Instituto Raul Soares (IRS) se encontrava em más condições de atendimento devido à superlotação. Por isso, a Lei n. 961 de 10 de setembro de 1927 pretendia garantir o remodelamento do hospital, visando algumas melhorias para ampliação do edifício. De acordo com Renato Silveira, o Instituto já mostrava sinais claros de fracasso no projeto e já estava parecido com o Hospital Colônia de Barbacena, devido à precariedade do atendimento oferecido (SILVEIRA, 2008: 137). Mas o que podemos perceber no trabalho de Renato Silveira é que os problemas enfrentados no IRS eram decorrentes, principalmente, da conduta dos enfermeiros e dos médicos com os pacientes. Os doentes eram tratados com violência, pois a loucura era tratada como questão de segurança, devido à ideia de que o doente mental poderia ser uma ameaça à sociedade.

¹⁴ Considerado por muitos autores o fundador da psiquiatria moderna.

¹⁵ Emil Kraepelin fazia parte da corrente organicista alemã. Conhecido por isolar algumas formas de enfermidades psíquicas como: psicose maníaco-depressiva e demência precoce (BERCHERIE, 1986: 106).

¹⁶ Wilhelm Griesinger foi um psiquiatra alemão influente no século XIX, considerado por alguns autores um dos principais divulgadores da “escola somática” na Alemanha, que considerava que as enfermidades mentais eram sempre sintomáticas de uma afecção orgânica (BERCHERIE, 1986: 41).

¹⁷ Importante psiquiatra francês do século XIX que teorizou a respeito da degenerescência (BERCHERIE, 1986: 68).

No ano de 1934, através da Lei n. 11.276, a Secretaria da Educação e Saúde Pública decretou que o Instituto Raul Soares deveria fazer as observações¹⁸ e os tratamentos iniciais aos doentes mentais. E aqueles pacientes que não apresentassem melhora deveriam ser transferidos para o Hospital Colônia de Barbacena.¹⁹ As reformas feitas em 1946, pela então criada Diretoria de Saúde Pública (que mudaria seu nome em 1948 para Departamento Estadual de Saúde) e, em 1961, com a criação de mais um pavilhão no hospital, não resolveram os problemas estruturais do IRS, sempre com superlotação e falta de recursos para o atendimento aos enfermos. Outra reforma importante na assistência psiquiátrica em Minas Gerais foi feita em 1962 com a criação do Hospital Galba Velloso. Na tentativa de minimizar a superlotação do Raul Soares, dividiram-se os pacientes nos dois hospitais localizados em Belo Horizonte. O Instituto Raul Soares passou a atender apenas homens e o Galba Velloso receberia apenas mulheres.

Por fim, cabe destacar ainda que existiam, em Belo Horizonte, na década de 1960, outras instituições dedicadas à assistência psiquiátrica, mas que não pertenciam ao Estado. As principais eram: Casa de Saúde Santa, fundada em 1937 pelos irmãos Ivan Ferreira, Blair Ferreira e Ivan Ferreira, foi a primeira instituição psiquiátrica de iniciativa privada da capital mineira; Casa de Saúde Santa Maria, fundada por Austregésilo Ribeiro Mendonça, em 1947, localizada no bairro da Serra com capacidade para 200 leitos; Clínica Pinel (1946), fundada por Geraldo Roedel, Joaquim Affonso Moretzsohn, Sandoval de Castro e Moacir Martins Andrade, iniciou seu funcionamento com 12 leitos; Clínica Senhora de Fátima (1954), fundada por Tasso Ramos de Carvalho, funcionou com capacidade de 150 leitos; Clínica Nossa Senhora de Lourdes (1959), fundada por um grupo de psiquiatras, Pedro Costa Neto, Hélio Durães Alkmin, Aspásia Pires, Lorival Alcântara Veloso, Ivan Ribeiro, José Gilberto Souza, Eduardo Ozório Cisalpino, Wilson Mayrinck e José Pio Cardoso. Funcionou com capacidade para 500 leitos; Hospital Espírita André Luiz (1949), que funcionou com capacidade para 150 leitos (MORETZSOHN, 1989: 145).

¹⁸Vale ressaltar que, nessa época, existia nos hospitais psiquiátricos públicos, locais para a observação de pessoas que poderiam ser consideradas loucas. A internação desses indivíduos era feita, em grande parte, pelo delegado de polícia, por isso, muitos indigentes eram recolhidos nas ruas e enviados aos hospícios para um período de observação, no qual os médicos responsáveis detectavam se o paciente era realmente louco e qual era a sua doença (MORETZSOHN, 1989: 94) (DUARTE, 2009: 42).

¹⁹ Regulamento da Assistência hospitalar do Estado de Minas Gerais decreto n. 11.276 de 1934.

A fundação do Hospital Galba Velloso

Como sinalizado acima, o Hospital Galba Velloso (HGV) foi fundado em 1962, como um órgão do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais e se destinava, especialmente, ao atendimento de doentes mentais agudos, do sexo feminino. Em termos arquitetônicos, o hospital foi projetado para ser um prédio monobloco, de dois pavimentos em forma de “H”, onde, inicialmente, as seis enfermarias localizavam-se lateralmente. Na parte central, encontravam-se os serviços auxiliares, os consultórios e a administração. O prédio se localiza no bairro da Gameleira, na cidade de Belo Horizonte. A maioria das pacientes atendidas no Galba Velloso eram pessoas carentes e que não tinham direito à previdência social. Elas eram procedentes não só da capital, mas de todo o estado de Minas Gerais. Desde a criação do hospital, a população de doentes foi, em média, de 350 pacientes (que era a capacidade máxima do hospital) (PAPROCKI & RANGEL, 1969: 750).

Foto 1: Entrada principal do HGV.



Fonte: Wikimapia, localizador *online*²⁰.

O nome do hospital foi uma homenagem ao psiquiatra Galba Moss Velloso, de reconhecida atuação médica no âmbito da psiquiatria mineira da época. Nascido em

²⁰ Foto de 2012, retirada do sítio: <http://wikimapia.org/14680317/pt/Hospital-Galba-Velloso#/photo/2872545>, acessado em 19/06/16.

Cataguases – MG, Galba Moss Velloso formou-se no Rio de Janeiro em 1915, sendo interno de Assistência Pública do Rio de Janeiro e de Clínica Neurológica. Ele começou sua carreira em clínicas privadas em algumas cidades do interior de Minas Gerais, mas também atuou no âmbito do ensino médico e na administração hospitalar. Em 1927, foi contratado como professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e também fez parte do corpo clínico do Instituto Raul Soares, onde foi diretor em 1934. Galba Velloso foi um dos fundadores, em 20 de junho de 1936, da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de Belo Horizonte. Em setembro de 1938, fundou os “Arquivos de Neurologia e Psiquiatria”, órgão da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de Belo Horizonte²¹.

Galba Moss Velloso foi demitido do cargo de diretor do Instituto Raul Soares em 1943 após assinar o *Manifesto dos Mineiros*. Esse documento, divulgado em outubro de 1943, era uma manifestação contrária ao governo ditatorial do Estado Novo de Getúlio Vargas. Este documento foi elaborado e assinado por 92 personagens de destaque da sociedade mineira da época. Dentre os quais: Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo, Milton Campos, Artur Bernardes, Afonso Arinos de Melo Franco, Afonso Pena Jr., Bilac Pinto, José de Magalhães Pinto, Mário Brant e Odilon Braga²².

Falecido em 1952, Galba Moss Velloso, provavelmente, deixou de herança para seu filho, o também psiquiatra Fernando Megre Velloso, capital político e os bons relacionamentos dentro da política mineira. No âmbito da cena política, Fernando Velloso foi Secretário de Saúde de Minas Gerais (1971 a 1975), ocupou ainda os cargos do Conselho Regional de Medicina do Estado de Minas Gerais e do Instituto da Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais. No que diz respeito ao campo médico, Fernando Velloso ocupou vários cargos de destaque na psiquiatria mineira e brasileira ao longo de sua carreira. Por exemplo, foi Secretário Geral da Associação Médica Brasileira, um dos fundadores da Associação Nacional de Medicina do Trabalho, membro do Conselho Executivo da primeira Diretoria eleita da Associação Brasileira de Psiquiatria, orador da 2ª diretoria da Associação Médica de Minas Gerais e diretor da Associação Médica Brasileira de 1965 a 1969. Além disso, foi um dos fundadores e membro do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Psiquiatria,

²¹<http://sbhm.webnode.com.br/news/historia-da-psiquiatria-na-faculdade-de-medicina-da-universidade-federal-de-minas-gerais-1911-1961-/> acessado: 19/03/15.

²²<http://cpdoc.fgv.br/> acessado: 19/03/15.

em 1965, sendo presidente dessa Associação nos anos de 1971 a 1973. É importante destacar que Fernando Velloso formou uma forte parceria com o psiquiatra Jorge Paprocki à frente do Hospital Galba Velloso ao longo da década de 1960.

No caso de Fernando Velloso, podemos considerá-lo importante para o presente trabalho devido, justamente, ao seu envolvimento com a política mineira, o que supomos pode ter ajudado no desenvolvimento das ações empreendidas pelo grupo de psiquiatras do Galba Velloso, os Paprocki Boys. Fernando Megre Velloso não pertencia ao quadro de funcionários do HGV, mas nos parece ter sido o alicerce político para as realizações do grupo. Jorge Paprocki, por seu turno, adquiriu certa liderança no HGV não apenas em função do cargo de diretor que ocupava, decorrente da sua visão de psiquiatria que se diferenciava daquilo que era realizado em outros hospitais mineiros, mas também dessa aliança com Fernando Velloso –personagem que então o promoveu politicamente ao cargo de diretor.

O primeiro diretor do HGV foi o médico psiquiatra Hélio Durães Alkmin, que ocupou o cargo no biênio 1962/1963. Não temos muitas informações acerca da gestão de Alkmin, mas evidências apontam que o HGV teve um começo difícil, já apresentando limitações no atendimento às pacientes. No ano de 1963, por exemplo, pouco tempo após sua inauguração, o governador de Minas Gerais Magalhães Pinto, em mensagem à Assembleia Legislativa, afirma que há problema de superlotação de vários hospitais psiquiátricos mineiros, pois “(...) até o novo Galba Velloso já se acha com sua lotação completa”²³.

O HGV funcionou nos primeiros 18 meses, desde a inauguração, em um sistema mais próximo aos asilos psiquiátricos. As portas de acesso às enfermarias e aos pátios permaneciam fechadas. Cada enfermaria dispunha de dois quartos-fortes²⁴ destinados às pacientes mais excitadas ou agressivas. As visitas às pacientes eram semanais, sempre condicionadas ao seu estado mental. O encontro entre os familiares e as pacientes acontecia fora das enfermarias em um salão próprio para as visitas. No início do funcionamento do Galba Velloso, o corpo clínico era de 17 médicos, sendo 8 psiquiatras, 4 clínicos e cirurgiões, 3 ginecologistas-obstetras e 2 cardiologistas (PAPROCKI & RANGEL, 1969: 751).

²³ MENSAGEM do Governador Magalhães Pinto à Assembleia Legislativa de Minas Gerais em 1963.

²⁴ Quartos-fortes ou quartos de segurança eram utilizados para a contenção do doente que estivesse em surto.

Vale lembrar que as referências acima mencionadas sobre o funcionamento do HGV nos anos de 1962 a 1963 são de Jorge Paprocki e Eunice Rangel²⁵. Paprocki, personagem central do presente estudo, foi o diretor que assumiu o hospital a partir de 1963 e propôs uma mudança na organização e na estrutura do HGV. Em razão dessas novas propostas de atuação psiquiátrica, fundamentadas em novas perspectivas médico-científicas, procuraremos discutir as transformações nos tratamentos dirigidos às pacientes a partir da direção de Jorge Paprocki no HGV.

Alguns médicos que atuaram no Galba Velloso na época de sua criação afirmam que a maior parte das internas eram de psicóticas. Em menor número existiam também pacientes diagnosticadas como neuróticas e epiléticas, além da existência de quadros demenciais, oligofrênicos e personalidade psicopáticas. Normalmente elas eram internadas pelas próprias famílias ou por órgãos policiais. Tão logo apresentavam melhoras no estado de saúde, as pacientes eram reenviadas aos seus familiares ou aos organismos policiais responsáveis pela internação. Todavia, quando não apresentavam melhoras eram enviadas ao Hospital Colônia de Barbacena (PAPROCKI & RANGEL, 1969: 752; SILVA, 2008: 53; DUARTE, 2009: 86).

A superlotação dos hospitais psiquiátricos mineiros provavelmente se acentuava em função do tipo de tratamento que era destinado aos pacientes, ou seja, aquele tipo de conduta médica, hegemônico desde fins do século XIX, em que se primava pelo confinamento e exclusão do doente do contato social e familiar. O sofrimento em transtornos mentais que entrasse em um manicômio, naquela época, dificilmente recebia “alta”. Em Minas Gerais, na maioria dos casos um paciente ocupava uma vaga numa instituição psiquiátrica até ser transferido para outro hospital, normalmente, o Hospital Colônia de Barbacena. Este hospital era, então, considerado o último refúgio para os doentes no estado de Minas Gerais (SILVA, 2008:32). Por isso, havia pouca rotatividade de pacientes. Poucas vagas surgiam para novos pacientes e, assim, os hospitais permaneciam com número excessivo de pessoas. No caso do Hospital Galba Velloso, a conduta normalmente seguida pelos médicos era a transferência das pacientes

²⁵ Eunice Rangel era psiquiatra do Galba Velloso e também fazia parte dos “Paprocki Boys”. Ela assumiu cargos administrativos no hospital e foi responsável por uma das enfermarias do HGV. A médica tornou-se diretora do Galba Velloso no ano de 1969, após a saída de Paprocki do cargo. Lembramos que Jorge Paprocki deixa a diretoria do HGV, mas continua chefiando uma das enfermarias no hospital.

consideradas crônicas ou incuráveis para o Hospital Colônia de Barbacena (BARRETO, 20/06/2006)²⁶.

Para entendermos o tipo de tratamento que era oferecido nos hospitais psiquiátricos, podemos recorrer a alguns pesquisadores que trabalharam com a história da psiquiatria para identificarmos influências que orientaram o desenvolvimento dessa ciência no Brasil. De acordo com a autora Magali Gouveia Engel, a assistência psiquiátrica até a década de 1930 era basicamente ancorada nas teorias organicistas.

Segundo essa pesquisadora, Auguste Morel, com o seu *Tratado das degenerescências*, passou a influenciar fortemente a psiquiatria francesa e também a brasileira (ENGEL, 2001: 131). De acordo com Engel, as ideias de Morel seriam também oriundas de teorias dos primeiros higienistas como Esquirol. Esses psiquiatras interpretavam a loucura como consequência do desequilíbrio entre os organismos individuais e sociais. Esse desequilíbrio era provocado por aspectos como: “efeitos “perniciosos” das paixões “excessivas”, os modos de vida “desregrada” da sociedade moderna, as conturbações políticas e sociais, a precariedade das condições de trabalho, a miséria, o fanatismo religioso” (ENGEL, 2001: 132).

Magali Engel afirma ainda que a degenerescência redimensionou a periculosidade do doente mental, a partir do estabelecimento de uma estreita associação entre criminalidade e loucura.

Reforçando a ideia acima, Maristela Duarte afirma que a influência dos organicistas na psiquiatria brasileira, principalmente a influência de Esquirol, legitimava a internação dos doentes. A autora afirma que

(...) a loucura passa a ser vista como se desprendendo do delírio e unindo-se ao vício. Desse modo, o louco deveria ser enclausurado, pois estava propenso a todo tipo de “deformação” – libertinagem, vagabundagem, onanismo, ninfomania, prostituição, alcoolismo etc. – por se tratar de um indivíduo com má formação moral, desordeiro, transgressor das normas sociais e desrespeitador da autoridade (DUARTE, 2009: 36).

Na primeira metade do século XX, a perspectiva organicista adicionada a outras teorias como: a degenerescência de Morel, a eugenia Francis Galton, a escola antropológica criminal de Lombroso, continuava a influenciar a psiquiatria e os

²⁶ BARRETO, Francisco Paes. Entrevista concedida em 20 de junho de 2006 à Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart *et. al.* Psiquiatra e psicanalista, Paes Barreto também foi preceptor em Psiquiatria no Hospital Galba Velloso e no Instituto Raul Soares. Foi um dos líderes da Reforma Psiquiátrica e do Movimento Lacaniano em Minas Gerais. Publicou o livro *Reforma psiquiátrica e movimento lacaniano* entre os demais artigos científicos. Fez parte do grupo dos Paprocki Boys.

modelos hospitalares criados no Brasil. Maristela Duarte afirma que durante o período em que Gustavo Capanema esteve à frente do Ministério dos Negócios de Educação e Saúde (1934- 1945), foi iniciada e institucionalizada a centralização do modelo psiquiátrico que promoveu a expansão das colônias agrícolas e dos macro-hospitais ou modelo hospitalocêntrico, em todo o país. Em Barbacena, ficava estabelecido que o paciente deveria trabalhar nas lavouras ou criações, e aqueles que não se adaptassem a essas atividades deveriam exercer outro tipo de trabalho e receber por isso. Mas na prática, não foi o que ocorreu. “Os grandes hospícios tornaram-se locais para a continuidade de antigas concepções e práticas no tratamento da doença mental” (DUARTE, 2009: 49).

Podemos perceber, com os trabalhos citados acima, que havia na psiquiatria brasileira, desde o século XIX, mantendo-se na primeira metade do século XX, uma tendência à instalação de hospitais psiquiátricos baseadas nas teorias organicistas. De acordo com Ronaldo Jacobina, as teorias organicistas supunham lesões localizadas no cérebro como a origem da doença mental e, por isso, passíveis de cura por meio de intervenções nos corpos dos pacientes (JACOBINA, 2001: 54). Desse modo, os hospitais psiquiátricos eram instituições que promoviam a internação dos pacientes para a intervenção médica, mas na maioria das vezes sem grandes perspectivas que esses indivíduos recebessem alta. Tem sido considerado que somente a partir do desenvolvimento de remédios psicofármacos – tidos por alguns psiquiatras como terapêutica “mais confiável”, “menos agressiva” e “invasiva” – e a maior aceitação e difusão das novas terapias baseadas na psicanálise, é que começaram a surgir críticas mais severas aos modelos dos macro-hospitais (JUCÁ, 2010:316).

Segundo a pesquisadora Vlória Jucá, com o desenvolvimento das pesquisas científicas e do uso da medicação psicotrópica foi possível passar da contenção física para a contenção química no tratamento a alguns transtornos mentais. E com o surgimento dos psicofármacos, mesmo que ainda de alguma forma de fundamento organicista, permaneceu a ideia de que a doença mental é causada por alterações cerebrais e tornou-se também possível a reinserção do doente na sociedade e uma conduta médica não mais baseada predominantemente no confinamento dos doentes mentais nos hospitais. (JUCÁ, 2010: 317).

A direção de Jorge Paprocki no HGV

Para suceder o médico Hélio Durães Alkmin na direção do HGV, foi nomeado pelo secretário de saúde Clóvis Salgado, em 1963, o psiquiatra Jorge Paprocki. O que, primeiramente supomos, se constituiu em uma aposta para tentar solucionar os problemas iniciais de funcionamento do recém-criado hospital psiquiátrico.

Paprocki era polonês, nascido na cidade de Lublin em 1925. Em 1937, veio com sua família para o Brasil. Segundo Paprocki, seu pai não gozava das boas graças do governo ditatorial que havia se instalado na Polônia naquele período. A família de Paprocki imigrou então para a cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul, local em que se concentrava grande parte dos imigrantes poloneses no país (PAPROCKI, 16/09/2010).²⁷ Paprocki veio para Belo Horizonte em sua juventude e se formou médico pela UFMG em 1954. Durante o curso de medicina, ele foi estagiário do Instituto Raul Soares, do primeiro ao último ano de sua graduação, quando se iniciou sua formação na área da medicina psiquiátrica (PAPROCKI, 16/09/2010)²⁸. Depois de formado, Paprocki trabalhou em Juiz de Fora, na recém inaugurada Faculdade de Medicina, que precisava de profissionais para iniciar as suas atividades. Indicado por um de seus ex-professores, Jorge Paprocki lecionou naquela instituição duas disciplinas relacionadas à área da psiquiatria: Psicologia do Sistema Nervoso e Farmacologia do Sistema Nervoso (PAPROCKI, 2010).²⁹ Trabalhou também na Clínica São Lucas, naquela mesma cidade, local em que realizou algumas de suas pesquisas clínicas com terapêuticas medicamentosas.

Segundo a historiadora Maristela Duarte, por essas pesquisas realizadas e suas publicações a esse respeito, Jorge Paprocki parece ter conseguido alguma notoriedade dentro da psiquiatria mineira, com estudos sobre o emprego de anestesia geral e neuroplegia em convulsoterapia (DUARTE, 2009: 63). Alguns desses trabalhos foram empreendidos em colaboração com psiquiatras mineiros, como Fernando Velloso e Fernando Seabra (DUARTE, 2009: 74). O trabalho de Paprocki em Juiz de Fora não foi o único fator que o levou à direção do Galba Velloso. Acreditamos que o seu relacionamento pessoal com Clóvis Salgado e Fernando Megre Velloso também pode

²⁷ PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa *Memória e Poder* da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

ser sugerido como motivo da escolha de Paprocki como diretor do hospital. Além disso, consideramos que o relacionamento com pessoas influentes na política mineira, provavelmente rendeu bons frutos a Paprocki diante da direção do hospital. Por isso contextualizaremos a política mineira da época para que possamos compreender melhor os relacionamentos daquele psiquiatra com alguns políticos mineiros.

De acordo com Otávio Soares Dulci, durante o período de 1945 a 1965, os partidos PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional), influenciavam a política mineira e polarizavam a competição eleitoral em Minas Gerais (DULCI, 1999: 135). Esse autor afirma que o PSD, originário da política do Estado Novo, “possuía a maior parte das elites tradicionais de Minas” (DULCI, 1999: 139). A UDN, segundo Dulci, surgiu em oposição ao governo do Estado Novo de Vargas, aparecendo como outra força da elite política tradicional do estado. Clóvis Salgado, amigo de Paprocki, era membro do Partido Republicano (PR) e, de acordo com Otávio Dulci, era considerado “o fiel da balança” na política mineira. Clóvis Salgado foi vice-governador de Minas Gerais em 1950, quando Juscelino Kubistchek (PSD) se elegeu governador. Com a renúncia de JK para concorrer ao cargo de Presidente da República, Clóvis Salgado assumiu o posto de governador. Pouco tempo depois foi chamado por Kubistchek para o Ministério da Educação e Cultura. Em 1960, Clóvis Salgado foi eleito mais uma vez vice-governador de Minas, e Magalhães Pinto (UDN) eleito governador e, em 1964, apoiou o golpe militar. Após o fim do seu mandato como vice-governador, assumiu a Secretaria de Saúde de Minas Gerais, de 1967 a 1971, no governo de Israel Pinheiro (PSD)³⁰. Podemos perceber que Clóvis Salgado ocupou diversos cargos importantes na política mineira e nacional durante os anos de 1950 a 1971, o que revela que era ele um político de influência na trama política de Minas Gerais.

Segundo o próprio Jorge Paprocki, Clóvis Salgado e Israel Pinheiro eram os seus “padrinhos” e o “protegiam” (PAPROCKI, 16/09/2010). A relação de Jorge Paprocki e Israel Pinheiro deveu-se ao fato do psiquiatra ter atendido durante alguns anos um parente muito próximo desse político. Em entrevista cedida em 2010, Paprocki afirmou o estabelecimento de confiança e de amizade entre os dois a partir da relação médico-paciente (PAPROCKI, 16/09/2010). Podemos interpretar que a proteção da qual Paprocki refere-se seria a pouca interferência do governo estadual e vigilância do

³⁰http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Clovis_Salgado, acessado dia 28/11/15, às 23h.

federal nas ações médico-científicas e administrativas propostas pelo psiquiatra durante a sua gestão do hospital. Nesse período, por exemplo, o médico implementou o sistema *open door* e realizou testes de psicofármacos com as pacientes do Galba Velloso sem qualquer tipo de fiscalização.

A falta de vigilância do governo também pode ser verificada com o envolvimento político de parte do grupo do hospital. Em entrevista cedida em 2010, Paprocki lembra que na época, alguns acadêmicos internos no HGV se relacionavam com políticas contrárias ao governo militar. O psiquiatra afirmou que ficou sabendo, várias vezes, que perseguidos políticos haviam sido abrigados nas dependências do Galba Velloso, mas que ele fazia “vista grossa”.

(...) grande parte da equipe (do Galba Velloso) fazia parte da esquerda. Existe até uma pessoa que ocupou um papel de verdadeiro herói dessa geração que se chamava Ângelo Pezzuti³¹. Era um homem superdotado. Quando ele se submeteu a candidatura do Galba Velloso, ele estourou todos os testes, ele tinha testes de inteligência próximos da genialidade (PAPROCKI, 16/09/2010)³².

Ademais, podemos sugerir que a proteção da qual fala Jorge Paprocki pode ser o apoio para a realização de algumas atividades acadêmicas e propostas políticas de saúde pública promovidas por ele, como por exemplo, a fundação da FEAP, a realização do 1º Congresso de Psiquiatria Mineiro, a realização da residência psiquiátrica naquele hospital, etc. Destaca-se que, quando Paprocki assumiu a diretoria do Galba Velloso, Clóvis Salgado era o vice-governador de Minas e na fase mais próspera do HGV (1966/1970), Israel Pinheiro era governador do estado, enquanto Clóvis Salgado ocupava o cargo de Secretário de Saúde. O cargo de Secretário de Saúde durante o governo de Israel Pinheiro, segundo o próprio Clóvis Salgado, foi por escolha inteiramente pessoal, questões de confiança do governador em relação a ele.

Em 1976, em entrevista cedida a Norma de Góes Monteiro, Clóvis Salgado afirmou que, certa vez, um ex-governador de Minas Gerais acusou Israel Pinheiro de desonestidade na administração da Vale do Rio Doce, e que ele saiu em sua defesa. Para Salgado, esse evento foi o motivo pelo qual recebeu o chamado para ocupar o cargo na Secretaria de Saúde (SALGADO, 2007: 201).

³¹ Ângelo Pezzuti da Silva participou das organizações POLOP (Política Operária) e COLINA (Comando de Libertação Nacional) que lutavam contra a ditadura militar.

³² PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa Memória e Poder da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

Acerca da política mineira da época, Otávio Dulci discute ainda que havia conflitos e relações políticas baseadas nos laços políticos e clientela. Esse autor faz a comparação entre a política que vai se desenvolvendo com a urbanização do estado e o clientelismo. Para Dulci, o vínculo estabelecido entre os atores políticos se torna mais pragmático do que nos ambientes rurais, mas que para as elites políticas urbanas o resultado era o mesmo em relação à manutenção do poder (DULCI, 1999: 126).

Podemos interpretar que a amizade estabelecida por Paprocki com dois políticos conhecidos em Minas Gerais o possibilitou ocupar os cargos públicos que lhe foram oferecidos na época: diretor do HGV e diretor da FEAP, o que poderia ser considerado uma relação de clientelismo entre as partes interessadas.

Em 1968, Clóvis Salgado (Secretário de Saúde), Israel Pinheiro (governador) e Fernando Megre Velloso (presidente da recém criada FEAP - Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica) tinham boas relações com Paprocki, o que possivelmente facilitou a nomeação deste para o cargo de Diretor Executivo da FEAP³³, no período de 1969 a 1971³⁴.

Com essas evidências do contexto político mineiro, podemos interpretar que, mais do que reconhecimento médico-científico no âmbito da psiquiatria, Paprocki tinha algum respaldo político para atuar na frente do HGV e, com liberdade, promover as reformas institucionais necessárias, com o intuito de afirmar um novo modelo de intervenção médica e organização hospitalar. Esse respaldo político fica manifesto no posterior envolvimento de Jorge Paprocki na administração da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica.

A FEAP era uma instituição que tinha como função organizar a assistência psiquiátrica no estado de Minas Gerais. No artigo 3º da Lei n. 4963 – de 25 de setembro de 1968 acerca da criação da FEAP – instituiu-se que “A Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica manterá os hospitais cogitados nesta Lei, podendo, ainda, criar ou encampar outros estabelecimentos, com a finalidade de prestar assistência à higiene mental, ao ensino e à pesquisa psiquiátrica”³⁵. Essa instituição surgiu com o objetivo de centralizar a administração dos hospitais psiquiátricos do estado. Ela é considerada a precursora da FEHMIG. Faziam parte da FEAP os hospitais do estado: Instituto Raul

³³ Ao assumir o cargo na FEAP, Paprocki deixa a diretoria do HGV, mas continua chefiando uma das sete enfermarias daquele hospital.

³⁴ <http://jorgepaprocki.wix.com/blog#!jorge-paprocki/cyxv>; acessado em 20 de setembro de 2015.

³⁵ MINAS GERAIS, Lei n. 4.953, de 25 de setembro de 1968. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica, com sede em Belo Horizonte, e dá outras providências.

Soares, Hospital Galba Velloso, Hospital da Neuro-Psiquiatria Infantil, Hospital Colônia de Barbacena e Hospital Carlos Pinheiro Chagas de Oliveira.

Clóvis Salgado, em entrevista cedida a Norma Monteiro, explica que a criação da FEAP estava relacionada à falta de recursos da Secretaria de Saúde e outros problemas administrativos que impediam aquela secretaria de funcionar como deveria. Segundo Salgado, tal projeto exigiu um esforço de articulação política, pois ele encontrou grande oposição dentro da Assembleia Legislativa de Minas Gerais para a aprovação da FEAP, principalmente por parte de alguns políticos que defendiam interesses de clínicas particulares (SALGADO, 2007:205).

A primeira medida tomada pela direção da FEAP foi de angariar recursos para fazer funcionar os hospitais. Como boa parte dos internos dos hospitais psiquiátricos do estado era de indigentes, que não geravam renda, a FEAP começou a atender a pacientes particulares e provenientes, principalmente, de convênio com o INPS. Clóvis Salgado afirmou que a clientela que mais crescia dentre as atividades hospitalares era a psiquiátrica, por isso era necessário angariar recursos para a Fundação (SALGADO, 2007:205).

Maria Stella Goulart afirma que a criação da FEAP mudou os rumos organizacionais do Galba Velloso. Para Stella Goulart,

(...) a rotina de trabalho do HGV (o “Galba”) foi redirecionada a partir de 1968, em função de convênio firmado com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), visando obter recursos para o Hospital e para a recém-criada Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP) (GOULART, 2014: 61).

Para dimensionarmos o papel da FEAP para a psiquiatria mineira, vale observarmos os anais do 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria, onde podemos encontrar, em alguns grupos de discussão, a defesa da importância da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica³⁶. Por exemplo, na sessão *O papel do hospital de agudos no Plano de Assistência Psiquiátrica*, todos os integrantes do grupo concordaram que a assistência psiquiátrica pública em Minas Gerais inexistia antes da FEAP (ANDRADE, 1970: 17).

O grupo não explica a afirmação acima, mas adiante na discussão, há um trecho do relatório em que se afirma: “O grupo enaltece a ação da FEAP e diz que a principal

³⁶ De acordo com os Anais do 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria, “a Assistência Psiquiátrica é um meio através do qual se propõe alcançar determinado objetivo. Propõe-se à recuperação do doente mental, tarefa complexa e difícil, que implica na sua reintegração sócio-familiar”.

função do Congresso é de servir de apoio para que a Fundação consiga sensibilizar o governo”. Supomos que a exaltação à FEAP pode ser, em parte, para reafirmar a vontade do grupo de reivindicar melhorias para a assistência psiquiátrica junto ao governo do estado já que todos os grupos de debate do 1º Congresso reclamaram da falta de recursos destinados aos hospitais psiquiátricos.

Vale destacar que com a fundação da FEAP tornou-se possível a criação da primeira residência psiquiátrica do estado de Minas Gerais em 1968, promovendo uma formação de pós-graduação em medicina psiquiátrica junto à prática hospitalar. Na ocasião, segundo Paprocki (16/09/2010), os diretores da Faculdade de Ciências Médicas Lucas Machado, Elias Murad e Tancredo Alves Furtado, queriam que aquela faculdade competisse com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em relação aos cursos de pós-graduação. Era uma maneira pensada pelos diretores da FMCM para conseguir ganhar espaço no mercado nesse nível de especialização.

Com a residência psiquiátrica no Galba Velloso a partir do ano de 1968, o grupo dessa instituição torna-se mais preparado para lidar com as novas práticas terapêuticas defendidas por Jorge Paprocki, sobretudo duas, a psicofarmacologia e o *sistema open door*. A residência também se torna um instrumento importante de divulgação do HGV, que passa a ser então o único hospital mineiro com especialização em psiquiatria.

Formação e desagregação dos Paprocki Boys

A característica mais importante a ser destacada na direção de Jorge Paprocki no HGV é o esforço desse médico no propósito de formar um grupo de psiquiatras para atuar segundo a perspectiva dos novos modelos de terapêutica e de organização hospitalar por ele lá empreendidos. Ora, todo trabalho científico é um trabalho coletivo. Todo processo de conhecimento é oriundo de concepções e práticas científicas que são partilhadas coletivamente (FLECK, 2010: 84). Desse modo, não bastava apenas a Jorge Paprocki estar bem informado sobre o que se desenvolvia na psiquiatria europeia e estadunidense e se espelhar nessas mudanças que aconteciam naquele momento em outros países para tentar implementá-las no HGV. Era preciso socializar e fazer circular tais novos modelos para afirmá-los perante a comunidade médica de Minas Gerais. Para tanto, foi preciso agir com o intuito de promover a iniciação e a formação de outros médicos, de um coletivo, em torno das novas perspectivas que fundamentavam as suas

propostas de práticas terapêuticas. A maneira de pensar a prática psiquiátrica estava mudando na segunda metade do século XX. Havia o movimento da antipsiquiatria na Inglaterra, desde os anos de 1950, que tentava acabar com os hospitais-asilos e a implantação de hospitais ambulatoriais. Discutia-se o direito de liberdade dos doentes trancafiados nos hospícios. Ampliavam-se as propostas de uso das drogas psicofarmacológicas que possibilitariam uma maior contenção e estabilidade dos doentes mentais. Enfim, não só a psiquiatria, mas toda a sociedade estava repensando a loucura, a partir de um processo de redefinição do conceito de normal e patológico para as doenças mentais.

Em alguns países europeus e nos Estados Unidos já estava em pauta a discussão acerca da reinserção social dos doentes mentais. Havia esta possibilidade, principalmente após o surgimento dos psicofármacos modernos. Mas, no Brasil, ainda não era forte esse movimento. Talvez em alguns locais específicos, como em Porto Alegre com o grupo de Marcello Blaya, no Rio de Janeiro com o grupo de J. C. Madalena, e agora, Paprocki se inclinava a fazer parte deste estilo que está se formando, mas para isso era necessário formar uma equipe capaz de levar à frente essas novas teorias.

Na tentativa de criar um coletivo em torno de novas práticas psiquiátricas, Jorge Paprocki, com seu grupo de psiquiatras, desenvolve algumas ações importantes, tais como: a residência psiquiátrica, a criação do Centro de Estudos do Galba Velloso e a Revista do Galba Velloso, o 1º e 2º Congressos Mineiros de Psiquiatria e lançamento do livro *Psicofármacos*.

Para colocar em prática seu objetivo, no início da direção de Jorge Paprocki, o Galba Velloso começou a abrir vagas para internos acadêmicos. O estudante de medicina que concluísse a disciplina de farmacologia na faculdade poderia pleitear uma vaga para trabalhar naquele hospital. É importante percebermos que não era a disciplina de psiquiatria a exigência para pleitear a vaga no HGV, mas o conhecimento em ministrar medicamentos. Isso nos sugere que Paprocki dirigia a formação dos residentes em direção à psicofarmacologia, e que, com isso, acreditava que o futuro da psiquiatria estava, inevitavelmente, vinculado a administração de psicofármacos pelos psiquiatras.

O estudante interno poderia residir no próprio HGV. Para entrar no hospital o acadêmico de Medicina deveria se submeter aos testes feitos por psiquiatras daquela instituição, normalmente, Jorge Paprocki e/ou Eunice Rangel. O teste aplicado, de

acordo com Antônio Carlos Corrêa³⁷, era o teste de Rorschach³⁸. O estudante que conseguia ingressar no HGV recebia treinamento e era acompanhado pelos psiquiatras mais experientes do hospital (CORRÊA, 8/9/2014)³⁹.

Ao longo dos anos, podemos constatar uma variação nas entradas de estudantes estagiários no Galba Velloso. Em 1962, foram oito internos, e a partir de 1965 passaram a entrar em média 12 estagiários, todos acadêmicos de medicina. A partir de 1965, passou-se a admitir também estagiários acadêmicos de psicologia, que eram em média cinco estudantes por ano (PAPROCKI & RANGEL, 1969: 751). Com a entrada de vários estudantes de medicina para serem treinados e para atuar profissionalmente no HGV, começa a se formar o grupo que ficou conhecido como Paprocki Boys⁴⁰. Podemos perceber que além do aumento do número de estudantes a estagiar no hospital, ampliou-se também a diversidade das formações profissionais que passaram a ser admitidas no HGV como estagiários. Tal estratégia, provavelmente, não foi apenas uma forma de ajudar suprir a falta de recursos que o Estado destinava ao hospital. Mas, principalmente, estava sendo criado ali um grupo formado a partir de um novo estilo de pensamento psiquiátrico.

Sobre a entrada de estudantes internos⁴¹ no Galba Velloso, Jorge Paprocki recorda que, na época em que ele assumiu a direção do Hospital Galba Velloso em

³⁷ Antônio Carlos Corrêa é psiquiatra, foi estudante interno do HGV, residente em psiquiatria no Galba Velloso e, posteriormente, professor na residência psiquiátrica do hospital. Trabalhou no HGV de 1966 a 1971. Foi um dos membros dos Paprocki Boys. Editor de três números da *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*. Editor do manual de psicofarmacologia lançado pelo HGV, *Psicofármacos*.

³⁸ Esse teste foi desenvolvido por Hermann Rorschach e foi utilizado em várias partes do mundo. Ainda hoje é utilizado, mas em menor escala. Conhecido também como teste de manchas de Rorschach. Consiste em um conjunto de cartas com imagens de manchas de tinta dobradas sobre si mesmas para criar uma imagem espelhada. Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/07/120725_rorschach_teste_bg.shtml; acessado em: 01/06/16, às 16h.

³⁹ CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*. Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

⁴⁰ Dentre os vários nomes que passaram pelo Galba Velloso nessa época, temos os atores que mais frequentemente são lembrados pelos próprios participantes do grupo. Alguns deles são: Marco Aurélio Baggio, César Rodrigues Campos, Odília Miguel Pereira, Francisco Juarez Ramalho Pinto, Virgílio Bustamante Rennó, Francisco Paes Barreto, Francisco Xavier, Vicente Santos Dias, José de Assis Corrêa, Eudes Ramón Paredes Montilla, José Carlos Pires Amarante, Arlindo Carlos Pimenta, Walmor Piccinini, Javert Rodrigues, Rodrigo Teixeira de Salles, Lélcio Marcio Dias, Maria Muniz Passos e Maria Auxiliadora Athayde (BAGGIO, 2011: 62; NEVES, 1999: 3; PICCININI, 2006: 4; CORRÊA, 2014).

⁴¹ Vale lembrar que o estudante interno (ou acadêmico interno) não é o mesmo que o estudante residente. O estudante interno era aquele que ainda estava cursando a sua graduação em Medicina e ia trabalhar no hospital em troca de alguma remuneração, comida e, na maior parte das vezes, moradia na instituição. O estudante residente era aquele que já havia concluído sua graduação e fazia a residência, que era um curso de pós-graduação em psiquiatria. Os estudantes internos ingressaram no HGV desde 1963, já os estudantes residentes apenas em 1968 com o início do programa de Residência Psiquiátrica em parceria com a Faculdade de Ciências Médicas.

1963, havia herdado “um grupo de psiquiatras velhos que não estavam familiarizados com o uso de novas terapêuticas. (...) Então, eu tive que formar psiquiatras novos que estavam aptos a produzir diante do advento dos psicofármacos” (PAPROCKI, 16/092010).

Percebemos que Paprocki se opõe ao conhecimento dos psiquiatras que estavam no HGV quando ele assumiu, alegando estarem velhos ou, podemos supor, fazendo uso de teorias ultrapassadas. É costume daqueles que estão inseridos em um tipo de conhecimento sobre determinado tema refutarem ideias diferentes das que eles defendem. Ou seja, aqueles que estão iniciados em um estilo de pensamento, normalmente, inconscientemente, tendem a evitar as teorias de outro estilo de pensamento – mesmo que um novo estilo sempre porte algo do estilo anterior. Nesse momento de iniciação da gestão de Jorge Paprocki, ele precisava cooptar jovens profissionais que estivessem abertos a aprender as suas definições acerca da psiquiatria, para que pudessem dar prosseguimento à sua proposta médico-psiquiátrica para o HGV. Por isso, o acadêmico ainda em formação era melhor para compor a equipe médica do Galba Velloso, já que os psiquiatras mais experientes, possivelmente, já impregnados dos antigos saberes, entrariam em choque com as novas práticas propostas.

Com o intuito de constituir o seu grupo, Paprocki convidou para o Galba Velloso alguns importantes psiquiatras mineiros, que ministraram aulas aos estudantes internos do hospital. Antônio Carlos Corrêa afirma que as aulas de aprimoramento para os estudantes internos do HGV eram uma forma de iniciação em que:

(...) com frequência eram convidados grandes experts e profundos conhecedores da psiquiatria para proferirem palestras no Centro de Estudos do Galba Velloso: prof. Clóvis de Faria Alvim, um dos psiquiatras mais cultos que conheci, prof. Paulo Saraiva, que não ficava atrás com seu conhecimento enciclopédico, prof. Hélio Durães Alkmin, prof. Austregésilo Ribeiro de Mendonça, Fernando Megre Velloso, Joaquim Affonso Moretzsohn, Ivan Ribeiro da Silva, Francisco Hugo Badaró, Geraldo Megre de Resende, Aspásia Pires de Oliveira e o prof. José Elias Murad, com suas aulas memoráveis sobre psicofarmacologia (CORRÊA, 08/09/2014).

Encontramos algumas vezes médicos reclamando da formação continuada em psiquiatria, que praticamente inexistia em Minas Gerais. O “psiquiatra era autodidata”. A formação psiquiátrica se dava na prática hospitalar, conforme afirmava, por exemplo,

Fernando Megre Velloso, em 1963,⁴² e Marco Aurélio Baggio, em 1993⁴³. Acreditamos que o Hospital Galba Velloso muda, em parte, com esse cenário, em que circulam novas ideias e propostas para a terapêutica psiquiátrica e anseios por reformas na organização hospitalar. Em virtude da necessidade de construção de um grupo voltado para as práticas de *comunidade terapêutica* e psicofarmacologia, os estudantes internos daquele hospital recebiam as instruções imprescindíveis para adequarem ao estilo de pensamento. Seja com as aulas teóricas ou na prática do hospital, o estudante interno estava sendo assistido por um psiquiatra mais experiente que já havia sido iniciado naquela perspectiva médico-científica. Com a residência psiquiátrica a partir de 1968, alguns desses estudantes internos passaram a ser instrutores de outros novos pleiteantes ao conhecimento divulgado no HGV.

Os dois quadros 1 e 2 apresentam, de maneira geral, o currículo e a proposta de funcionamento da residência psiquiátrica no Galba Velloso. Essa especialização era um curso com duração de dois anos (R1 e R2). O primeiro ano da residência totalizava 106 horas de aulas teóricas, 272 horas de aulas práticas e 1212 horas de atividades práticas. No segundo ano, totalizavam 164 horas de aulas teóricas, 204 horas de aulas práticas e 706 horas de atividades práticas. Chama atenção também, tanto no primeiro quanto no segundo ano da especialização, que dentre as atividades suplementares obrigatórias dos residentes estavam: participação em um ensaio com psicofármacos, publicação de um artigo acerca de psiquiatria, apresentação de um trabalho em reunião científica e submeter-se à terapia pessoal.

⁴² VELLOSO, Fernando Megre. *Assistência a Psicopatas*. O Hospital. Belo Horizonte, v. 1, p. 138 -147, 1963.

⁴³ BAGGIO, Marco Aurélio. *Uma história da psiquiatria mineira: a turma do Galba*. Jornal Mineiro de Psiquiatria. Belo Horizonte, ano VI, ed., 16, 1993.

Quadro 1: Programa de Atividades na Residência em Psiquiatria – R1
HGV-FEAP/FCM-UC – Anos de 1968, 1969 e 1970

Sumário Do Programa	105 horas de aulas teóricas 272 horas de aulas práticas 1212 horas de atividades práticas		
Aulas teóricas e práticas	Semiologia Psicopatologia Clínica Terapêutica psiquiátrica Psicoterapia Neurologia e EEG Testes psicológicos Total	2v/s -92 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 368 hs/ano	24 t + 68 p 12 t + 34 p 12 t + 34 p 12 t + 34 p 12 t + 34 p 12 t + 34 p 12 t + 34 p 106 t + 272p
Atividades Práticas	Atividade em enfermaria Atividade de plantão Substituição médicos em férias Dinâmicas de grupo Total	12 hs/s – 552 hs/ano 12 hs/s – 552 hs/ano 12 hs/s – 48 hs/ano 3din – 60 hs/ano 1212 hs/ano	552 p 552 p 48 p 60 p 1212 p
Atividades suplementares Obrigatórias	Participação em um ensaio com psicofármacos Publicação de um artigo acerca de psiquiatria Apresentação de um trabalho em reunião científica Submeter-se à terapia pessoal		

Fonte: Jorge Paprocki, *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, vol.2, 1970.

Quadro 2: Programa de Atividades na Residência em Psiquiatria – R2
HGV-FEAP/FCM-UC – Anos de 1968, 1969 e 1970

Sumário Do Programa	164 horas de aulas teóricas 204 horas de aulas práticas 706 horas de atividades práticas		
Aulas teóricas e práticas	Clínica Terapêutica psiquiátrica Revisão Bibliográfica Supervisão em pesquisa Psicoterapia Psiquiatria Infantil Psicologia Social Total	1v/s - 46hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 2 v/s – 92hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 1 v/s – 46 hs/ano 368 hs/ano	12t + 34 p 12 t + 34 p 46 t 12 t + 34 p 24 t + 68 p 12 t + 34 p 46 t 164 t + 204p
Atividades Práticas	Atividades em ambulatório Substituição médicos em férias Supervisão de acadêmicos Dinâmicas de grupo Total	12 hs/s – 552 hs/ano 12 hs/s – 48hs/ano 1 hs/s – 46hs/ano 3din – 60 hs/ano 706hs/ano	552 p 552 p 48 p 60 p 706 p
Atividades suplementares Obrigatórias	Participação em um ensaio com psicofármacos Publicação de um artigo acerca de psiquiatria Apresentação de um trabalho em reunião científica Submeter-se à terapia pessoal		

Fonte: Jorge Paprocki, *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, vol.2, 1970.

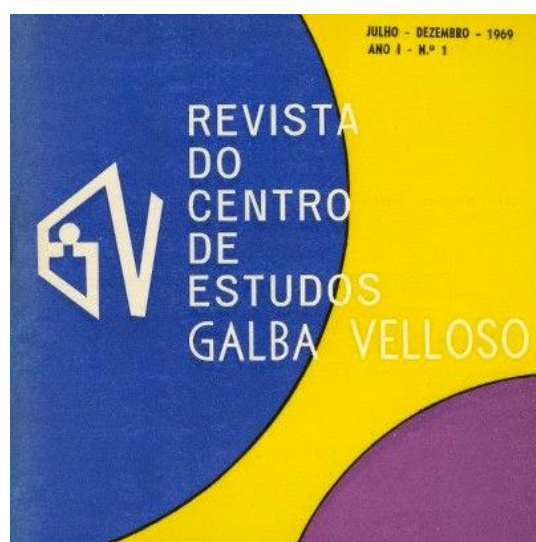
A residência psiquiátrica trouxe uma grande possibilidade de conhecimento acerca das terapêuticas defendidas pelos Paprocki Boys. Essa experiência parece ter sido fundamental para a formação profissional dos psiquiatras que fizeram parte dos Paprocki Boys. Alguns dos estudantes internos que haviam entrado no HGV em 1963/1964 passaram a ser professores na residência psiquiátrica, por exemplo: Marco Aurélio Baggio, Antônio Carlos Corrêa, César Rodrigues Campos, Arlindo Carlos Pimenta e Francisco Paes Barreto. Após quatro ou cinco anos de formação prática e teórica⁴⁴ dentro do hospital, os primeiros Paprocki Boys começavam a formar um grupo de discípulos. Foram 13 os médicos integrantes do grupo que ministraram aulas durante o tempo da residência no Galba Velloso de 1968 a 1971. De acordo com a historiadora Maristela Duarte, a residência no Galba Velloso conseguiu destaque perante o campo médico mineiro, porque “até então, os acadêmicos de Medicina faziam a sua residência em outras instituições psiquiátricas, geralmente localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo” (DUARTE, 2009: 69).

Impulsionados pela residência psiquiátrica, os Paprocki Boys divulgavam as pesquisas clínicas realizadas naquele hospital através do Centro de Estudos do Galba Velloso (CEGV). A criação desse centro pode ser interpretada como uma iniciativa de institucionalização do grupo de pesquisas. O Centro de Estudos era o lugar de onde partia a coordenação das atividades, para “além da assistência hospitalar”. Esse foi criado, portanto, para ser um espaço de pesquisas e veículo de divulgação de trabalhos realizados no HGV. Apesar de ter sido fundado em 1964, o CEGV conseguiu maior destaque a partir do ano de 1968, ou seja, após a criação da residência. Posteriormente, em 1969, o CEGV lançou a *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*. Essa revista era semestral e teve curta duração. Ao longo dos anos, foram lançados apenas quatro volumes, 2º semestre de 1969, 1º e 2º semestres de 1970 e 1º semestre de 1971. Os temas na área da psiquiatria eram diversos. Em geral, foram principalmente publicados resultados de experiências dentro do próprio hospital, como pesquisas com psicofármacos, os assuntos tratados na residência psiquiátrica, dinâmicas de grupo realizadas com os membros do hospital e teorias a respeito da assistência psiquiátrica, principalmente, em defesa da *comunidade terapêutica*.

⁴⁴ Em alguns relatos como o de Antônio Carlos Corrêa (08/09/2014), Francisco Paes Barreto (20/06/2006) e Marco Aurélio Baggio (2007), são descritas palestras e aulas realizadas no HGV para seus estudantes internos, antes mesmo da instalação da residência psiquiátrica.

Pode-se considerar que o Centro de Estudos e a revista do Galba Velloso se tornaram importantes espaços para que o grupo médico-científico do hospital divulgasse suas concepções e terapêuticas psiquiátricas. Por meio da publicação de seus trabalhos e, consequentemente, da afirmação do Centro de Estudos do Galba Velloso, é que os psiquiatras desse hospital tentavam ter o reconhecimento das suas concepções psiquiátricas perante os pares, tanto no estado de Minas Gerais, quanto em outros estados brasileiros.

Foto 2: capa da Revista do C.E.G.V. lançada em 1969.



Fonte: CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*⁴⁵.

A revista foi produzida com o auxílio das seguintes pessoas: Antônio Carlos Corrêa, editor. Comissão editorial: Cezar Rodrigues Campos, Eunice Rangel, Francisco Paes Barreto, José Carlos Pires Amarante, Marco Aurélio Baggio e Mario Catão Guimarães. Consultoria científica: Jorge Paprocki. Diretoria administrativa: Antônio Leite Rangel, Emílio Grimbaun, João Francisco Lobo Ribeiro. Todos integrantes dos Paprocki Boys.

⁴⁵ Retirado do blog *Da psicodinâmica às neurociências* de Antônio Carlos Corrêa. Acessado em: Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

Em 1969, os Paprocki Boys, através do CEGV, lançaram o primeiro livro de psicofarmacologia editado no Brasil, em português, intitulado: *Psicofármacos*⁴⁶. Podemos considerar tal obra outra iniciativa importante do grupo para afirmar as suas propostas de terapêutica psiquiátrica. Esse livro foi lançado no IX Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria, Neurologia e Higiene Mental, no Hotel Copacabana Palace, Rio de Janeiro. De início foi produzida uma tiragem de 2.000 exemplares, mas o livro nunca mais foi reeditado. Cabe ressaltar que ele é uma síntese do estilo de pensamento sobre o uso de psicofármacos, contendo capítulos de autoria dos vários médicos que faziam parte dos Paprocki Boys. É um livro idealizado e gestado naquele grupo e foi dedicado à figura central do grupo, ou seja, Jorge Paprocki (PIMENTA et al., 1969).

A **Foto 3** nos mostra alguns dos integrantes do Galba Velloso em viagem de barco pela Baía de Guanabara justamente na ocasião do IX Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria, Neurologia e Higiene Mental, em julho de 1969. Podemos visualizar na imagem, da esquerda para a direita: Antônio Carlos Corrêa (de óculos escuros), Arlindo Pimenta (ao fundo), José Raimundo Lippi, Claudio Persio Carvalho Leite, Francisco Paes Barreto e personagens não identificados.

Na **Foto 4**, sentados no auditório durante uma apresentação no congresso, encontramos da esquerda para a direita: César Rodrigues Campos, João Luiz Silva Tony, Antônio Carlos Corrêa e Jorge Paprocki.

⁴⁶ Após o lançamento do manual de psicofarmacologia pelo HGV, apenas em 1975 José Caruso Madalena, do Rio de Janeiro, publicaria outro livro na área, de acordo com Antônio Carlos Corrêa, com um teor diferente. Uma obra maior e mais atualizada do que os *Psicofármacos* somente foi publicada pelo mesmo Caruso Madalena em 1979, portanto, dez anos após o trabalho dos Paprocki Boys (CORRÊA, 08/09/2014).

Foto 3: Viagem pela Baía da Guanabara



Fonte: CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*⁴⁷.

Foto 4: IX Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria, Neurologia e Higiene Mental



Fonte: CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*⁴⁸.

⁴⁷ Retirado do blog *Da psicodinâmica às neurociências* de Antônio Carlos Corrêa. Acessado em: Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

⁴⁸ Retirado do blog *Da psicodinâmica às neurociências* de Antônio Carlos Corrêa. Acessado em: Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

Foto 5: Simpósio sobre Depressão



Fonte: CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*⁴⁹.

Março de 1970 - Simpósio Nacional sobre Depressão. Parte da "turma do Galba". Da esquerda para a direita: Cristina e Rodrigo Teixeira de Salles, Marcio Sampaio, Roberto Rangel, Eunice Rangel, José Ronaldo Procópio, Antônio Leite Rangel, Jorge Paprocki, Maurício Sartori, Maria Muniz Passos (Lia), Delcir Antonio da Costa e Antônio Carlos Corrêa⁵⁰.

Além disso, os Paprocki Boys também promoveram eventos científicos em Belo Horizonte, onde apresentavam os resultados das suas pesquisas psicofarmacológicas e, até mesmo, promoviam novos medicamentos psiquiátricos para os pares. O Simpósio sobre Depressão realizado no Galba Velloso em março de 1970, por exemplo, foi o evento de lançamento do antidepressivo Anafranil® injetável, fabricado pela empresa Ciba-Geigy. O HGV foi escolhido para o lançamento por ter sido justamente o centro de estudos que conseguiu realizar os testes necessários para entrada do medicamento no mercado (PAPROCKI, 16/09/2010). A **Fotos 5** e a **Foto 6** representam esse acontecimento no HGV.

⁴⁹ Retirado do blog *Da psicodinâmica às neurociências* de Antônio Carlos Corrêa. Acessado em: Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

⁵⁰ *Idem*.

Foto 6: Sessão de abertura do Simpósio sobre Depressão



Fonte: CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*⁵¹.

Sessão de abertura do Simpósio. Da esquerda para a direita: Antônio Carlos Corrêa, Francisco Paes Barreto, José Raimundo Lippi, Ulisses Vianna Filho (Secretário Geral da ABP-Rio de Janeiro), Eunice Rangel, Diretor Médico do Laboratório Ciba-Geigy, deputado estadual Genésio Bernardino, representando o Governador do Estado, Rubim de Pinho (Presidente da ABP-Bahia).

Essas ações promovidas pelos Paprocki Boys são uma maneira de tentar consolidar seu campo, suas ideias, e de se tornarem referências dentro de suas especialidades. Além disso, os Paprocki Boys junto a FEAP organizaram outros eventos em Belo Horizonte na área da psiquiatria, como os primeiros congressos mineiros de psiquiatria. O Primeiro Congresso Mineiro de Psiquiatria aconteceu em 1970, em Araxá - MG e reuniu os principais psiquiatras de Minas Gerais da época. O intuito era discutir a prática da psiquiatria e a organização dos hospitais psiquiátricos no estado. Logo, em 1971, aconteceu o II Congresso Mineiro de Psiquiatria em Caxambú – MG, organizado também pela FEAP e pelos Paprocki Boys. O Segundo Congresso foi praticamente a continuação do primeiro, com temas muito parecidos, de acordo com Antônio Carlos Corrêa (08/09/2014).

O II Congresso Mineiro de Psiquiatria foi a última vez que os psiquiatras do Galba Velloso se reuniram enquanto Paprocki Boys. A partir do ano de 1971, começou

⁵¹ Retirado do blog *Da psicodinâmica às neurociências* de Antônio Carlos Corrêa. Acessado em: Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

o que denominamos como a desagregação do grupo. Alguns profissionais abandonaram a carreira em hospitais públicos, outros foram remanejados para outros hospitais do estado. Cabe ressaltar que, a partir desse momento, os Paprocki Boys já não articulavam enquanto um grupo e, até o fim de 1971, a maioria dos médicos, incluindo Paprocki, já não atuavam dentro do HGV.

Podemos hipotetizar que um fator relevante para o início da desagregação dos Paprocki Boys foi o desentendimento entre Fernando Megre Velloso e Jorge Paprocki em 1971. Não se sabe ao certo qual o motivo do rompimento de relações entre os dois, mas esse acontecimento pode ter sido um dos indícios de que a “turma do Galba” estava desgastada em sua convivência. Há também indícios de má administração de Jorge Paprocki diante da FEAP, o que pode ter contribuído para a dispersão do grupo. Francisco Paes Barreto em entrevista a Stella Goulart, em 2006, afirmou que Paprocki transformou o Galba Velloso em um hospital previdenciário. Afirma ainda que Paprocki, diante da FEAP, destruiu tudo o que tinha construído nos anos anteriores (BARRETO, 20/06/2006). O próprio Paprocki admitiu a má administração: “eu não sou administrador. Sou médico. Apareceu a oportunidade e aceitei, mas não é minha área” (PAPROCKI, 16/09/2010).

No final de 1971, Paprocki deixa a FEAP e o HGV. Sai do serviço público e dedica-se a clínica privada. Funda em 1972, junto com Luís Bustamante, o Grupo de Estudos de Psicofarmacologia Clínica. “A manutenção e a sobrevivência desse serviço era assegurada pela renda aferida com a realização de ensaios para a indústria farmacêutica multinacional. A entidade não recebia nenhum tipo de ajuda oficial” (PAPROCKI, 2011: 3).

No ano de 1971, provavelmente não por coincidência, o governo federal promulgou a Lei 5.772 de 21 de dezembro de 1971, que codificava a legislação quanto à propriedade industrial e eliminava os direitos de patentes para os produtos farmacêuticos no que se refere a substâncias, compostos, matérias-primas e processos de fabricação. Essa medida do governo, que visava o crescimento da indústria farmacêutica nacional, pode ter sido um fator que contribuiu para o afastamento de Jorge Paprocki do serviço público e interferiu nos seus investimentos científicos e no tipo de terapêutica psiquiátrica que ele achava mais eficaz: a psicofarmacologia.

Ainda cabe notar que a residência psiquiátrica muda do Galba Velloso para o Instituto Raul Soares em 1972, outro fator que pode ter proporcionado a dispersão dos Paprocki Boys no HGV. A grande maioria dos psiquiatras que trabalharam na

residência psiquiátrica do Instituto Raul Soares fez parte dos Paprocki Boys⁵², o que parece ser a demonstração de que o modo de pensar a psiquiatria não tinha terminado no HGV, mas que se inseria em outros espaços. Porém, suspeitamos que no IRS o grupo Paprocki Boys não era tão articulado e coeso como acontecia no Hospital Galba Velloso.

Para além do rumo que os hospitais públicos mineiros tomaram com a administração da FEAP, a mudança da residência para o Raul Soares, ou mesmo o afastamento de Paprocki desse cenário da assistência psiquiátrica pública, parece que a desagregação do grupo de psiquiatras no HGV não se reduziu a fatores políticos e institucionais. Os atores que pertenciam aos Paprocki Boys tinham suas divergências de pensamento em relação à psiquiatria. O primeiro momento em que se deu uma disputa por algum cargo de influência na psiquiatria mineira foi em 1971, quando houve disputa eleitoral pela presidência do Departamento de Psiquiatria da Associação Médica de Minas Gerais, futura Associação Mineira de Psiquiatria. Disputavam a vaga César Rodrigues Campos, apoiado por boa parte dos Paprocki Boys e, como adversário político, Paulo Saraiva, apoiado maciçamente pelos psiquiatras dos diversos hospitais e clínicas de Minas Gerais (CORRÊA, 08/09/2014). “Sentia-se um temor no ar, um clima de receio de que os discípulos de Jorge Paprocki assumissem o poder numa entidade de classe que congrega os colegas de todo o estado e de que tentassem impor seus métodos de trabalhos a todos” (CORRÊA, 08/09/2014).

Ao longo da década de 1970, a cada momento em que a Reforma Psiquiátrica ganhava força, a diferença entre alguns desses personagens se acentuava. Aquilo que parecia ser a formação de um estilo de pensamento na psiquiatria, durante as décadas de 1950 e 1960, foi se tencionando em pelo menos dois coletivos diferentes. Aqueles que defendiam a permanência dos hospitais psiquiátricos e aqueles que queriam sua extinção. O segundo coletivo de pensamento parece ter se sobressaído, pelo menos por enquanto. Francisco Paes Barreto e Cezar Campos Rodrigues, por exemplo, foram personagens importantes na Reforma Psiquiátrica. Antônio Carlos Corrêa, Jorge Paprocki e Marco Aurélio Baggio, foram psiquiatras que se posicionaram contrários à reforma por entenderem que foi muito mais uma ideologia política que motivou a Reforma Psiquiátrica do que propriamente tentativas de melhorar a assistência

⁵² Os psiquiatras que faziam parte dos Paprocki Boys e mudaram-se para o Instituto Raul Soares foram: Antônio Carlos Corrêa, Delcir Antônio da Costa, Flávio José de Lima Neves, Francisco Paes Barreto, José Raimundo da Silva Lippi, Rodrigo Teixeira de Salles e Vicente Santos Dias.

psiquiátrica. E, nesse processo, cada ator participante desse momento de transição, teve que se adaptar aos novos parâmetros que foram construídos para a psiquiatria ao longo dos anos de 1970.

A respeito do sucesso do movimento de Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais, Francisco Paes Barreto afirmou que, para a eficácia da Reforma, aqueles médicos que eram favoráveis ao movimento começaram, de forma estratégica, a tomar posse dos cargos administrativos. De acordo com Barreto, a Reforma só foi possível porque aqueles que eram favoráveis à mudança perceberam que era necessário se apoderarem da administração das instituições, das secretarias e associações para tomar as decisões que possibilitariam o avanço do movimento de reforma.

A desagregação dos Paprocki Boys aconteceu no Hospital Galba Velloso, mas não significou o fim do pensamento psiquiátrico desse grupo, tão pouco o fracasso profissional desses atores. Houve, todavia, a dispersão desses personagens para outros espaços de atuação e a continuação de suas carreiras em diferentes instituições. Acreditamos que o estilo de pensamento da psiquiatria se modificou ao longo do século XX, e que a psicofarmacologia foi uma das terapêuticas capaz de dar sustentação à Reforma Psiquiátrica, possibilitando a abertura dos hospitais. Sendo assim, essa prática terapêutica defendida pelos Paprocki Boys se tornou cada vez mais importante para a psiquiatria nas décadas seguintes.

Capítulo 2: Os Paprocki Boys e as terapêuticas psicofarmacológicas

“(...) à juventude compete o papel de apresentar as críticas ao velho e obsoleto, ao mesmo tempo em que proporciona as condições de sua transformação e a luta por ela”.

Antônio Carlos Corrêa (Prólogo do livro *Psicofármacos*, 1969).

A citação acima de Antônio Carlos Corrêa, retirada do prólogo do livro *Psicofármacos*, sintetiza as expectativas dos Paprocki Boys em relação ao lançamento daquele manual, que, conforme discutimos, representa o lugar de síntese dos conhecimentos e práticas da psicofarmacologia promovidos por esse grupo de psiquiatras. A psicofarmacologia, em 1969, ainda era incipiente em Minas Gerais e o livro foi o primeiro do gênero a ser publicado no país. Isso contribuía para reforçar o caráter de ineditismo e/ou vanguarda que o grupo do Galba Velloso se atribuía. A juventude a quem Corrêa se refere são os próprios Paprocki Boys. Aqueles psiquiatras formados no HGV embasados, principalmente, no conhecimento da psicofarmacologia, e que diziam fazer uma psiquiatria diferente, mais “humana” e mais eficiente do que era praticado até então nos outros hospitais mineiros.

A década de 1960 é um período de mudança na psiquiatria com o surgimento de drogas psicofarmacológicas, que proporcionaram mudanças na estrutura dos hospitais psiquiátricos, transformando-os gradativamente em hospitais ambulatoriais. A principal mudança permitida pelo uso de drogas psicofarmacológicas no ambiente hospitalar deu-se pela maior contenção dos enfermos, ou seja, pelo controle dos sintomas das doenças. Além disso, acreditava-se que o uso de drogas permitiria mudar a qualidade do tratamento oferecido aos enfermos com maior eficácia dos cuidados a algumas enfermidades, como esquizofrenia, psicose, depressão e, sobretudo, mudaria a qualidade de vida dos doentes mentais, possibilitando a sua reinserção na sociedade. Para Antônio Carlos Corrêa, os psicofármacos constituíram naquele momento uma condição determinante para a transformação da psiquiatria. Procuraremos demonstrar neste capítulo como o tratamento psiquiátrico por meio do uso de psicofármacos foi justamente a principal concepção médico-psiquiátrica que os Paprocki Boys promoviam e pode ser considerada a prática médico-científica que os diferenciou e deu-lhes

credibilidade diante dos demais grupos de psiquiatras do estado de Minas Gerais. Portanto, neste capítulo pretendemos analisar o desenvolvimento de terapêuticas psicofarmacológicas no Hospital Galba Velloso, buscando compreender os esforços dos Paprocki Boys para afirmar esse novo estilo de pensamento na psiquiatria.

Para tanto, partiremos de um breve histórico acerca dos tratamentos utilizados no HGV após a entrada de Jorge Paprocki como diretor nessa instituição. Procuraremos discutir a eletroconvulsoterapia, que foi uma das práticas adotadas no hospital em larga escala antes do advento do uso dos psicofármacos. Analisaremos a proposta terapêutica do *sistema open door* e suas possíveis influências para o desenvolvimento do modelo psiquiátrico proposto pelos Paprocki Boys. A proposta é demonstrar que a inserção da terapêutica psicofarmacológica foi processual e não de forma incompatível com as terapêuticas psiquiátricas antes existentes no Hospital. Posteriormente, será abordado o desenvolvimento de estudos com psicofármacos e a adoção desses medicamentos no HGV. Dentre os vários esforços dos Paprocki Boys para afirmar o uso dos psicofármacos em algumas doenças mentais, discutiremos os estudos clínicos e experimentais realizados com os pacientes do hospital, patrocinados por indústrias farmacêuticas, e que tinham como propósito testar o efeito de novas drogas para o tratamento de algumas doenças, tais como: psicoses, síndromes obsessivas e crônicas, ansiedades e depressões.

Da eletroconvulsoterapia ao open door: permanências e transformações nas terapêuticas psiquiátricas

“Eu teria que fazer muitos rodeios se quisesse demonstrar a cristalização da ideia do agente patológico a partir da ideia do espírito místico-simbólico e do verme da doença, passando pela ideia do material tóxico da doença e pelo conceito do contagium vivum até chegar ao conceito moderno da bactéria”.

Ludwik Fleck (*Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, 2010: 56).

Ludwik Fleck, em seu livro *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, discorre sobre a evolução do conceito de sífilis. De acordo com esse autor, no início, quando se descobre uma doença, é comum que vários fatores estejam associados ao

diagnóstico dessa nova doença, até conseguirem separar o que realmente define a enfermidade e o que não faz parte dela. Trazendo essa ideia para as doenças mentais, podemos questionar a construção dos diagnósticos das várias enfermidades mentais que foram surgindo durante o século XX. E junto com os diagnósticos das doenças surgem também às especificações dos tratamentos para essas enfermidades. A partir do momento que se consegue distinguir, por exemplo, diversas psicoses, como: psicoses agudas (acesso maníaco, acesso melancólico, psicoses confusionais e delirantes agudas), psicoses crônicas, etc, novos tratamentos e medicamentos foram surgindo com a especificidade de cada variação de cada doença. Desse modo, as doenças e suas supostas terapêuticas específicas vão ganhando forma na medida em que se pode defini-las e separá-las melhor.

Como alguns autores já demonstraram, em relação à loucura, há um modo de entendimento da doença que se intensificou desde o fim do século XIX, a partir de um maior poder de observação do corpo humano, portanto, maior poder de classificação das enfermidades. Por exemplo, Esquirol descreve os diversos graus da idiotia: imbecilidade, idiotia propriamente dita, e o cretinismo, forma especial. Separa as alterações mentais com base orgânica e as alterações mentais funcionais, já que considerava a idiotia como devida a "um vício de conformação" do cérebro. Divide a demência em uma forma aguda curável e duas formas crônicas e incuráveis: a demência senil, na que o tratamento pode no máximo estabilizar o processo, e a demência crônica, raramente curável (BERCHERIE, 1986: 27). Mas não vamos fazer uma linha do tempo, de forma totalizante, com todas as etapas de evolução do entendimento da loucura ao longo da história ocidental – até porque já foram feitas por outros autores e não é o objetivo desta pesquisa (FOUCAULT, 1978; PORTER, 2001; BERCHERIE, 1986). Concentraremos-nos nas terapêuticas utilizadas no Hospital Galba Velloso durante o período compreendido neste trabalho, de 1963 a 1971, com foco na proposta de uso de medicamentos psicofarmacológicos. A primeira terapia a ser abordada será a eletroconvulsoterapia, que era uma derivação do eletrochoque, passando pelo *open door* e, por fim, pelos psicofármacos.

Antes do emprego dos psicofármacos na psiquiatria, existiram outras formas de tratamento, duas das mais utilizadas foram o eletrochoque e a eletroconvulsoterapia. O eletrochoque foi uma terapêutica muito presente nos hospitais psiquiátricos do Brasil durante o século XX. De acordo com Borenstein et al., o eletrochoque (ECT) foi introduzido na psiquiatria brasileira, em 1938, pelos psiquiatras italianos Ugo Cerletti e

Lúcio Bini. A utilização desse tratamento caracterizava-se pela passagem de uma corrente alternada, através do crânio durante um curto espaço de tempo, provocando convulsões. Segundo as autoras, durante a passagem da corrente elétrica, observa-se perda da consciência, bem como espasmo muscular generalizado. Após a aplicação do eletrochoque, o paciente fica em estado sonolento até acordar espontaneamente e não se lembrar do que ocorreu. As autoras afirmam ainda que

(...) em geral (o paciente) apresenta-se tranquilo e lentamente vai saindo do seu quadro psiquiátrico agudo. Os eletrochoques são dados geralmente em série de oito a doze sessões, na razão de um por dia, tendo por base a melhora clínica” (BORENSTEIN et al, 2007: 667).

A respeito da aplicação do eletrochoque no Hospital Colônia Sant’Ana em Santa Catarina, durante as décadas de 1940 e 1950, Borenstein et al afirmam que a grande maioria dos internos recebia esse tipo de tratamento, já que era considerado de baixo custo, de fácil e rápida aplicação, e capaz de ser aplicado em grande número de doentes em curto espaço de tempo. “Por esse motivo, era o tratamento de eleição, principalmente pelos resultados rapidamente obtidos. Os sintomas até então apresentados pelos doentes, reduziam-se drasticamente” (BORENSTEIN et al, 2007: 667).

Havia algumas variações na aplicação de eletrochoque. Uma delas, a convulsoterapia por eletrochoque, era especialidade de Jorge Paprocki e fruto de várias de suas pesquisas clínicas que deram origem a publicações em revistas especializadas. Em uma dessas publicações, no ano de 1960, Paprocki, ainda diretor da Clínica São Lucas em Juiz de Fora, escreve juntamente com os médicos Fernando Seabra, Mário Clark e Antônio Carlos Andrés, acerca do emprego de anestesia e de curarizante sintético em convulsoterapia por eletrochoque. Todavia, na introdução desse trabalho, os autores já sinalizavam outras possibilidades de tratamento, afirmando que “apesar dos grandes progressos da psiquiatria no que se refere ao combate da depressão, através de substâncias ditas psicotrópicas, a convulsoterapia por eletrochoque permanece ainda como procedimento de eleição diante da maior parte das síndromes depressivas” (PAPROCKI et al., 1960: 603).

O tratamento com convulsoterapia baseava-se nos seguintes procedimentos: o paciente em jejum recebia uma injeção intravenosa de anestésico até conseguir relaxamento e ausência de respostas a solicitações verbais. A partir daí, colocavam os eletrodos e a conexão do aparelho de eletrochoque. Aplicavam depois uma injeção

endovenosa de Taquicurin (relaxante muscular). E finalmente o desencadeamento do eletrochoque. De acordo com Paprocki et al., os pacientes acordavam cerca de 2 horas após o procedimento. Segundo os médicos Seabra, Paprocki, Andrés e Clark, o emprego de eletrochoque sob anestesia era uma evolução importante no tratamento psiquiátrico porque o médico podia preparar seu paciente para o procedimento já inconsciente, o que diminuía as reações de apreensão ou resistência ao tratamento. Os psiquiatras afirmam ainda que após o procedimento, o paciente despertava com amnésia total do que havia ocorrido (PAPROCKI et al., 1960: 603).

Alguns psiquiatras que faziam parte dos Paprocki Boys, como por exemplo, Marco Aurélio Baggio (2001), Francisco Paes Barreto (1999), Antônio Carlos Corrêa (2014) e Jorge Paprocki (2010), afirmaram que o eletrochoque foi utilizado como uma importante ferramenta para os cuidados dos doentes nos hospitais psiquiátricos públicos, inclusive o HGV, por serem de baixo custo e por apresentarem melhora clínica em várias doenças. Barreto afirmou em seu livro *Reforma Psiquiátrica e Movimento Lacaniano* que, no Galba Velloso, as aplicações de eletrochoque aconteciam, quase sempre, sem o emprego de anestesia (BARRETO, 1999: 29). “(...) a cena era esta: as pacientes ficavam deitadas numa fila de camas e o médico ia passando. Cada uma assistia a todo aquele espetáculo, até chegar a sua vez” (BARRETO, 1999: 29). Ainda a respeito da aplicação do eletrochoque no HGV, Francisco Paes Barreto continua:

Naquela época (década de 1960), o eletrochoque não era questão polêmica, como é hoje. Os resultados que esse tratamento produzia, em muitos casos, eram argumentos suficientes para justificar o seu emprego. O que me constrangia, porém, não era a indicação do eletrochoque, mas aquela maneira de realizá-lo. Existem coisas que não espertam a ciência, espertam a consciência (BARRETO, 1999: 30).

Em trabalho acerca do eletrochoque publicado por Paprocki, Seabra, Clark e Andrés, em 1960, encontramos algumas doenças que eram recomendadas para o uso daquela terapêutica: os neuróticos e os psicóticos, cuja sintomatologia fosse preponderantemente depressiva, excitações psicomotoras, psicoses maníaco-depressivas, esquizofrenia, psicose de involução e algumas formas de psicose. Essa variedade de doenças era tratada com a mesma terapêutica, o que não ocorria com os fármacos usados na época, porque tinham indicações mais específicas (PAPROCKI et al., 1960: 604; DUARTE, 2009: 60). Como frequentemente ressaltado pelos médicos, o eletrochoque, ou mesmo a eletroconvulsoterapia, era utilizada nos hospitais públicos

também porque poderia ser realizada em vários pacientes em curto espaço de tempo. E ainda, em sistema ambulatorial, sem necessidade de internações (BARRETO, 1999: 29; DUARTE, 2009: 60). Era então uma prática que gerava economia e tornava o trabalho dos médicos mais eficiente. No Hospital Colônia de Barbacena, por exemplo, o eletrochoque chegava a ser aplicado em 100 pacientes de um mesmo pavilhão por dia (DUARTE, 2009: 222).

Acreditamos que os resultados obtidos com a eletroconvulsoterapia para conter as pacientes parecem ter possibilitado o início da implantação do *sistema open door* no Hospital Galba Velloso. Porém, precisamos lembrar que as doentes consideradas crônicas eram enviadas para o Hospital Colônia de Barbacena. Tal conduta ficou estabelecida na psiquiatria mineira por meio de Regulamentos dos Decretos-lei de 1922 e de 1934 e perdurou com a fundação do HGV em 1962. Podemos interpretar que o fato de não possuir pacientes consideradas incuráveis, pode ter facilitado a adaptação do hospital de “portas abertas” no Galba Velloso.

O nome *sistema open door*, ou seja, “portas abertas”, era utilizado por Jorge Paprocki para designar uma forma de organização hospitalar específica, fundamentada numa determinada concepção terapêutica para as doenças mentais, principalmente ancorada nas teorias psicanalíticas. Essa mesma concepção médico-psiquiátrica era chamada na Inglaterra e nos Estados Unidos de *comunidade terapêutica*. O sistema do hospital de “portas abertas” baseava-se na extinção dos quartos-fortes, muito utilizados ainda nos hospitais psiquiátricos brasileiros da época para a contenção dos pacientes considerados agressivos. Era uma prática que consistia em retirar as grades de ferro, que davam a impressão de prisão. Além disso, as portas das enfermarias eram mantidas abertas, ou seja, as enfermarias não eram mais trancadas com suas pacientes dentro (PAPROCKI & RANGEL, 1969: 604).

Outra prática importante era que a abordagem do “open door” permitia que as próprias pacientes participassem da dinâmica de internação e na própria estrutura de organização hospitalar. Havia em cada enfermaria uma paciente que controlava a entrada e a saída das demais pacientes naquele local. Aquelas mulheres consideradas em melhores condições psicológicas, que estavam em estágio mais adiantado de tratamento eram as que regulavam o trânsito. Assim, as pacientes que precisassem ou quisessem

fazer alguma atividade dentro do hospital, podiam sair dos quartos, desde que a paciente “porteira” da enfermaria autorizasse (BARRETO, 1999: 21; CORRÊA, 08/09/2014)⁵³.

Isso consistiu em inovação e uma mudança significativa na estrutura do hospital psiquiátrico do período. Era um modelo que dava às pacientes mais liberdade e responsabilidade. Mas, o sistema *open door* não se baseava apenas na abertura das enfermarias. As pacientes que estivessem em melhores condições de saúde, também eram recrutadas para trabalhar em outras funções dentro do hospital, como por exemplo, na lavanderia, no almoxarifado, na faxina, ou outro serviço que precisasse de mão-de-obra e houvesse pacientes capazes de desenvolvê-lo (CORRÊA, 08/09/2014; PAPROCKI, 16/09/2010).

O sistema *open door* era integrado, ou fazia parte de um modo operacional que existiu dentro do Galba Velloso, e funcionava com a participação de profissionais de diversas áreas, como: enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e a visita frequente dos familiares das pacientes. Essa terapêutica tinha como princípio que todos os agentes da sociedade em torno da paciente poderiam ajudar em sua recuperação. Esse foi o primeiro tratamento que colocou o Hospital Galba Velloso em destaque em Minas Gerais. Nos hospitais mineiros, de maneira geral, ainda eram adotados os tratamentos biológicos⁵⁴ e tratamentos mecânicos como o eletrochoque, a utilização dos quartos-forte, o uso de camisa de força para contenção e ainda, a lobotomia (DUARTE, 2009: 60). Segundo a análise de Antônio Carlos Corrêa,

Havia todo um clima institucional de tratamento, voltado para o tratamento do transtorno mental. Comunidade terapêutica, em que as pessoas participavam de grupos, discussões, e as discussões do grupo eram levadas para as enfermarias, para o tratamento do paciente. Estas discussões de grupo eram interdisciplinares. O médico, o psiquiatra, o clínico, o neurologista, o cardiologista, o assistente social, o enfermeiro, o psicólogo, o terapeuta ocupacional, o fisioterapeuta e assim por diante, e o pessoal administrativo, também participavam dessas reuniões. Então, aquilo que era decidido em reuniões (havia um

⁵³ Antônio Carlos Corrêa é psiquiatra, foi estudante interno do HGV, residente em psiquiatria no Galba Velloso e, posteriormente, professor na residência psiquiátrica do hospital. Trabalhou no HGV de 1966 a 1971. Foi um dos membros dos Paprocki Boys. Editor de três números da *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*. Editor do manual de psicofarmacologia lançado pelo HGV, *Psicofármacos*.

⁵⁴ O tratamento biológico, de acordo com Maristela Duarte, era “pesquisas anátomo-psicopatológicas, exames laboratoriais patológicos e análises químicas, especialmente do líquido céfalo-raquiano e de punções lombares para identificação de infecções que poderiam acarretar psicoses e esquizofrenia” (DUARTE, 2009: 56).

debate intenso sobre essas coisas), levava-se a decisão para a enfermaria (CORRÊA, 08/09/2014)⁵⁵.

Na citação acima do médico Antônio Carlos Corrêa, devemos levar em consideração o seu envolvimento e o valor afetivo que esse personagem provavelmente possui com aqueles acontecimentos do HGV. Quando Antônio Carlos Corrêa entrou para o Galba Velloso, em 1966, passou a fazer parte do grupo de psiquiatras Paprocki Boys, mas saiu do Galba Velloso em 1971, por não concordar com algumas atitudes de Jorge Paprocki na orientação do hospital⁵⁶. Quase cinquenta anos depois, a amizade com Paprocki estava reestabelecida e isso pode ter afetado as lembranças, amenizando ou até enaltecendo determinadas atitudes tomadas pelo líder ou pelo grupo de psiquiatras do HGV naquela época. Todavia, Antônio Carlos Corrêa nos indica uma série de modificações do sistema hospitalar do Galba Velloso, tais como: a visitação às pacientes que antes acontecia apenas no primeiro domingo do mês passa a ser diária, ocupação das internas com algum tipo de trabalho, mudança da hierarquia dos trabalhadores do hospital e participação coletiva nas decisões do funcionamento hospitalar (BARRETO, 2006; GARCIA, 2007; GOULART, 2009; DUARTE, 2009).

A referência de Jorge Paprocki para implementar no HGV o sistema *open door* ou a *comunidade terapêutica* foi a psiquiatria gaúcha. Ao explicar o sistema *open door*, Paprocki afirmou: “Isso é uma cópia do que acontecia em outros países (...) também é uma cópia da psiquiatria do Rio Grande do Sul, com a qual convivi em função de minhas origens” (PAPROCKI, 16/09/2010)⁵⁷. No Rio Grande do Sul, esse tipo de terapia era mais utilizado do que em Minas Gerais. Marcello Blaya Perez⁵⁸ foi a grande referência da psiquiatria gaúcha para as medidas adotadas no Galba Velloso. E foi em

⁵⁵ CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*. Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

⁵⁶ Jorge Paprocki não era mais diretor do Galba Velloso em 1971, mas ainda assim mantinha a coordenação de uma enfermaria naquele hospital. Mesmo que não fosse o administrador oficial, influenciava nas decisões dentro daquela instituição (CORRÊA, 08/09/2014; PAPROCKI, 16/09/2010).

⁵⁷ PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa *Memória e Poder* da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

⁵⁸ Filho de imigrantes espanhóis, Marcello Blaya estudou medicina em Porto Alegre e teve a oportunidade de viajar algumas vezes durante sua graduação para os EUA e para o Canadá. Assim que terminou seu curso de medicina, foi fazer intercâmbio nos EUA, em Chicago no hospital Michael Reese. Depois de sua experiência nesse hospital, Blaya decidiu estudar psiquiatria e conseguiu vaga no *Menninger School of Psychiatry*⁵⁸, em Kansas. Nesse local Marcello Blaya permaneceu por três anos e, segundo ele, aprendeu ali “uma psiquiatria, praticamente, embasada na psicanálise. Entrevista de Marcelo Blaya para o Museu da Medicina do Rio Grande do Sul, cedida em 29/06/2012.

seus trabalhos realizados na Clínica Pinel em Porto Alegre, que a *comunidade terapêutica* se tornou conhecida no Brasil⁵⁹.

Cabe destacar que havia um acordo entre o Hospital Galba Velloso e a Clínica Pinel em que os profissionais e alunos do HGV faziam treinamento na Clínica Pinel, para conhecerem melhor o funcionamento das terapias adotadas ali e que eram baseadas numa ideia de psiquiatria social (CORRÊA, 08/09/2014). Este tipo de psiquiatria surge em um contexto em que está acontecendo a crise das teorias organicistas. De acordo com Paulo Amarante⁶⁰, a psiquiatria social, nasce nos Estados Unidos, propondo-se ser a terceira revolução psiquiátrica, após Pinel e Freud. De acordo com este autor, a psiquiatria social marcaria uma mudança dentro da psiquiatria, que passou das teorias de tratamento de doenças mentais para teorias sobre a saúde mental. Ou seja, deixa de enxergar o portador em sofrimento mental como um doente que deve ser curado e passa a preocupar-se com a qualidade de vida do indivíduo dentro e fora do hospital psiquiátrico (AMARANTE, 2003: 36).

Sobre a psiquiatria social a historiadora Maristela Duarte afirma:

Sob esta perspectiva, a assistência psiquiátrica deveria utilizar novas estratégias que não se restringiriam apenas em prevenir doenças, mas também buscariam um novo objeto: a saúde mental. Portanto, coube ao saber psiquiátrico o desmonte das velhas estruturas e a modificação dos paradigmas fundamentados no cuidado da doença, deslocando a ação para as questões voltadas à promoção da saúde mental, que passaria a incorporar os conceitos de saúde primária, secundária e terciária, de saúde como um processo capaz de subsidiar as concepções e práticas, bem como as políticas públicas de saúde mental (DUARTE, 2009: 89).

Percebemos que há uma mudança gradativa do entendimento da loucura e do doente mental. Começa a haver a preocupação em realocar o doente em seu espaço social. Essa mudança de pensamento pode ter sido influenciada também, pela força que

⁵⁹ PAPROCKI, J. e RANGEL, Eunice. “Open door” integral em Hospital Psiquiátrico público. *Folha Médica*. Rio de Janeiro. v. 58, n.5, p. 604-609, mai.91-106, 1969.

⁶⁰ Paulo Amarante especializou-se em psiquiatria e se tornou um dos pioneiros do movimento brasileiro de reforma psiquiátrica. Foi Presidente Nacional do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES), do qual é ainda Editor da Revista Saúde em Debate. Foi representante eleito do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial na Comissão Intersetorial de Saúde Mental do Conselho Nacional de Saúde. É Mestre em Medicina Social, Doutor em Saúde Pública com Estágio de Doutorado em Trieste (Itália) sob supervisão de Franco Rotelli. Foi Presidente Nacional da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME) e, em 06 de junho de 2015, foi eleito Presidente de Honra da mesma. É Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde Mental da Abrasco do qual é Vice-Presidente, membro da Diretoria Nacional do CEBES (e novamente Editor da Revista Saúde em Debate) e Professor, Pesquisador Titular e Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Fonte: <http://www.pauloamarante.net/perfil.php>; acessado: 03/11/15.

a psicanálise exerce na psiquiatria da época, como sugere Vlória Jucá. Aquelas terapêuticas chamadas de biológicas, consideradas mais “agressivas”, foram aos poucos deixando de serem utilizadas, ao passo que as terapias consideradas mais “humanizadas” ganharam lentamente seu espaço. Até mesmo as várias leituras psicanalíticas contribuíram para um debate sobre a redefinição dos parâmetros de delimitação da “loucura” e da normalidade psíquica. De acordo com Vlória Jucá (2010), “com Freud, o normal e o patológico passam a conviver intimamente, como duas faces indissociáveis de uma mesma moeda”. Com a psicanálise admite-se que o normal e o patológico convivem dentro de cada indivíduo e que o sofrimento mental é uma intensificação das neuroses, das angústias e inibições (JUCÁ, 2010: 314).

O momento que aqui propomos analisar, década de 1960, pode ser considerado como a porta de entrada para a Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais. Ou melhor, podemos dizer que estamos na antessala da Reforma. As mudanças provocadas pelas teorias desenvolvidas e/ou sedimentadas nesse período serviram de substância crítica para o Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental, que ocorreu no final da década de 1970. A psiquiatria social, a psicanálise, a comunidade terapêutica, o sistema *open door*, dentre outras, tentavam mudar os cuidados dirigidos aos doentes mentais. De acordo com o que conseguimos interpretar no presente trabalho, podemos supor que os psicofármacos também foram um catalisador que possibilitou a mudança de patamar do tratamento psiquiátrico. Pensamos que, com os medicamentos psicoterápicos, o tratamento das várias doenças tornou-se cada vez mais preciso e específico, levando procedimentos menos agressivos ao enfermo. (JUCÁ, 2009: 323). Como exemplo, podemos nos remeter a afirmação de Marco Aurélio Baggio, em entrevista cedida em 2007, quando defende que a psicofarmacologia ajudou a Reforma Psiquiátrica, pelo fato da tecnologia e a psicofarmacologia terem trazido avanços no tratamento. “A par disso, houve uma melhoria da capacidade de diagnóstico (...) havia um estudo maior e melhor sobre a patologia humana” (BAGGIO, 14/11/2007).

Entretanto, acreditamos, que por mais que os psicofármacos houvessem ganhado força durante as décadas de 1950 e 1960, entendemos que não aconteceu ruptura drástica com as outras terapêuticas praticadas nos hospitais psiquiátricos públicos. Como podemos perceber, o eletrochoque ainda foi utilizado por alguns anos nos hospitais psiquiátricos mineiros. Por exemplo, no 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria, realizado em 1970, houve um grupo de debates a respeito do eletrochoque. O título do grupo era: “Posição atual das terapêuticas biológicas no hospital psiquiátrico”. O

coordenador do grupo foi Elpídio de Almeida Campos, e o relator Luiz Souza Bustamante Rennó. De acordo com o relator, após um longo período de silêncio, o qual os participantes interpretaram posteriormente ser pela dificuldade do grupo em abordar esse tipo de terapêutica, os psiquiatras narraram suas experiências. Segundo Bustamante Rennó, o eletrochoque era usado principalmente em hospitais públicos, sobretudo, aplicado nos pacientes indigentes. O grupo afirmou ainda que “(...) esse abuso se prende a condições econômicas. Foram lembrados os episódios históricos e as cenas dantescas do eletrochoque” (RENNÓ, 1970: 67). Aqui o relator faz referência à obra de Dante Alighieri (1265-1321) *A Divina Comédia*, em que o autor se coloca em uma viagem ao inferno e visualiza os diversos sofrimentos que existiriam naquele local. Como já dito acima, o eletrochoque era uma terapêutica muito agressiva e presenciada por outros pacientes enquanto era realizada. Além disso, a aplicação de eletrochoque provocava convulsões no corpo, que poderiam levar a luxações, fraturas nas vértebras e, no caso das mulheres com osteoporose, fraturas nos ossos da bacia ilíaca e membros superiores e/ou inferiores (DUARTE, 2009: 59).

Para finalizar, depois de discutir as experiências com o eletrochoque, o grupo definiu que essa terapêutica só deveria ser usada quando outras técnicas falhassem ou fossem impossíveis de serem utilizadas, e apontaram três indicações: em depressões endógenas, em excitação psicomotora geral e em catatonias (RENNÓ, 1970: 67). Podemos perceber aqui que a afirmação do uso de psicofármacos como terapêutica psiquiátrica não se constituiu de um processo imediato, autoevidente e livre de problemas. Tampouco, podemos afirmar que havia uma incomensurabilidade entre as terapêuticas naquele momento.

O surgimento dos psicofármacos na segunda metade do século XX: a “camisa de força química”

“A revolução psiquiátrica foi o milagre da tecnologia dos psicofármacos”.

Marco Aurélio Baggio⁶¹

⁶¹ Entrevista cedida em 14 de novembro de 2007 para o projeto: *Hospital Galba Velloso e as vicissitudes da História da Reforma Psiquiátrica Mineira nos anos 60*. Realizado pelas pesquisadoras: Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart (coordenadora / PUC MINAS) / Prof. Eliane Mussel (FHEMIG-NEP / PUC MINAS). Transcrição: Natália Alves dos Santos. Cedida por Prof. Maria Stella Brandão Goulart, através do acervo do Laboratório de Direitos Humanos e Transdisciplinaridade da UFMG.

A expressão “camisa de força química” aqui apresentada foi retirada do texto⁶² que trata da introdução da clorpromazina na psiquiatria, escrito por Francisco López-Muñoz, Cecilio Alamo e Eduardo Cuenca. Nesse trabalho, os autores fazem um percurso histórico do início da utilização dos psicofármacos na psiquiatria e comparam os resultados obtidos com essas drogas e a contenção física que era realizada nos hospitais, utilizando as camisas de força e quartos-forte. Encontramos em outras obras análises parecidas, afirmando que com a psicofarmacologização da psiquiatria, a partir da década de 1950, a contenção dos enfermos que era feita de forma física, passou a ser realizada de forma química (JUCÁ, 2010; BARRETO, 2010; BAGGIO, 2007).

Em um primeiro momento, pode parecer absurdo a comparação entre uma medida exclusivamente física com outra desenvolvida por conhecimentos médico-científicos, experimental. Mas o fim das duas ações era o mesmo, a contenção dos enfermos. Como sugere Francisco Paes Barreto, em seu livro *Ensaio de Psicanálise e Saúde Mental*, os métodos científicos para a criação dos psicofármacos foram utilizados para fins não científicos. Esse fim não científico era, para ele, a eliminação dos sintomas dos transtornos mentais e do comportamento e não a cura. Portanto, o que está em questão é a delimitação do normal e do patológico em psiquiatria (BARRETO, 2010: 100). Se entendermos que o patológico são os transtornos mentais e o comportamento fora dos padrões, podemos nos perguntar: o que constitui o normal para a psiquiatria nesse novo cenário terapêutico?

Seguindo o pensamento de Barreto, o normal em psiquiatria refere-se à norma entendida como cultural ou social. Percebemos ao longo da história da psiquiatria que a patologia normalmente estava ligada a uma determinação biológica ou até genética. Mas o patológico vem sendo concebido de maneiras diferentes ao longo do tempo. Por exemplo, a homossexualidade no início do século XX, em alguns casos, ainda era entendida como um distúrbio mental (ENGEL, 2008: 177). Na metade do século XX, existiam muitas internações de alcoólatras nos hospícios e esses indivíduos recebiam os mesmos tratamentos que os demais enfermos (DUARTE, 2009: 45; GOULART et al., 2009: 59). O patológico sempre está em contraposição à norma cultural ou social. “E desde sempre a cura tem situado, no seu horizonte, a adaptação social” (BARRETO, 2010: 101).

⁶² LÓPEZ-MUÑOZ, Francisco; ALAMO, Cecilio; CUENCA, Eduardo. *ASPECTOS HISTÓRICOS DEL DESCUBRIMIENTO Y DE LA INTRODUCCIÓN CLÍNICA DE LA CLORPROMAZINA: MEDIO SIGLO DE PSICOFARMACOLOGÍA*. Universidad de Alcalá : FRENIA, Vol. II-1-2002.

O cuidado aos doentes mentais que propiciou de maneira mais eficaz a adaptação social foram os psicofármacos. Remetendo-nos à epígrafe acima dita por Marco Aurélio Baggio, as terapêuticas farmacológicas mudaram a possibilidade de ação da psiquiatria sobre as doenças mentais. Intensificou-se a propensão de se pensar na reinserção do sujeito que se encontrava em um estado de exclusão social intensa (JUCÁ, 2010: 317). O psiquiatra Marco Aurélio Baggio, sendo ator participante desse momento de entrada no mercado dos psicofármacos, enfatiza, nessa fala, a importância desses medicamentos para a psiquiatria. Não acreditamos que houve uma revolução, pois entendemos que ocorreu uma transformação muito mais gradual do que abrupta, já que outras terapêuticas continuaram convivendo com a psicofarmacologia. Mas entendemos que o estilo de pensamento que a psiquiatria começa a vivenciar, desde a década de 1950, passou a ter como um elemento importante o uso dos psicofármacos.

Vários autores consideram que a utilização dos psicofármacos se desenvolveu com a descoberta de que a substância clorpromazina (ou Amptictil®, nome como foi comercializada) poderia ser utilizada como neuroléptico (LÓPEZ-MUÑOZ, ALAMO & CUENCA, 2002; JUCÁ, 2010; BARRETO, 1969; URUCHURTU, 2010 e GARRABÉ, 2012). Os neurolépticos (ou neuroplégicos ou também chamados de antipsicóticos) são compostos depressores do Sistema Nervoso Central, de ação predominantemente subcortical, capazes de combater o comportamento psicótico, como por exemplo, delírios, alucinações e excitação (BARRETO, 1969:14). Esse medicamento foi descoberto quase que por acaso por Henri Laborit, em 1952, no laboratório Rhône-Poulenc (JUCÁ, 2010:317). De acordo com a autora Vlória Jucá, procurando melhorar a condição de anestesia em seus pacientes, Henri Laborit “se deparou com uma substância denominada clorpromazina que provocava, nos sujeitos que a recebiam, um estado de sedação” (JUCÁ, 2010:317).

Até chegarmos ao composto da clorpromazina e no experimento de Henri Laborit, houve um grande percurso para que fosse possível o isolamento dessa substância. De acordo com Lopez-Muñoz et al, as primeiras substâncias fenotiazínicas (base estrutural da clorpromazina) foram produzidas na Alemanha no final do século XIX, em virtude dos progressos da indústria têxtil que procurava um corante que se fixasse melhor nos tecidos. A indústria *Badische Anilinund Soda Fabrik* (BASF) passou a produzir e a comercializar esse composto. Aprofundando as pesquisas descobriu vários corantes, inclusive o azul de metileno (LÓPEZ-MUÑOZ et al, 2002:81). De acordo com Muñoz, Álamo e Cuenca, as fenotiazinas passaram a ser utilizadas na

medicina no auge da microscopia aplicada à histologia, a partir da necessidade de encontrar uma substância que conseguisse o contraste necessário para as visualizações dos elementos constituintes das células. Junto a isso, tal família de substâncias também foi utilizada em fins experimentais e clínicos. Paul Ehrlich, por exemplo, começou a estudar os efeitos bactericidas do azul de metileno no início do século XX. Na década de 1940, descobriu-se que essa substância tinha efeitos contra larvas de mosquito e helmintos de suínos. Posteriormente, a indústria Rhône Poulenc (Vitry-sur-Seine, França) continuou desenvolvendo derivados das fenotiazinas e produziram um composto antimalárico. Essas substâncias foram testadas contra alergias, para avaliar seu potencial anti-histamínico (LÓPEZ-MUÑOZ et al, 2002:81).

Henri Laborit era um cirurgião das Forças Armadas Francesas e procurava, durante a década de 1940, uma substância que evitasse o “choque cirúrgico”⁶³. Para tanto, Laborit experimentou compostos histamínicos que provocaram o relaxamento dos pacientes e impediram tal estado orgânico durante os procedimentos cirúrgicos. Essa mesma substância causava relaxamento nos pacientes mantendo-os conscientes, porém era muito tóxica (LÓPEZ-MUÑOZ et al, 2002:82). Após esses experimentos de Laborit, o laboratório Rhône Poulenc continuou os estudos para encontrar um efeito neuroléptico a partir de fenotiazinas. E o mesmo grupo de Henri Laborit, em 1952, conseguiu chegar a um composto, a clorpromazina, que conseguia manter o efeito da anestesia em pacientes mantendo-os acordados sem a mesma toxicidade dos compostos anteriores. A primeira vez que a clorpromazina foi utilizada de forma bem-sucedida pela psiquiatria foi ainda em 1952, no Hospital Val-de-Grâce, por Pierre Deniker. Comprovando a ação da clorpromazina em pacientes psicóticos e agitados, o laboratório Rhône Poulenc lançou essa substância como um medicamento anti-psicótico, com o nome Amplictil® (LÓPEZ-MUÑOZ et al, 2002:82; FROTA, 2013:12; URUCHURTU, 2010: 10).

Essa é, de maneira bem sucinta, a história do surgimento da clorpromazina. Porém, se especificarmos a cada sintetização de um composto químico no laboratório, poderíamos desdobrar as tensões existentes para a fabricação de tais substâncias.

⁶³ “O choque é um estado de hipoperfusão orgânica efetiva generalizada, onde as células não recebem aporte de oxigênio necessário para manterem sua homeostase. A perfusão efetiva depende do fluxo sanguíneo total do órgão e da distribuição adequada do fluxo através do órgão, de forma que todas as suas células recebam suprimento adequado. No choque e na sepse, a citocina interleucina I (fator ativador de leucócitos) estimula as células B e T, causa hipertermia e vasodilatação (pela estimulação na produção de óxido nítrico). A perfusão tissular no paciente chocado é melhor avaliada pela diurese horária”. Retirado do sítio: <http://www.instituto-camoes.pt/glossario/Textos/Medicina/HTM/pancreatite.html>. Acessado dia 20/03/16, às 23h.

Partilhamos a ideia que o fato médico-científico – neste caso, descobrir um novo composto – é construído historicamente e em interação com várias partes da sociedade, feito de interferências, detensões que podem ser políticas, econômicas, sociais e científicas. Podemos perceber que o achado da clorpromazina como substância neuroléptica não se deveu apenas às aspirações da psiquiatria. Ele se deu ao acaso, a partir das várias interações inter e intra-coletiva, eso e exotérica. Desde a indústria têxtil alemã, produzindo fenetiazinas, passando pelo uso de substâncias derivadas das fenetiazinas na histologia, e uso anestésico e anti-histamínico na clínica, até chegarmos, finalmente, ao uso psiquiátrico. Observa-se com esse exemplo que a procura da indústria têxtil por um corante com melhor fixação acabou desencadeando um longo processo de buscas por substâncias químicas nas mais diversas áreas do conhecimento que, por fim, culminou na determinação de uma substância que acabou por ser usada como medicamento neuroléptico. O isolamento e/ou fabricação de uma substância química dependeria então do grau de especialização dos laboratórios envolvidos com a investigação, bem como dos investimentos e das demandas sociais para tal pesquisa. Além disso, podemos discutir que a cada vez que se especializa em uma determinada ciência, existe, dentro do coletivo, um processo coercitivo que forja as questões científicas, a direção dos experimentos e conforma a visão dos pesquisadores sobre os seus achados. Ou seja, quanto mais especialista em uma ciência, maior é o vínculo do cientista com o estilo e o coletivo de pensamento (FLECK, 2010:131). Há de ser ressaltado que apesar dos resultados encontrados por Laborit e Deniker, a clorpromazina não era, até então, um tratamento de ampla utilização em hospitais psiquiátricos. A psicofarmacologia estava ainda em seus primeiros passos e a adesão aos medicamentos somente ocorreu com o fortalecimento desse estilo de pensamento. Após a comprovação do uso da clorpromazina, abriu-se então um campo especializado de pesquisas sobre o efeito psicotrópico de várias substâncias e, por consequência, o seu potencial para o uso no tratamento de algumas doenças psiquiátricas.

De acordo com o autor Joelson Tavares Rodrigues, a psicofarmacologia, no seu início, estava sempre combinada a uma forma de tratamento psicoterápico. Esse era, segundo Rodrigues e Ehrenberg, o lema da psiquiatria francesa das décadas de 1950 e 1960. E, como já vimos, era também o que Paprocki e seus discípulos defendiam no Hospital Galba Velloso. Mas com o passar do tempo e várias drogas lançadas no mercado, cada vez mais eficazes, as terapêuticas psicoterápicas vão perdendo espaço para a psicofarmacologia (RODRIGUES, 2003: 13). As psicoterapias poderiam ajudar

no reestabelecimento da saúde do enfermo, mas a velocidade com que as drogas agiam e transformavam o comportamento do doente faziam com que cada vez mais os psicofármacos se tornassem uma terapêutica recomendada.

Houve então, nesse contexto dos anos 1960 e 1970, uma corrida por parte de médico-cientistas e os laboratórios farmacêuticos de todo o mundo para publicar algo relevante acerca das propriedades terapêuticas de várias drogas que existiam até então, ou para encontrarem novas substâncias que pudessem ser usadas na psiquiatria (PAPROCKI, 16/09/2010)⁶⁴. Tentaremos elucidar, a seguir, como o hospital Galba Velloso entrou nesse contexto de psicofarmacologização da psiquiatria.

O HGV se torna um centro de estudos de psicofármacos

Para entendermos os passos dados pelos psiquiatras do Galba Velloso até se tornarem um centro de pesquisas em psicofármacos, analisaremos rapidamente a **tabela 1**, publicada na *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso* em 1970, de autoria de Jorge Paprocki:

Tabela 1. Acontecimentos marcantes no Hospital Galba Velloso (1963 a 1970)

1963	Abolição de toda contenção mecânica (quartos fortes)
1963	Autorização de visitas diárias dos familiares dentro das enfermarias
1963	Instalação de serviços de praxiterapia/laborterapia
1964	Instituição de porta aberta integral (<i>open door</i>)
1964	Dinâmicas de grupo com análise institucional
1964	Instalação de enfermaria de pesquisa com psicofármacos
1965	Fundação do Centro de Estudos do Galba Velloso – C.E.G.V.
1965	Implantação do serviço de Psicologia e Serviço Social
1967	Instituição de tratamento ambulatorio para egressos
1968	Implantação da primeira Residência de Psiquiatria FCM – PUC/ SSA-MG
1968	Criação da FEAP
1969	Publicação do manual de Psicofármacos
1970	Simpósio das Depressões: lançamento nacional da clorimipramina (Anafranil®)
1970	Organização do Primeiro Congresso Mineiro de Psiquiatria em Araxá

Fonte: Jorge Paprocki, *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, vol.2, 1970.

⁶⁴ PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa *Memória e Poder* da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

Tomando como referência a **tabela 1**, percebemos que as primeiras medidas adotadas por Jorge Paprocki em 1963, quando assume a direção de no HGV, foram de mudanças estruturais para implantação do sistema *open door*. Somente após isso, foi instalada a enfermaria para realizações de pesquisas psicofarmacológicas, em 1964. Desse ano até o ápice dos Paprocki Boys (em matéria de experimentos com psicofármacos), em 1970, com o lançamento do Anafranil®, houve várias modificações no hospital e na assistência psiquiátrica pública daquela instituição para tornar possível a formação desse grupo voltado para o pensamento psicofarmacológico. A criação do Centro de Estudos do Galba Velloso, a instituição da FEAP e a implantação da Residência Psiquiátrica possibilitaram maior aprimoramento e o desenvolvimento de estudos em torno daquela terapêutica. A *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, na qual eram publicados ensaios a respeito de psicofármacos testados no HGV, e o livro *Psicofármacos* foram os veículos de divulgação que deram mais visibilidade ao novo direcionamento psiquiátrico daquele hospital.

Quando o Hospital Galba Velloso começou, em meados dos anos 1960, a desenvolver pesquisas com psicofármacos em sua enfermaria, os medicamentos testados eram, principalmente, os antipsicóticos (neurolépticos). O conjunto de fontes consultadas nesta pesquisa permite-nos supor que houve dois períodos de realizações de testes psicofarmacológicos com ênfases em diferentes doenças mentais, durante a década de 1960. No primeiro período, foram realizados experimentos com antipsicóticos e, no segundo, mais para a metade final da década, a maior parte dos experimentos era com os ansiolíticos e os antidepressivos (PAPROCKI, 16/09/2010; BARRETO, 1969: 12).

As principais substâncias testadas e utilizadas no início da década de 1960 foram os fenotiazínicos, dentre os quais, merecem destaque dois deles: clorpromazina (Amplictil®) e prometazina (Fenergan®). Jorge Paprocki e o psiquiatra Fernando Velloso publicaram os resultados de alguns experimentos acerca dessas substâncias, realizados no HGV e, em uma dessas publicações, os autores descrevem os resultados encontrados em experimento efetuado com um neuroléptico fenotiazínico, o enantato de flufenazina (produto sintetizado pelos laboratórios Squibb em 1959 com o nome comercial de Anatensol®)⁶⁵. Esses ensaios clínicos foram realizados no período de abril

⁶⁵ VELLOSO, F.M. PAPROCKI, J. *Ensaio clínico com um neuroléptico fenotiazínico de ação prolongada: enantato de flufenazina (SQ 16.144)*. O HOSPITAL. Julho de 1965. Vol.68. nº1. pp.87-97.

a agosto de 1964. Paprocki e Velloso sistematizaram a pesquisa dando as referências do local em que foram realizados os testes e qual o perfil das pacientes que receberam o tratamento. A enfermaria em que se realizou a observação possuía 40 leitos, todos para pacientes com casos psiquiátricos agudos. Foi ressaltado pelos autores que esse local funcionava em regime de sistema *open door* e trabalhavam ali um psiquiatra, um interno acadêmico e três auxiliares de enfermagem. Quanto ao fluxo de pacientes, essa enfermaria apresentava em média 40 internações mensais, 30 altas e um tempo médio de permanência de 40 dias por paciente. Durante o período do teste foram internadas nessa enfermaria 200 pacientes e selecionadas para o tratamento experimental 150 delas (VELLOSO & PAPROCKI, 1965: 90).

As pacientes submetidas ao tratamento possuíam entre 17 e 79 anos de idade, apresentando distúrbios de conduta mais ou menos pronunciados, dentre os quais: quadros esquizofreniformes (45 pacientes), excitação depressivo-ansiosa psicótica (20 pacientes), excitação histérica (20 pacientes), excitação maníaca (15 pacientes), excitação epiléptica (14 pacientes), personalidade psicopática (10 pacientes), quadros de involução com excitação (8 pacientes), síndromes confusionais (6 pacientes), déficit intelectual com excitação (6 pacientes) e demência senil com excitação (6 pacientes) (VELLOSO & PAPROCKI, 1965: 90). Percebemos que há uma variação dos sofrimentos mentais que receberiam o mesmo medicamento para teste e uma grande diferença da idade das pacientes. De acordo com os autores, ao iniciar o tratamento, eles não contavam com os dados bibliográficos indicativos da posologia do “SQ 16.144”⁶⁶, por isso, tiveram que, primeiramente, testar a potência do medicamento, a toxicidade e a sensibilidade das pacientes ao mesmo. Posteriormente, testaram em grupos separados aleatoriamente, as dosagens, a duração da sintomatologia neurológica de impregnação e a periodicidade que deveria ser aplicado o remédio. Chamam-nos atenção, na aplicação do medicamento, as grandes variações por paciente: dosagens variando de 0,5 cc (10,90 mg) a 3,0 cc (65, 40 mg) e quantidade total variando de 10, 90 mg a 196, 20 mg (VELLOSO & PAPROCKI, 1965: 92).

A falta de uma indicação de posologia mínima de toxicidade sugere como ainda eram incipientes os ensaios, e como poderia ser nocivo às pacientes tal experimento. Outro aspecto que deve ser ressaltado no experimento é a falta de teste duplo-cego e/ou

⁶⁶ Esse era o código para identificação do medicamento que ainda estava em fase de testes e, portanto, não possuía nome comercial. As letras iniciais “SQ” indicam que era um produto dos Laboratórios Squibb.

com placebo. O que nos parece ser sintoma da falta de ajuste metodológico e ético criterioso no formato dos experimentos. Acerca desses ensaios, as autoras Carmen Torres Bares e Maria Dolores Escarabajal Arrieta afirmam que, na época de lançamento dos primeiros antipsicóticos, não se sabia muito sobre o modo de ação dessas substâncias, apesar de todas as pesquisas até então realizadas. Segundo elas, o conhecimento da neuroquímica e da farmacologia ainda era escasso. Somente durante a década de 1960 é que as ações antipsicóticas das fenotiazinas e das butirofenonas foram melhor esclarecidas (BARES & ARRIETA, 2005: 9). Isso pode ser observado na fala do próprio Jorge Paprocki, em entrevista cedida em 2010, na qual considerava que o maior desenvolvimento dos psicofármacos na década de 1960,

(...) coincidiu com o advento de técnicas de investigação adequadas para mostrar, inclusive do ponto de vista de aplicação de métodos estatísticos sofisticados, o que era igual, o que era melhor e o que era pior a um outro procedimento. O que valia (até então) era o prestígio de quem propôs o tratamento e não a aferição de resultados (PAPROCKI, 16/09/2010).

A afirmação acima de Paprocki em relação ao prestígio de quem propõe o tratamento nos conduz a interpretar uma influência que as indústrias farmacêuticas tinham para o desenvolvimento, o teste e a aplicação dos medicamentos, que imprimiam suas lógicas de mercado. Esses testes clínicos com drogas eram, em grande parte, financiados por indústrias farmacêuticas que intentavam lançar um novo produto no mercado. Talvez por isso, as pesquisas eram desenvolvidas muito mais em função da vontade de mostrar a eficácia do produto do que realmente abordar os problemas que esses remédios poderiam ter (BARES & ARRIETA, 2005: 12).

Francisco Paes Barreto, que participou de experimentos com psicofármacos no Galba Velloso, especificou em seu livro *Ensaio de Psicanálise e Saúde Mental* os procedimentos experimentais que passaram a ser adotados nos laboratórios para aferição de resultados mais confiáveis. Barreto exemplifica uma experiência com um antidepressivo. De acordo com ele, o procedimento continha três grupos de controle: o primeiro grupo com pacientes que receberam o novo antidepressivo; o segundo com pacientes que receberam um antidepressivo já bem estudado; e o terceiro grupo com pacientes que receberam um placebo⁶⁷. A distribuição desses tratamentos era aleatória, ou seja, qualquer paciente poderia receber um dos três possíveis tratamentos. E para que o rigor fosse maior, usava-se o ensaio duplo-cego: ninguém, nem os pacientes, nem o

⁶⁷ O placebo é uma substância quimicamente inerte ou inócua (BARRETO, 2010: 97).

responsável pelo procedimento de localização, nem o responsável pelo recolhimento dos resultados sabiam em qual grupo cada sujeito foi incluído. Apenas outro pesquisador, que controlava os trabalhos, sabia quem estava recebendo cada substância (BARRETO, 2010: 96). Francisco Barreto explica que esses procedimentos eram adotados para diminuir a subjetividade e tendenciosidade nos resultados. O critério para avaliar se houve melhora com o tratamento era a redução ou supressão dos sintomas no grupo realmente tratado com a nova droga, segundo Barreto (BARRETO, 2010: 97).

Normalmente o processo de desenvolvimento de novas drogas passava por três etapas e as pesquisas realizadas no Galba Velloso faziam parte da terceira. A primeira etapa se iniciava nos laboratórios de química, onde os princípios ativos eram identificados e novas moléculas construídas para a formação de novas drogas sintéticas. Essa etapa durava cerca de cinco anos. Eram testadas até 10.000 substâncias para encontrar por volta de 250 medicamentos que passariam por estudos nas fases seguintes. Na segunda etapa, as pesquisas eram realizadas em animais com os medicamentos produzidos. Testava-se assim, a toxicidade, a propriedade farmacológica e o potencial teratogênico⁶⁸. Esses testes também poderiam durar cerca de cinco anos. Na terceira etapa, que consistia em ensaios realizados com seres humanos, eram aplicados vários testes para verificar a eficácia da droga, a posologia e a toxicidade dos medicamentos. Esses ensaios realizados no HGV também aconteciam simultaneamente em outros centros de estudos pelo mundo. Quando uma grande indústria farmacêutica estava testando medicamentos, oferecia-os a vários grupos que estivessem interessados em participar do experimento. Isso agilizava os resultados para encontrar um medicamento que fosse eficiente no tratamento da enfermidade proposta e com possibilidades de entrada no mercado farmacológico. Em relação aos medicamentos pesquisados no Brasil, de acordo com Jorge Paprocki, “os principais lançamentos da época foram testados no Galba Velloso” (PAPROCKI, 16/09/2010; PAPROCKI, 2015: 2).

Encontramos alguns ensaios publicados por integrantes dos Paprocki Boys e pelo próprio Jorge Paprocki com o financiamento de várias empresas farmacêuticas, dentre elas: Rhodia (França), Janssen (Bélgica), Geigy (Suíça), Squibb (EUA),

⁶⁸ “Define-se como agente teratogênico qualquer substância, organismo, agente físico ou estado de deficiência, que estando presente durante a vida embrionária ou fetal, produz alteração na estrutura ou função da descendência. O aparecimento de anomalias genéticas devido a exposição à agentes potencialmente teratogênicos pode sofrer interferências de acordo com o período de exposição da gestante, do tipo do agente em que foi exposto, da duração da exposição e da dose exposta. Podendo levar a consequências tais como: aborto, prematuridade, malformações, distúrbios do comportamento e/ou aprendizado e até alteração no crescimento do bebê” Fonte: SIAT/POA.

Fontoura-Wyeth (EUA) e Pfizer (EUA). No Centro de Estudos do Galba Velloso foram experimentados medicamentos de ações variadas, tais como antipsicóticos, antidepressivos e ansiolíticos.

Paprocki destacou que participou de muitos congressos nos Estados Unidos, França e Espanha, ocasiões em que divulgou aos pares os resultados dos experimentos realizados no HGV. Consideramos que a participação de Jorge Paprocki e seu grupo de psiquiatras em eventos científicos, no Brasil e exterior, foi fundamental para fazer com que o Hospital Galba Velloso, que é um hospital da Secretaria de Saúde de Minas Gerais, ganhasse certo prestígio e credibilidade. (PAPROCKI, 16/09/2010)⁶⁹.

Para Paprocki, o que introduziu os psiquiatras do Paprocki Boys na pesquisa psicofarmacológica foi a procura por parte dos executivos e diretores científicos das indústrias farmacêuticas multinacionais que precisavam de mão de obra mais acessível. Ora, dizia Paprocki, “A oferta (da indústria farmacêutica) era simples: precisamos testar esses medicamentos ou esse medicamento, em particular, em depressão. Pagamos tanto, o prazo é X. E os direitos que você vai adquirir são de apresentar esse trabalho num congresso internacional” (PAPROCKI, 16/09/2010). Segundo os autores Iván De La Mata Ruiz e Alberto Ortiz Lobo, desde o lançamento da clorpromazina, a investigação, o desenvolvimento e a divulgação dos psicofármacos não foram tanto em função do trabalho de médicos-cientistas, mas principalmente pelo trabalho de executivos e cientistas das indústrias farmacêuticas (RUIZ & LOBO, 2012: 50).

Acreditamos que Jorge Paprocki soube aproveitar a oferta de mercado para levar adiante os seus pensamentos psiquiátricos. O dinheiro recebido pelo hospital e pelos pesquisadores que participavam desses testes deveria ser atrativo, não apenas em termos profissionais. Mas entendemos que este não era o único combustível para o funcionamento do C.E.G.V. e a Residência Psiquiátrica do Galba Velloso, que tinha seu principal elemento de estudo a funcionalidade das terapêuticas psicofarmacológicas. Estava também em jogo a credibilidade científica dos psiquiatras e das instituições.

Podemos perceber tal lógica nas palavras de Jorge Paprocki, quando afirmou que as grandes indústrias farmacêuticas

(...) compreenderam que a inversão em investigação é muito rentável sob dois pontos de vista: a de dar prestígio ao laboratório e a das possibilidades de encontrar um produto útil e, portanto, comercial.

⁶⁹PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa Memória e Poder da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

Estas grandes empresas são as que dispõem de formidáveis recursos financeiros necessários a uma investigação em grande escala (PAPROCKI, 1971: 641).

Devido à grande demanda dos psicofármacos, as indústrias farmacêuticas passaram a procurar pesquisadores fora de seu país de origem. Os países em desenvolvimento como Brasil, México e Argentina eram então os escolhidos para realização dos testes (PAPROCKI, 16/09/2010)⁷⁰. Podemos supor que a falta de recursos que existia na saúde pública brasileira, sobretudo, na saúde mental, tornava muito atrativa a oferta das grandes indústrias farmacêuticas que pagavam aos centros de estudos para testarem seus medicamentos. Outro atrativo era a falta de grandes laboratórios farmacológicos no Brasil, o que possibilitava que as indústrias estrangeiras dominassem o mercado nacional (CORRÊA, 08/09/2014). De acordo com a historiadora Maristela Duarte, os testes farmacológicos se espalharam nas instituições psiquiátricas brasileiras:

(...) na década de 1950, são realizadas pesquisas importantes sobre os efeitos das novas drogas nos pacientes psiquiátricos. Podem-se destacar os trabalhos dos psiquiatras Mário Yahn, Stanislaw Kryniski e seus discípulos, em São Paulo, no Hospital Juquery; J. Caruso Madalena, um dos mais prestigiados pesquisadores sitiado no Rio de Janeiro e Jorge Paprocki, em Minas Gerais (DUARTE, 2009: 63).

Maristela reforça que, na década seguinte, uma empresa multinacional, cujo nome não é citado, financiou pesquisas em vários hospitais. Essas pesquisas foram realizadas com pacientes esquizofrênicos por Orlando Canton e Sergio Traldi, pertencentes aos hospitais do Juquery e Franco da Rocha, em São Paulo. No Rio de Janeiro, algumas pesquisas foram realizadas em pacientes com síndromes psicóticas pelos psiquiatras J. Alves Garcia e J. Caruso Madalena, e por Luzitano R. Ferreira e Giovanni Gangemi, ligados à Casa de Saúde Dr. Eiras e à Escola de Medicina do Rio de Janeiro. “Algumas dessas pesquisas realizadas no país foram divulgadas na *Revista do Centro de Estudos Galba Velloso*, [nela] demonstrando quem eram os verdadeiros pesquisadores da Psiquiatria biológica no Brasil” (DUARTE, 2009: 64).

⁷⁰ PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa Memória e Poder da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=637727&cat=87

A respeito dos testes em pacientes, Paprocki destacou que havia muitos protestos, principalmente dos leigos, contra as pesquisas e seus procedimentos éticos⁷¹. E que a opinião pública, segundo o psiquiatra, recriminava o uso dos doentes como cobaias para experimentos de indústrias farmacêuticas. Mas, ainda segundo ele, apesar da contestação da sociedade leiga, “havia uma disputa nos países subdesenvolvidos para ser cobaia” (PAPROCKI, 16/09/2010). Provavelmente, Paprocki se referia aos psiquiatras que queriam que seus laboratórios ou centro de estudos tornassem conhecidos e, acima de tudo, fossem financiados pelas indústrias farmacêuticas, já que essa prática deveria ser muito rentável para o médico e para o hospital:

Naquela época, de governo militar, o governo não dava muita importância à saúde pública. Os interesses eram voltados para outras áreas. Então, havia uma falta de recursos em termos de medicação. O fato das indústrias realizarem essas pesquisas aqui propiciou à fatura muito grande de medicamentos e de exames, em suma, a assistência psiquiátrica pública de Minas Gerais foi muito beneficiada por isso. E também ajudou a elevar o *status* dos nossos hospitais (PAPROCKI, 16/09/2010).

Acerca dessa corrida para encontrar a eficácia terapêutica de um novo medicamento, o autor Ricardo Páez Moreno afirma que o êxito de uma nova fórmula não dependia apenas de sua originalidade e propriedades atrativas, mas também dependia de ser colocada mais rapidamente no mercado. Por isso, as indústrias farmacêuticas buscavam economizar tempo com o desenvolvimento de novos medicamentos. Para tanto, financiavam vários centros de estudos para trabalhar nas várias etapas de desenvolvimento do medicamento de maneira paralela, e não sequencialmente. O que, segundo ele, levaria a uma economia de milhões de dólares para as indústrias (MORENO, 2011: 239).

Um desses testes em medicamentos foi apresentado por Paprocki no Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria, realizado nos Estados Unidos em 1968. Nessa ocasião, Jorge Paprocki apresentou os trabalhos realizados no HGV com a substância Enantato de flufenazina (Anatensol Depot®). Segundo ele, estavam sentados na primeira fila, na hora de sua apresentação, os principais psiquiatras e psicofarmacologistas do mundo (PAPROCKI, 16/09/2010):

⁷¹ No Brasil, o sistema Comitê de Ética em Pesquisa foi criado pela resolução de 1988 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), órgão de controle social vinculado ao Ministério da Saúde (BATISTA, ANDRADE & BEZERRA, 2012:150).

Eu me senti muito pressionado e muito atemorizado porque todos eles estavam desenvolvendo ensaios, pesquisas acerca desse produto. Apenas eu tive a felicidade de acabar antes por causa da grande fatura de pacientes que eu tinha aqui e eles não tinham em seus respectivos países (PAPROCKI, 16/09/2010).

Clarice Gorenstein e Cristóforo Scavone nos ajudam a compreender o amplo empirismo reinante na psicofarmacologia na década de 1950 e sua relação com os investimentos da indústria farmacêutica. De acordo com esses autores, por causa da grande quantidade de experimentos psicofarmacológicos mundo afora:

Até o final da década de 50 já haviam sido descobertos cinco grupos de drogas capazes de promover efeitos clínicos em transtornos psiquiátricos: antipsicóticos (clorpromazina, haloperidol), antidepressivos tricíclicos (imipramina), antidepressivos IMAO (iproniazida), ansiolíticos (meprobamato e clordiazepóxido) e antimania (lítio) (GORENSTEIN & SCAVONE, 1999: 65).

O estilo de pensamento da psiquiatria que se desenvolve com os psicofármacos foi altamente influenciado pela economia de mercado das indústrias farmacêuticas. Passou-se a ser altamente lucrativo o cuidado dos doentes mentais. Isso porque o uso de drogas psicofarmacológicas, desde a década de 1960, adquiriu notoriedade e tornou-se então uma das principais terapêuticas mobilizadas pela medicina para tratar algumas doenças psiquiátricas. A respeito disso, os autores Ruiz & Lobo reforçam que “a indústria psicofarmacológica parece mais a uma grande corporação, de difícil acesso do conhecimento público, que depende fundamentalmente da promoção, do marketing, e em menor medida, da investigação para poder crescer e ganhar mais e mais benefícios” (RUIZ & LOBO, 2012: 50).

A respeito da influência mercadológica na psicofarmacologia, Jorge Paprocki escreveu:

(...) o médico é o mercado, e a empresa que é, fundamentalmente, comercial, não pode prescindir de sua finalidade. Isso tudo acarreta, muitas vezes, que aquilo que deveria ser um aperfeiçoamento, um passo adiante na terapêutica, é meramente uma limitação ou, concretamente, uma disputa de mercado (PAPROCKI, 1971: 641).

Outra evidência da influência da indústria farmacêutica no HGV, por exemplo, está no Primeiro Congresso de Psiquiatria Mineira organizado e promovido pelos Paprocki Boys. Em várias páginas dos anais do evento, há propagandas de um produto,

o Lorax® (lorazepam), fabricado e comercializado pela empresa Fontoura-Wyeth s.a. Segundo a propaganda estampada nos anais, o produto foi descoberto e desenvolvido no Instituto de Pesquisas Wyeth. O medicamento era um tranquilizante que prometia o alívio das ansiedades. Provavelmente, como o evento foi patrocinado pela indústria farmacêutica, o seu produto foi exposto e divulgado entre os participantes do congresso. Essa era uma maneira de induzir os profissionais a aderirem àquela forma de tratamento.

De acordo com o autor Ricardo Páez Moreno, algumas áreas da medicina moderna conseguem sobreviver somente através de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) complexos. E a indústria farmacêutica consegue unir dentro do mesmo espectro, as funções necessárias para a investigação, desenvolvimento e venda de um medicamento. Porém, segundo Moreno, a pesquisa e desenvolvimento de medicamentos pela indústria farmacêutica estão obrigados a servir não apenas aos interesses médico-científicos, mas também à eficiência econômica do produto (MORENO, 2011: 238). A respeito da possibilidade de inserção de um medicamento no mercado, Ricardo Moreno afirma ainda que para desenvolver uma droga, a indústria farmacêutica deve ter em consideração também a incidência da doença na população. De acordo com o tamanho da população afetada, aumenta o interesse em desenvolver medicamentos para determinadas doenças. Por isso, o tratamento para algumas enfermidades graves, mas com pouca incidência, não têm investimento significativo, continuando pouco estudadas. Isso não é determinado pelo aspecto científico, mas pelo interesse mercadológico (MORENO, 2011: 238). Portanto, o interesse em lançar no mercado medicamentos psicofarmacológicos foi elevado porque não havia, naquele período, muitas drogas formuladas especificamente para as doenças mentais e o número de enfermos era grande no mundo inteiro.

Das várias pesquisas realizadas no Hospital Galba Velloso, merece aqui destaque o lançamento americano (norte e sul-americano)⁷² da Clorimipramina Anafranil®, dos laboratórios Ciba-Geigy pelo Centro de Estudos do Galba Velloso. A Clorimipramina Anafranil® é um antidepressivo não IMAO (inibidores da monaminoxidase), cuja ação farmacológica aumentava a mobilidade espontânea provocada por substâncias estimuladoras centrais (anfetaminas). Era um medicamento recém-lançado, da série de remédios que naquele momento os laboratórios das grandes

⁷² As indústrias farmacêuticas, por vezes, faziam o lançamento de medicamentos em datas diferentes nos diversos continentes.

indústrias estavam investindo em pesquisas: os antidepressivos. Em março de 1970, essa empresa farmacêutica suíça propôs que o lançamento do Anafranil® acontecesse no Simpósio Nacional sobre Depressões, realizado no HGV (CORRÊA, 08/09/2014)⁷³. De acordo com o psiquiatra Antônio Carlos Corrêa, psiquiatras importantes do país participaram desse evento, que foi patrocinado também pela Associação Brasileira de Psiquiatria (CORRÊA, 08/09/2014)⁷⁴.

A realização desse lançamento num evento realizado no HGV tinha uma justificativa. Como exaltado pelo próprio Paprocki, “A grande festa de lançamento da Clorimipramina Anafranil foi no Galba Velloso” (PAPROCKI, 16/09/2010), ou seja, foi exatamente nas investigações realizadas no HGV que se chegou aos resultados conclusivos sobre a ação terapêutica dessa droga. Tal fato mereceu então publicidade, ou melhor, uma “festa” diante da comunidade de psiquiatras brasileiros e estrangeiros. Ao que parece, o lançamento do Anafranil® no Centro de Estudos do Galba Velloso e a realização do evento de lançamento desse medicamento proporcionaram ao HGV alguma notoriedade na psiquiatria mundial.

Outra parte importante dessa história dos psicofármacos no HGV são os esforços em se divulgar e se legitimar perante a comunidade médica os fundamentos teóricos e práticos dessa nova terapêutica. Entendemos que o HGV, desde a entrada de Paprocki no hospital em 1963, esteve cada vez mais mergulhado no estilo de pensamento psicofarmacológico e, nesse processo de afirmação dessa nova perspectiva, uma das principais realizações dos Paprocki Boys foi a publicação do manual de psicofarmacologia: *Psicofármacos*, lançado e promovido pelo Centro de Estudos do Galba Velloso em 1969. Esse livro representou a congregação das ideias defendidas pelo grupo do Galba Velloso. Para exemplificar a importância que os próprios psiquiatras do HGV deram ao lançamento do livro, encontramos na introdução escrita por Francisco Paes Barreto a defesa do pensamento psiquiátrico do grupo: “Acreditamos, destarte, no valor informativo deste trabalho, nesta época em que a psicofarmacologia assume cada vez maior importância. Familiarizar-se com ela é um imperativo para aqueles imbuídos do princípio de que se deve pensar em todos – ou apenas – nos recursos disponíveis” (BARRETO, 1969:12).

⁷³ CORRÊA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*. Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

⁷⁴ *Idem*.

Logo no prólogo do livro, Antônio Carlos Corrêa evoca também a importância daquela publicação e a finalidade que ela trazia:

Há muito que nos vimos ressentindo da falta de publicações médicas, feitas por gente nossa, que venham a satisfazer as necessidades de nosso meio e voltadas ao estudo daquilo que nos interessa mais de perto e qual se devam dar maiores atenções. Foi com essa perspectiva, e ao mesmo tempo proporcionando o desenvolvimento de novos e jovens valores humanos no cenário científico nacional, que resolvemos lançar esta publicação em caráter inédito pelo menos em nosso Estado (CORRÊA, 1969: 5).

Importante salientar, nessa citação, a ênfase dada por Corrêa ao fato da publicação ter sido empreendida por psiquiatras brasileiros, capazes de traduzir e sintetizar os conhecimentos que circulavam na comunidade internacional a respeito dos usos de drogas na psiquiatria. E mais, Correia também anuncia a intenção, corrente entre os Paprocki Boys, de se promover os psicofármacos como uma perspectiva e prática inovadora para o cenário científico nacional, “proporcionando o desenvolvimento de novos e jovens valores humanos”. No livro *Psicofármacos*, encontramos explicações sobre os medicamentos, sua forma de ação, qual a melhor indicação e a dosagem para cada problema psíquico.

O livro é dividido em três partes. A primeira parte trata dos psicolépticos. Dentre eles estão três grupos, os hipnóticos e sedativos (medicamentos reguladores do sono), os neurolépticos (fenotiazínicos, reserpina, butirofenonas) e os tranquilizantes ou ansiolíticos. A segunda parte do livro trata dos psicoanalépticos. Os dois grupos destacados são os estimulantes da vigília e os antidepressivos (inibidores da monoamino-oxidase – IMAO e os antidepressivos não IMAO). A terceira parte do livro, que foi considerada pelos próprios autores a mais original, trata das terapêuticas psicofarmacológicas em psiquiatria infantil.

O *Psicofármacos* foi uma realização dos Paprocki Boys e dedicado a Jorge Paprocki. O editor do livro foi Antônio Carlos Corrêa e o diretor do C.E.G.V.⁷⁵ José Carlos Pires Amarante. Todos os capítulos do livro foram escritos por psiquiatras que faziam parte do HGV. O prólogo foi escrito por Antônio Carlos Corrêa e a introdução por Francisco Paes Barreto. A primeira parte do livro que trata de “hipnóticos e sedativos” – medicamentos reguladores do sono – foi escrita por José de Assis Corrêa. Esse autor explica que haveria várias formas de insônia provocadas por doenças

⁷⁵ O Centro de Estudos do Galba Velloso possuía um diretor que era responsável por administrar o seu funcionamento (CORRÊA, 08/09/2014).

psiquiátricas como psicoses (agudas, acesso maníaco, acesso melancólico, psicoses confusionais e delirantes agudas) e neuroses (neurose de angústia, manifestações de conversão psicossomática, síndromes obsessivas e fóbicas, histeria, hipocondria). Nesse capítulo o autor especifica os medicamentos que poderiam ser utilizados contra os vários tipos de insônia, dentre os quais: os barbitúricos (de ação prolongada 10-12 horas (fenobarbital e barbital), de ação média 6-8 horas (amobarbital, alobarbital e butobarbital), de ação curta 4-6 horas (ciclobartital, secobarbital e pentobarbital) de ação ultra-curta ½ - 1 hora (tiopental, hexabarbital e tiamilal)). São especificados também o mecanismo de ação dos remédios, nesse caso, os barbitúricos atuam no Sistema Nervoso Central, principalmente na depressão do córtex cerebral (CORRÊA, 1969:23).

O segundo capítulo foi escrito por Francisco Paes Barreto a respeito dos neurolépticos derivados fenotiazínicos. Depois de um breve histórico acerca dos compostos neurolépticos, Barreto descreve a natureza química dos medicamentos e apresenta suas fórmulas. São apresentados pelo autor treze medicamentos diferentes que funcionam como antipsicóticos, dentre os quais estão a promazina, a levomepromazina, a trifluopromazina, a perfenazina, a flufenazina, a proclorperazina, a trifluoperazina, a tioproperazina, a propericiazina, a mepazina, a tioridazina, a prometazina e o enantato de flufenazina. Todos esses compostos eram utilizados como antipsicóticos, mas alguns tinham efeitos ansiolíticos, como era o caso da mepazina, a tioridazina e a perfenazina. O medicamento que recebe mais destaque é o enantato de flufenazina (Anatensol-Depot) que, segundo Barreto, possuía um efeito mais duradouro do que as outras drogas. Para o autor, esse produto possibilitava a manutenção dos pacientes em regime ambulatorial (BARRETO, 1969: 46).

A Reserpina é trabalhada no terceiro capítulo por João Luiz Silva Toni. Esse composto também é um neuroléptico, que o autor afirma ser mais eficiente do que a clorpromazina no combate aos quadros maníacos e síndromes delirantes (TONI, 1969: 50).

No quarto capítulo, Marco Aurélio Baggio escreve a respeito de outro grupo de neurolépticos, as butirofenonas. De acordo com o autor, o haloperidol é o principal medicamento pertencente a esse grupo. Sua ação estimularia o Sistema Reticular Talâmico, que é inibidor, acentuando-se o efeito depressor na substância reticular talamomesencefálica, o que reduziria a excitabilidade destes centros no psicótico (BAGGIO, 1969: 56). De acordo com Baggio, o haloperidol era um importante antipsicótico que possibilitou a implantação do *sistema open door* no Hospital Galba

Velloso (BAGGIO, 1969: 57). O tratamento com o haloperidol era de aplicação via intravenosa de 5 a 10 mg por dia. Essa droga também era usada no caso de psicoses crônicas em adultos, nesse caso, as dosagens poderiam chegar até 20 mg por dia (BAGGIO, 1969: 60).

Os tranquilizantes ou ansiolíticos são abordados no capítulo 5 por Cézar Rodrigues Campos. Esse autor separa os ansiolíticos em três grandes grupos: os derivados propanoicos (os principais medicamentos são: mefanasina, fenaglicodol e o meproamato), os derivados difenilmetânicos (os principais: azaciclono, benactizina e a hidroxizina) e os derivados benzodiazepínicos (os principais são: clordiazepóxido, diazepam e o oxazepam). De maneira geral, todos esses compostos eram usados em estados de ansiedade de origem neurótica, secundários a processos orgânicos, secundários a situações estressantes transitórias, bem como nos distúrbios psicofisiológicos (CAMPOS, 1969: 85).

Na segunda parte do livro em que se trata dos psicoanalépticos, José Ronaldo Procópio escreve a respeito dos estimulantes da vigília. As anfetaminas constituem o grupo mais importante desses compostos. De acordo com Procópio, as anfetaminas possuíam a fórmula parecida com a da adrenalina e provocariam euforia, sensação de bem estar, facilidade de expressão, diminuição da fadiga, etc. O autor recomenda o uso da anfetamina apenas no tratamento da narcolepsia, porque acredita que, com o aparecimento dos inibidores da MAO e dos derivados iminodibenzílicos, não se justificaria o uso dessa droga que poderia provocar dependência e risco de suicídio (PROCÓPIO, 1969: 98).

Virgílio Bustamante Rennó descreve as ações dos inibidores da monoaminoxidase (IMAO) no capítulo dos anti-depressivos. A propriedade comum em todas essas substâncias é a inibição da MAO, enzima mitocondrial existente em numerosos tecidos, principalmente cérebro, fígado e intestinos. Esta enzima catalisa algumas fases do metabolismo da serotonina. Segundo Rennó, o emprego clínico dessas substâncias tem melhor ação nas depressões reativas ou atípicas, deixando as depressões endógenas para os dibenzazepínicos (RENNÓ, 1969: 103).

O capítulo seguinte foi escrito por Arlindo Carlos Pimenta acerca dos antidepressivos não IMAO. Esses compostos poderiam ser utilizados em qualquer tipo de depressão, mas o autor afirma que era mais recomendado o uso em depressões endógenas. Percebemos que ainda aqui, essa medicação era recomendada junto ao uso

de eletroconvulsoterapia para que o efeito da droga fosse potencializado. O que nos mostra a correlação entre duas práticas terapêuticas distintas (PIMENTA, 1969: 113).

José Carlos Pires Amarante escreve o último capítulo a respeito do uso de terapêutica farmacológica em psiquiatria infantil. Amarante afirma que até então, fazia-se uma psiquiatria de adultos em criança e não uma verdadeira psiquiatria infantil (AMARANTE, 1969: 119). Nesse capítulo, o autor especifica quais os medicamentos são mais indicados para cada tipo de sofrimento mental que costumeiramente era identificado em crianças.

Pensamos os manuais como diretamente relacionados à emergência e à consolidação de um campo científico, pois neles estão os conhecimentos e práticas aceitos, problemas e métodos legítimos e partilhados pela comunidade de cientistas (BERTOMEU-SANCHEZ et.al. 2006). Este manual de psicofarmacologia trouxe o resumo do conteúdo que era empregado no mundo da psiquiatria naquele período. Vemos, portanto, na descrição acima, um esforço por parte dos Paprocki Boys para traduzir, ou melhor, tornar acessível esse conteúdo perante a cultura médico-científica da psiquiatria brasileira. Isso pode ser identificado, por exemplo, nas referências bibliográficas do livro, onde os principais periódicos de psiquiatria são citados, assim como os mais destacados psiquiatras daquela época. Os temas e a disposição dos conteúdos também são reveladores do processo criativo de apresentação dos saberes e práticas a serem partilhados.

O modo de construir cada artigo do livro foi parecido: primeiro foi traçada uma história resumida daquele tipo de psicotrópico que seria tratado no capítulo, depois abordavam o mecanismo e local de ação da droga, o metabolismo do fármaco e sua absorção eram discutidos em seguida. Após tais explicações, descreviam a indicação e usos terapêuticos e, por fim, teciam comentários acerca da tolerância e toxicidade do medicamento. Para tanto, apresentavam as fórmulas químicas dos psicofármacos e a maneira que ele agiria no organismo. Por exemplo, naqueles que tratam das drogas neurolépticos, o detalhamento da fórmula química dos psicofármacos e suas ações farmacológicas são muito minuciosas, com especificidades da natureza química de alguns compostos. Parece-nos que o livro *Psicofármacos* estava se reportando a um grupo mais especializado de médicos-cientistas, que conseguiriam compreender o nível de detalhamento discutido ali. Há, em alguns capítulos, a descrição de experiências com psicofármacos utilizados no Galba Velloso que são tomados como exemplo de uso bem-sucedido das drogas, constituindo-se mais um modo de afirmar o conhecimento

psicofarmacológico. Esse livro mostrou o conhecimento acerca da psicofarmacologia que os Paprocki Boys possuíam e, por meio dele, puderam colocar mais uma vez o nome do hospital e o dos Paprocki Boys como uma referência científica para a psiquiatria brasileira.

Apesar de todo o esforço dos psiquiatras do Hospital Galba Velloso para empreender e promover seus estudos, e outras tantas realizações científicas relacionadas aos psicofármacos, havia, dentro do próprio hospital e do grupo dos Paprocki Boys, algumas controvérsias sobre o modo de uso desses medicamentos. Por exemplo, no Primeiro Congresso Mineiro de Psiquiatria, Vicente Santos Dias⁷⁶ afirma, no grupo de debate intitulado *Posição atual das terapêuticas farmacológicas no hospital psiquiátrico*, que mesmo com o desenvolvimento de drogas antidepressivas, a eletroconvulsoterapia era o agente antidepressivo mais utilizado no Galba Velloso. Segundo o relato do grupo, os antidepressivos tinham um tempo de latência que prolongava o tempo de permanência do paciente no hospital, favorecendo a superlotação, os psiquiatras disseram que preferiam, em sua maioria, o uso de antidepressivos com aplicação de eletroconvulsoterapia, porque o efeito era mais rápido e duradouro (DIAS, 1970: 56).

Nesse mesmo grupo de debate, há também discrepâncias no que tange ao uso dos fármacos e a suas indicações. Alguns participantes divergiam em relação à dosagem utilizada em diversos fármacos e sob qual circunstância determinadas substâncias deveriam ser utilizadas. E ressaltavam: “Foi salientado pelo grupo as limitações econômicas dos hospitais públicos, o que obriga muitas vezes, o psiquiatra a receitar o que tem à mão e não o que seria mais indicado” (DIAS, 1970: 57). Todavia, ao final do relatório, o grupo indicou que as oportunidades e facilidades proporcionadas pelos psicofármacos para os médicos e pacientes não seriam aproveitadas no meio psiquiátrico como deveriam. Muitas vezes o psicofármaco era utilizado sozinho, sem nenhum tipo de terapia auxiliar. Por isso, o fármaco era responsabilizado pelos insucessos nos tratamentos (DIAS, 1970: 60).

Podemos também observar um exemplo da continuidade dos tratamentos biológicos coexistindo com a psicofarmacologia no próprio manual *Psicofármacos*. No capítulo acerca das butirofenonas, escrito por Marco Aurélio Baggio, há uma parte em que o autor trata da associação do haloperidol com outros fármacos e tratamentos.

⁷⁶ Membro do Hospital Galba Velloso na década de 1960. Um dos Paprocki Boys.

Segundo Baggio escreveu, o haloperidol vinha sendo usado simultaneamente ao emprego da insulinoterapia e da eletroconvulsoterapia, e que, em experiência no Hospital Galba Velloso, essa associação demonstrou efeitos benéficos com melhores resultados clínicos por períodos mais longos (BAGGIO, 1969: 60). Naquele momento, as terapêuticas biológicas e psicofarmacológicas ainda não pareciam se apresentar de maneira antagônica.

Podemos supor que estas congruências entre teorias que pareciam ser divergentes aconteciam porque o estilo de pensamento ainda não era hegemônico no âmbito da psiquiatria. Encontramos, mesmo no livro *Psicofármacos*, no segundo capítulo, escrito por Francisco Paes Barreto a respeito dos neurolépticos derivados fenotiazínicos, na parte que trata das indicações clínicas, uma dúvida do próprio autor quanto a melhor terapêutica: qual tratamento contra a esquizofrenia seria melhor, as terapêuticas usadas antes (eletrochoque, cardiazol, insulina, lobotomia) ou os psicofármacos? De acordo com Barreto, essa era uma questão difícil de ser respondida, porque dependia do conceito de cura de cada autor, não havia ainda uma experiência clínica tão vasta a respeito dos neurolépticos para ser conclusiva sobre os fármacos. Havia muitas divergências entre os autores a respeito dos dados encontrados e, por último, o autor ainda afirma que os psicofármacos não deveriam constituir um tratamento único, empregado por si só, mas parte do tratamento (BARRETO, 1969: 39).

Percebemos que, apesar dos psicofármacos terem tido o potencial para proporcionar uma mudança no estilo de pensamento da psiquiatria, até aquele momento ainda não existia um entendimento suficiente dos efeitos que os medicamentos poderiam provocar nos pacientes. Após esse período de divulgação dos primeiros psicofármacos, a psiquiatria passa por um momento chamado de segunda geração de antipsicóticos, que aconteceu na década de 1980. Essa nova geração de psicofármacos trazia medicamentos com menos sintomas extrapiramidais, por isso eram chamados de atípicos. Mais confiáveis do que aqueles da primeira geração, o que ajudou a reforçar esse tipo de terapêutica (BARRETO, 2010, 110). Acreditamos que a década de 1960 ainda era um período de plenas transformações com o recém advento psicofarmacológico, que vislumbrava a mudança estrutural do hospital psiquiátrico, mas que, na prática, só aconteceria cerca de dez anos mais tarde com a Reforma Psiquiátrica através do movimento dos trabalhadores de saúde mental.

Jorge Paprocki, considerado pelos psiquiatras do Hospital Galba Velloso o líder médico-científico daquele grupo, conseguiu utilizar a seu favor as inovações

terapêuticas que apareceram durante sua estada naquela instituição. Formou um grupo especializado em teorias consideradas modernas naquele contexto e, mesmo após sua saída do HGV, continuou com seu projeto de desenvolvimento de psicofármacos, criando o Grupo de Estudos Avançados de Psicofarmacoterapia.

O estilo de pensamento que estava em franco desenvolvimento naquele período se fortaleceu e se tornou uma terapêutica muito mais aceita no século atual, a ponto de haver discussões acerca da banalização da prescrição de psicofármacos (BARRETO, 2010: 112; FERRAZA et al., 2010: 381). Atualmente, qualquer sinal de sofrimento psíquico pode ser rotulado como uma patologia cujo tratamento será a administração de psicofármacos (AMARANTE, 2007; BARROS, 2008). Essa tendência tem-se ampliado de tal modo que se pode falar da ocorrência de uma generalizada “medicalização do social” ou, ainda, uma “psicofarmacologização do sujeito” (FERRAZA et al., 2010: 382).

Considerações finais:

A história da psiquiatria foi marcada por momentos de grandes transformações durante o século XX. De acordo com essa constatação, a presente pesquisa parte da ideia de que houve uma mudança no estilo de pensamento da ciência psiquiátrica, que se tornou imbricada com saberes desenvolvidos em algumas áreas do conhecimento como: a psicologia, psicanálise, a biologia (a partir da genética, por exemplo) e a farmacologia. Isso propiciou um melhor entendimento das doenças mentais (JUCÁ, 2010: 323).

O contexto da psiquiatria que abordamos neste trabalho diz respeito a um momento de implantação da psicofarmacologia em Minas Gerais. O presente estudo demonstrou que um marco dessa implantação foi a realização, nesse estado, de experimentações com as várias drogas que começaram a surgir desde a década de 1950 no cenário médico-científico mundial e que passaram a ser propostas como um melhor tratamento para algumas doenças. Consideramos que a partir do surgimento da clorpromazina (droga considerada por alguns autores o primeiro medicamento antipsicótico), os psiquiatras começam a ter controle maior sobre alguns sofrimentos mentais, o que antes só acontecia com a contenção física ou com terapêuticas muito agressivas como a lobotomia ou eletroterapia (DUARTE, 2009: 60).

Para tanto, analisamos um grupo de psiquiatras que se formou no Hospital Galba Velloso, durante a década de 1960, sob orientação do médico-psiquiatra Jorge Paprocki. Grupo de psiquiatras – conhecido como “A Turma do Galba” ou, como preferimos nos referir neste trabalho, os *Paprocki Boys* – que passou a partilhar de um mesmo estilo de pensamento psiquiátrico. A formação desses médicos se deu, principalmente, direcionada à terapêutica psicofarmacológica, que era a novidade da psiquiatria naquele momento no Brasil e, sobretudo, em Minas Gerais. Acreditamos que o advento da psicofarmacologia foi uma das abordagens terapêuticas determinantes para as mudanças do pensamento psiquiátrico na segunda metade do século XX, o que tem sido considerado como uma “psicofarmacologização social”⁷⁷ (FERRAZA et al., 2010: 382).

⁷⁷ Ferraza et al utilizam o termo “medicalização social” para se referirem a generalização do uso de psicofármacos. De acordo com esses autores, “os psicofármacos instituíram-se como o recurso terapêutico mais utilizado para tratar qualquer mal-estar das pessoas, em que se destacam a tristeza, o desamparo, a solidão, a inquietude, o receio, a insegurança, ou até mesmo a ausência de felicidade” (FERRAZA et al., 2010: 382).

Esses psiquiatras do HGV conseguiram se articular politicamente para conseguirem levar adiante uma proposta para tal redirecionamento de pensamento e promover algumas mudanças no cenário da psiquiatria em Minas Gerais. O Galba Velloso, a partir de 1963, passou a funcionar com as “portas abertas”, num sistema mais próximo ao modelo ambulatorial, sem contenções físicas como existia ainda na maioria dos hospitais psiquiátricos. A psicanálise e a comunidade terapêutica orientaram o funcionamento do HGV durante a década de 1960. Além disso, foi criado por Paprocki e seus discípulos o Centro de Estudos do Galba Velloso, que promovia estudos acerca da psiquiatria, sobretudo, da psicofarmacologia. A primeira Residência Psiquiátrica de Minas Gerais, o lançamento do primeiro manual de psicofarmacologia do Brasil, o *Psicofármacos*, a criação da revista especializada e a organização do I Congresso Mineiro de Psiquiatria também foram produções dos Paprocki Boys nesse período. Essas ações deram suporte para que os psiquiatras do Galba Velloso promovessem suas novas abordagens terapêuticas.

Os Paprocki Boys conseguiram levar adiante o estilo de pensamento do qual o grupo partilhava. Entretanto, mesmo dentro do grupo havia coletivos de pensamentos diferentes e opostos, o que supomos, levou a desagregação do grupo, em 1971 com a saída de Jorge Paprocki do Galba Velloso. A desagregação desse grupo é uma questão que não pôde ser totalmente respondida neste trabalho e ainda pode ser melhor desenvolvida. Acreditamos que as divergências entre os psiquiatras que faziam parte dos Paprocki Boys estariam relacionadas às adesões e/ou às críticas ao movimento de Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais. O presente trabalho trata de um momento, entre as décadas de 1960 e 1970, que podemos chamar de antessala da Reforma Psiquiátrica, por ser o período de transformações que antecede à Reforma. Sabemos que esse movimento se fortalece, principalmente a partir do ano de 1979 com as denúncias feitas por parte da imprensa e dos trabalhadores em saúde mental, contra as condutas médicas dentro dos hospitais psiquiátricos e que ganharam notoriedade no III Congresso Mineiro de Psiquiatria ocorrido em novembro daquele ano.

O recorte de análise desta dissertação não abarca as mudanças promovidas pela Reforma Psiquiátrica. Todavia, acreditamos que este trabalho contribui, de algum modo, para a compreensão do período da pré-Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais. Momento que carece ainda de mais estudos para entender as condições históricas que ocasionaram a Reforma bem como o desenrolar de um estilo de pensamento da

psiquiatria que, nos anos seguintes, impactou os modos de conceber e tratar as doenças mentais.

Fontes:

- AMARANTE, José Carlos Pires. *Psicofármacos*. Trabalho do Departamento de Publicações do Centro de Estudos do Galba Velloso: Belo Horizonte, 1969.
- BAGGIO, Marco Aurélio. *Uma história da psiquiatria mineira: a turma do Galba*. Jornal Mineiro de Psiquiatria. Belo Horizonte, ano VI, ed., 16, 1993.
- BARRETO, Francisco Paes. *Reforma Psiquiátrica & Movimento Lacaniano*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- BARRETO, Francisco Paes. *Ensaio de psicanálise e saúde mental*. Belo Horizonte: Scriptum, 2010.
- CORREIA, Antônio Carlos. *Da psicodinâmica às neurociências: retrospecto de meio século de psiquiatria em Minas Gerais*. Postado em: 8 de setembro de 2014. Disponível em: <http://centrodeatencaocognitiva.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.
- NEVES, Flávio. *Trinta anos esta noite: Reflexões de um observador distante, porém atento, sobre a prática da psiquiatria hoje*. Belo Horizonte, 1999 (mimeo).
- PAPROCKI, J.; SEABRA, F.; CLARK, M.; ANDRÉS, A. C. *Emprego de anestesia e curarizante sintético em convulsoterapia por eletrochoque*. Revista Médica de Juiz de Fora. Juiz de Fora. v. 6. Nº 21, 22, 23, 24. Março-junho-setembro-dezembro, 1960.
- PAPROCKI, J. e RANGEL, Eunice. “Open door” integral em Hospital Psiquiátrico público. *Folha Médica*. Rio de Janeiro. v. 58, n.5, p. 604-609, mai.91-106, 1969.
- PAPROCKI, Jorge. *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, vol.1, 1969.
- PAPROCKI, Jorge et al. *Anais do 1º Congresso Mineiro de Psiquiatria*. Araxá, 1970.
- PAPROCKI, Jorge. *Revista do Centro de Estudos do Galba Velloso*, vol.2, 1970.
- PAPROCKI, Jorge. Perspectivas da psicofarmacologia do ponto de vista clínico. *A Folha Médica*. Maio de 1971. Vol. 62. Nº 5.
- PAPROCKI, Jorge. Alguns fatores inespecíficos na avaliação clínica de psicofármacos. *Folha Médica*, Rio de Janeiro: 1975.
- PAPROCKI, Jorge. *Regulamentações da industrialização de medicamentos*. Postado em 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://jorgepaprocki.wix.com/>. Acessado em 02 de setembro de 2015.
- PAPROCKI, Jorge. *Indústria Farmacêutica: origens e classificações*. Postado em 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://jorgepaprocki.wix.com/>. Acessado em 02 de setembro de 2015.

PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria: apontamentos para a história da Psiquiatria mineira á luz das suas publicações (III). *Psychiatry on line Brasli.*v.11, n. 6, Jun. de 2006.

VELLOSO, F.M. PAPROCKI, J. Ensaio clínico com um neuroléptico fenotiazínico de ação prolongada: enantato de flufenazina (SQ 16.144). *O HOSPITAL*. Julho de 1965. Vol.68. nº1. pp.87-97.

Entrevistas:

BARRETO, Francisco Paes. Entrevista concedida em 20 de junho de 2006 à Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart como parte do Projeto intitulado “As instituições universitárias e a construção da reforma psiquiátrica em Minas Gerais anos 60, 70 e 80”, sob a coordenação da Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart. Belo Horizonte, FAPEMIG/UFMG/PUC-Minas 2005-2007.

BLAYA, Marcello. Entrevista de Marcelo Blaya para o Museu da Medicina do Rio Grande do Sul, cedida em 29/06/2012. Disponível em: <http://www.muham.org.br/index.php?formulario=noticias&submenu=&metodo=0&id=321#blaya>. Acessado dia: 15 de novembro de 2014.

GARCIA, Célio. Entrevista concedida em 19 de maio de 2007 à Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart como parte do Projeto intitulado “As instituições universitárias e a construção da reforma psiquiátrica em Minas Gerais anos 60, 70 e 80”, sob a coordenação da Prof. Dra. Maria Stella Brandão Goulart. Belo Horizonte, FAPEMIG/UFMG/PUC-Minas 2005-2007.

PAPROCKI, Jorge. Entrevista cedida ao programa *Memória e Poder* da TV Assembleia: Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Exibida dia: 16/09/2010. Disponível em: http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=63772&cat=87. Acessado dia 29 de setembro de 2014.

Bibliografia:

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.

AMARANTE, Paulo Duarte. (Coord.). *Loucos pela vida: a reforma psiquiátrica no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. p. 28.

AMARANTE, Paulo Duarte & TORRE, Eduardo Henrique Guimarães. *Michel Foucault e a “História da Loucura”: 50 anos transformando a história da psiquiatria*. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, V. 3, n. 6, p. 41-64.

ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1973.

BARES, Carmen Torres & ARRIETA, Maria Dolores Escarabajal. *Psicofarmacología: Una aproximación histórica*. Anales de Psicología: Murcia. vol. 21, nº 2, diciembre, 2005.

BATISTA, Kátia Torres; ANDRADE, Rildo Rinaldo de; BEZERRA, Nilzete Laurentino. O papel dos comitês de ética em pesquisa, *Revista Brasileira Cirurgia Plástica*. 2012;27(1):150-5150.

BERCHERIE, Paul. *Los fundamentos de la clínica: Historia e estructura del saber psiquiátrico*. Buenos Aires:Manantial, 1986. 332 p.

BERTOMEU-SÁNCHEZ, José Ramón. BELMAR, Antonio García. LUNDGREN, Anders & PATINIOTIS, Manolis. Introduction: Scientific and Technological Textbooks in the European Periphery. *Science & Education* (2006) 15:657–665.

BORENSTEIN, M.S.; PADILHA, M.I.C.S.; RIBEIRO, A.A.A.; PEREIRA, V.P.; RIBAS, D.L.; COSTA, E. *Terapias utilizadas no Hospital Colônia Sant’Ana: berço da psiquiatria catarinense (1941-1960)*. Rev. Bras. Enferm. 2007 nov-dez; 60(6): 665-9.

BOURDIEU, Pierre. *A causa da ciência: Como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências*. Trad.: Gabriel Fernandes. Política & Sociedade, nº1, novembro de 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica no campo científico*. trad. Denice Barbaro Catani. São Paulo: Editoro UNESP. 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Trad.: Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70 LTDA, 2004.

BIRMAN, J.; COSTA, J. F. Organização de instituições para uma psiquiatria comunitária. In: AMARANTE, P. (org). *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, p. 41-72.

CANGUILHEM, George. *O normal e o patológico*. tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva ; Discurso sobre o espírito positivo ; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo ; Catecismo positivista / Auguste

Comte ; seleção de textos de José Arthur Giannotti ; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. — São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Os pensadores). pg. XII.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). *Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

COSTA, J. F. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 5ª ed., 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da Ordem: A doença mental na República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

DAKER, Maurício Viotti. *Demência precoce na sexta edição de Kraepelin em 1899*. rev. Casos Clínicos em Psiquiatria. 1999; 1; ano 1. p. 59-67.

DEL PRIORE, Mary e VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DULCI, Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DUARTE, Maristela Nascimento. *De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”. Conceções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. Estudo de caso*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

DUNKER, C. I. L. - *Clínica, Linguagem e Subjetividade*. Distúrbios da Comunicação. v.12, p.39 - 61, 2001.

EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi*. Paris: Odile Jacob, 1998.

ENGEL, Magali Gouveia. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

FERRAZA, Daniele de Andrade; LUZIO, Cristina Amélia; ROCHA, Luiz Carlos da; SANCHES, Raphael Rodrigues. A banalização da prescrição de psicofármacos em um ambulatório de saúde mental. *Paidéia*, 2010, set-dez, vol.20, no.47, 381-390.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

FERREIRA, MM., ALBERTI, V. and FERNANDES, TM. orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.

- FIRMINO, Hiram. *Os porões da loucura*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Trad. Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad.: Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Imago: Rio de Janeiro, 1950.
- FROTA, Leopoldo Hugo. *50 anos de medicamentos antipsicóticos em psiquiatria*. Colégio Pedro II: Rio de Janeiro, 2003.
- GARRABÉ, Jean. La historia de la introducción del litio en medicina y psiquiatría El nacimiento de la psicofarmacología moderna en 1949. *Salud Mental*, Vol. 35, No. 6, noviembre-diciembre 2012 ;35:541-544.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 18ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GORENSTEIN, Clarice & SCAVONE, Cristóforo. *Avanços em psicofarmacologia - mecanismos de ação de psicofármacos hoje*. Revista Brasileira de Psiquiatria, 21 (1), 1999.
- GOULART, Maria Stella Brandão et. al. *Hospital Galba Velloso e as vicissitudes da história da reforma psiquiátrica mineira nos anos 60*. FAPEMIG/ FIP/PUC Minas. Belo Horizonte, 2008, (prelo).
- GOULART, Maria Stella Brandão, *Hospital Galba Velloso e suas histórias*. V Encontro da Regional Sul da Associação Brasileira de História Oral: Desigualdades e Diferenças. UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon maio de 2009.
- GOULART, Maria Stella Brandão. *Ensino e produção científica no campo psiquiátrico de Minas Gerais*. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, v.4, n.9, p. 33-51, 2012.
- GOULART, Maria Stella Brandão. Comunidades terapêuticas: conceito e prática de uma experiência dos anos sessenta. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 5 - n. 2, p. 53-69, jul./dez. 2014.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947): Estudo histórico do Asilo São João de Deus/Hospital Juliano Moreira*. Tese (Doutorado) -

Curso de Doutorado de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública-ENSP, da Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ-MS, 2001. p. 51.

JONES, Maxwell. A Comunidade Terapêutica. Trad. Lúcia de Andrade Figueira Bello. Petrópolis: Vozes, 1972.

JUCÁ, Vlândia. A cura em saúde mental: história e perspectivas atuais. in: *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Yonissa Marmit Wadi & Nádia Maria Weber Santos (org.). Uberlândia: EDUFU, 2010.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos escudos científicos*. Trad.: Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LÓPEZ-MUÑOZ, F. & ÁLAMO, C. *Historia de la neuropsicofarmacología*. Madrid: Eurobook, 1998.

LÓPEZ-MUÑOZ, Francisco; ÁLAMO, Cecílio; CUENCA, Eduardo. *ASPECTOS HISTÓRICOS DEL DESCUBRIMIENTO Y DE LA INTRODUCCIÓN CLÍNICA DE LA CLORPROMAZINA: MEDIO SIGLO DE PSICOFARMACOLOGÍA*. Universidad de Alcalá: FRENIA, Vol. II-1-2002.

LOWY, Ilana. Fleck e a historiografia recente da pesquisa biomédica. In: PORTOCARRERO, Vera, org. *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 272 p.

MARQUES, Rita de Cássia.; SILVEIRA, Anny Jackeline. & FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (org.). *História da saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri, SP: Minha Editora, 2011.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Um sistema instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX. in: *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Yonissa Marmit Wadi & Nádia Maria Weber Santos (org.). Uberlândia: EDUFU, 2010.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. *A presença de Igor Caruso no Brasil*. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte-MG, n. 39, p. 47–52, Julho/2013.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. *Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas*. In: rev. Ciência & Saúde, 2006. pp – 515-526.

MORENO, Ricardo Páez. La investigación de la industria farmacéutica: ¿condicionada por los intereses del mercado? *Acta Bioethica*, 2011; 17 (2): 237-246.

MORETZSOHN, Joaquim Affonso. *História da psiquiatria mineira*. Belo Horizonte: Coopmed Editora, 1989.

ODA, A. M. G. R; DALGALARRONDO, P. *História das primeiras instituições para alienados no Brasil*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 3, p. 983-1010, set.-dez. 2005.

PINÇON Michel, PINÇON-CHARLOT Monique. EHRENBURG Alain, *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. In: Revue française de sociologie, 1999, 40-4. pp. 778-780;

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PEREIRA NETO. André Faria de. *Ser médico no Brasil: o presente no passado Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

PORTER, Roy (org). *Cambridge: História Ilustrada da Medicina*. Trad.: Geraldo Magela Gomes da Cruz. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 2001.

PORTOCARRERO, Vera, org. *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 272 p.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

RODRIGUES, Joelson Tavares. *A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 2003.

RUIZ, Iván de la Mata & LOBO, Alberto Ortiz. *Industria Farmacéutica y Psiquiatria. Debates. Madrid*, 2012.

SALGADO, Clovis; MONTEIRO, Norma de Góes. *O Brasil de Clóvis Salgado*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007. 225 p.

SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira & KYRILLOS NETO Fuad. *Contribuições para uma historiografia da psicanálise em Minas Gerais*. Analytica: São João del-Rei, v. 3, n. 4, p. 145-172, janeiro/junho de 2014.

SILVA, Mary Cristina Barros. *Repensando os porões da loucura: um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

SILVEIRA, Renato Diniz. *Projeto Lopes Rodrigues: continuidades e rupturas nas conexões entre ensino psiquiátrico e prática assistencial em Minas Gerais (1920-1930)*. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães & AMARANTE, Paulo. *Michel Foucault e a "História da Loucura": 50 anos transformando a história da psiquiatria*. Florianópolis: Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, V. 3, n. 6, p. 41-64.

URUCHURTU, I.E. *HISTORIA DE LA PSICOFARMACOLOGÍA*. Tratado de Psicofarmacologia, Editorial Médica Panamericana, 2010.

YASUI, Silvio. *Rupturas e Encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

WADI, Yonissa Marmitt. *Palácio para guardar doidos: Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.